SETH FALA SOBRE O CONCEITO DE DEUS E CRISTO

Tradução:
Amadeu Duarte

(Capítulo 18 de Seth Material)

"Ele não é humano conforme o entendeis, apesar de ter atravessado estágios humanos, e nisso o mito Budista é o que mais se aproxima da realidade. Ele não é um indivíduo mas uma gestalt de energia (noção análoga ao termo sinergia, ou um processo de formação em que a qualidade do todo formado pelas respectivas partes constituintes é mais do que a soma dessas partes). Se recordardes aquilo que referi em relação ao modo como o universo se expande, que nada tem que ver com o espaço, então talvez possais vagamente perceber a existência de uma pirâmide de consciência psíquica interrelacionada e em constante expansão que cria, instantânea e simultaneamente inversos e indivíduos, que por intermédio do dom da perspectiva pessoal são dotados de duração, compreensão psíquica, inteligência e validade eterna.

Essa gestalt psíquica absoluta e instantânea e em constante expansão a que podeis chamar Deus se o preferirdes, acha-se de tal modo segura de si que é capaz de se desmembrar e de se reconstruir. A sua energia é de tal modo incrível que realmente molda todos os universos; e devido a que a sua energia se ache em todos os universos e por detrás deles, (sistemas e campos de energia) é que de facto tem consciência de cada pardal que tomba sem vida por se achar no pardal que tomba sem vida."

Tal como mencionado anteriormente, todavia, o material Seth não ignora questões mais profundas que se prendem com os "começos" da consciência e da realidade. Penso mesmo que esse material é capaz de se equiparar ao que de melhor já se terá publicado no nosso tempo. No campo metafísico. Por tal razão é que dou continuidade a este capítulo de excertos em que Seth fornece uma explicação mais cabal do tempo e do espaço, assim como das realidades prováveis para em seguida nos conduzir, passo a passo, para o debate de Deus.

A ideia que fazeis do espaço e do tempo é determinada pela estrutura neuronal que tendes. A camuflagem é de tal modo executada com engenho pelo eu interno que precisais, necessariamente, focar a vossa atenção na realidade física que foi criada. As drogas psicadélicas alteram-vos as percepções dos neurónios em razão do que passam a poder fornecer-vos ligeiros vislumbres de outras realidades. Essas outras realidades, claro está, existem quer as percebais ou não.

Na verdade o tempo tem existência no salto que as pulsações imprimem sobre os terminais nervosos, em razão do que deveis passar a experimentar intervalos, por esse não constituir um procedimento simultâneo. Passado, presente e futuro parecerão altamente convincentes e lógicos quando se dá um lapso, um intervalo entre cada experiência percebida. Tal lapso, todavia, não tem existência em muitas outras estruturas da personalidade, em que os eventos são percebidos em simultâneo. As reacções são também,

na concepção que tendes, quase instantâneas. O crescimento e desafio são fornecidos não em termos de conquista ou de desenvolvimento no tempo, mas em vez disso em termos de intensidades. Uma personalidade assim é capaz não somente de reagir e de apreciar o evento A, digamos, no vosso tempo presente, como também é capaz de experimentar e de compreender o evento A em todas as suas ramificações e probabilidades.

Obviamente tais personalidades necessitam de muito mais do que sistemas neurológicos com que estais presentemente equipados. O vosso próprio sistema neurológico é físico, mas baseia-se nas vossas capacidades interiores, como o "agora" e traduz a manifestação de uma estrutura psíquica interior. Muitas outras estruturas da personalidade não necessitam de uma estrutura perceptiva materializada como essa, mas uma organização psíquica interior sempre se impõem.

O vosso tempo - passado, presente e futuro - tal como o concebeis seria totalmente experimentado como presente por muitas dessas personalidades. No entanto o vosso passado, presente e futuro seriam por completo experimentados como passado no caso de outras estruturas da personalidade. Imaginai, pois, passado, presente e futuro como o delinear de uma linha singular de experiência, segundo os termos que empregais; linha essa, todavia, que prossegue indefinidamente.

Outras estruturas da personalidade pertencentes a outras dimensões poderiam desse modo, teoricamente, observá-lo do ponto de vista de uma infinidade de ângulos ou perspectivas. Todavia, isso ainda encerra mais. A linha singular que representa a experiência física constitui simplesmente o fio superficial ao longo do qual parecemos viajar. Constitui todo o segmento que percebemos, pelo que, quando imaginamos ou vislumbramos outras dimensões somos forçados a pensar em termos de observadores que, muito acima do segmento, olham para baixo e o observam a partir de um ponto de vista qualquer. Na realidade, se seguirmos a imagem, e estritamente a título de analogia, apresentar-se-á um número infinito de segmentos ou fios, tanto acima como abaixo dos vossos, como parte de uma inconcebível teia miraculosa.

Contudo, cada fio ou segmento não se revelaria unidirecional mas conteria muitas dimensões, e possivelmente, caso soubessem como, indiciaria formas de saltar de um segmento para o outro. Não seriam forçados a seguir nenhum fio em particular de um modo único.

Agora; existem personalidades suficientemente desenvolvidas para conseguirem isso. Cada acto de saltar, por assim dizer, forma um novo segmento. Dando seguimento à analogia que empregamos, imaginai-vos como um sujeito (ou Eu) A. Vamos começar por os posicionar na realidade física no segmento A, apesar de já terdes atravessado muitos outros segmentos para chegardes onde vos encontrais.

Sem atalhos nem um crescimento médio, qualquer sujeito A viajaria do segmento A ao longo da linha estreita até ao infinito. Num ponto ao acaso, contudo, o segmento A tornar-se-ia num segmento B. Do mesmo modo, o segmento B tornar-se-ia no segmento C e por aí adiante. Num determinado ponto inconcebível, todos os segmentos seriam percorridos.

Agora, no segmento A, o sujeito A não tem consciência – no seu presente – dos sujeitos futuros situados nos outros segmentos. Unicamente pelo conhecimento de um desses sujeitos futuros poderá ele tomar consciência da natureza desta estranha estrutura ao longo da qual está a viajar. Existe, contudo, um sujeito Eu que já percorreu esses corredores de que os outros fazem parte. Esse sujeito/Eu comunica através dos sonhos e estados dissociados com os vários sujeitos/Eu que estão a ascender. À medida que isso se avoluma em termos de realização de sentido de valor, ele pode passar a tomar consciência desses viajantes que percorrem outros segmentos, que para ele parecerão sujeitos/Eu futuros.

Tudo isto soa um tanto complicado, mas apenas por termos que lidar com palavras. Espero que sejais capazes de o compreender intuitivamente. "Entretanto", o Eu global forma novos segmentos de actividade, entendam. As estruturas em que se enquadra que deixa para "trás", poderão ser utilizados por outros. O propósito assenta muito simplesmente na existência, em oposição de uma não-existência.

Eu estou a narrar-vos aquilo de que tenho conhecimento, mas há muita coisa que desconheço. Eu sei que auxílio é estendido de um em relação ao outro e que a extensão e a expansão disso constitui uma ajuda à existência.

Agora – e isto vai parecer uma contradição de termos – existe uma não-existência. Trata-se de um estado que não traduz nada algum, mas uma estado em que as probabilidades e possibilidades são conhecidas e antecipadas mas cuja expressão é bloqueada.
Vagamente, ao longo do que descreveríeis como história, existiu um estado assim, que dificilmente seria recordado. Foi um estado de agonia em que os poderes da criatividade e da existência eram conhecidos mas em que os modos de os produzir eram desconhecidos. Essa foi a lição que o Tudo Quanto Existe teve que aprender, por não poder ser ensinada. Essa foi a agonia de que a criatividade original brotou, e os seus reflexos ainda são notados."

Seth menciona o termos Deus com moderação, habitualmente quando conversa com os estudantes, que estão habituados a pensar em termos teológicos. Por regra, ele fala nos termos de Tudo Quanto Existe ou de Gestalts Primárias de Energia.

"Parte deste debate está destinado a ser distorcido, por precisar explicar-vos isso em termos de tempo, conforme o entendeis. Assim, e para vosso benefício, mencionarei um passado hipotético incrivelmente distante em que os eventos terão ocorrido. Tudo Quanto

Existe retém lembranças desse estado, que servem como um ímpeto constante – nos vossos termos – rumo a uma criatividade renovada. Cada Eu, enquanto parte do Tudo Quanto Existe consequentemente, retém lembranças desse estado. É por essa razão que cada consciência diminuta é dotada de um ímpeto para a sobrevivência, para a mudança e a criatividade.

Não basta que Tudo Quanto Existe constitua uma Forma de Consciência Primordial que deseje tornar-se mais, mas é preciso que cada porção dele também carregue essa determinação. Todavia, a própria agonia foi utilizada como um meio e serviu de impulso suficientemente forte para que Tudo Quanto Existe iniciasse em si mesmo os meios para passar a existir.

Se todas as porções excepto a derradeira unidade mais diminuta de Tudo Quanto Existe fossem destruídas - e isso é impossível – o Tudo Quanto Existe haveria de prosseguir, por na mais diminuta porção se achar contido o conhecimento inato do Todo. A Totalidade protege-se, pois, e criou, cria e continuará a criar.

Quando me refiro ao Todo, ou Tudo Quanto Existe, precisais entender a posição que Nele assumo. Tudo Quanto Existe não conhece segundo. O que não significa que não possa existir mais a conhecer. Ele não sabe se existirão outras Formas Psíquicas semelhantes a Si. Não tem consciência da Sua existência, e está constantemente em busca dela. Sabe que algo completamente diferente terá existido antes do Seu dilema primário, quando não Se conseguia expressar.

É, pois, concebível que se tenha desenvolvido, nos vossos termos, há tanto tempo atrás que tenha esquecido a Sua origem, e que Se tenha desenvolvido a partir de uma outra ordem primária que tenha, novamente nos vossos termos, seguido o Seu próprio caminho, faz muito tempo. Deste modo, resposta haverá que não poderei fornecer-vos, por não serem conhecidas em nenhuma parte do sistema em que temos a nossa existência. Sabemos que neste sistema da nossa Totalidade a criação prossegue e os desenvolvimentos jamais permanecem imóveis. Podemos deduzir que noutros segmentos ainda, de que não temos consciência, o mesmo se aplique.

A primeira busca agonizante pela expressão poderá ter representado as dores de parto de Tudo Quanto Existe conforme o conhecemos. Fingi, pois, que possuís dentro de vós o conhecimento de todas as obras-primas do mundo no campo da escultura e da arte de modo que pulsem como uma realidade dentro de vós, mas que por não dispordes de utensílios físicos nem conhecimento algum de como alcançar esse conhecimento - nem pedra nem pigmento nem fonte nenhuma dessas coisas – e que sois invadidos pela agonia e pela ânsia por as produzir. Isso, a uma escala infinitamente diminuta, talvez vos transmita alguma ideia da agonia e do impulso que terão sido sentidos.

Desejo, vontade e expectativa governam todas as acções e constituem a base de todas as realidades. Dentro do Tudo Quanto Existe, o desejo, vontade e expectativa quanto à criatividade existiam antes de toda e qualquer outra realidade. A força e vitalidade desses desejo e expectativas tornaram-se pois, nos vossos termos, de tal forma insuportáveis que o Todo foi levado a descobrir os meios para produzir o resultado. Por outras palavras, o Todo existia como um estado de ser, mas destituído dos meios para encontrar expressão para o Seu ser. Esse era o estado de agonia de que eu falava. Todavia, é duvidoso que, sem um período assim de ânsia contida, a Totalidade conseguisse concentrar a sua energia o suficiente para poder criar as realidades que existiam num estado provável de suspensão n'Ela. A agonia e o desejo de criar representaram a prova da Sua própria realidade, Os sentimentos, por outras palavras, eram uma prova adequada para Tudo Quanto Existia, da Sua existência.

Primeiro, nos vossos termos, toda a realidade provável existiu como sonhos nebulosos no âmbito da consciência do Todo. Mais tarde, a natureza não especificada desses sonhos tornou-se mais particularizada e vívida. Os sonhos tornaram-se reconhecíveis um a partir do outro até acabarem por atrair a observação consciente do Todo. E, imbuído de ânsia e curiosidade, o Todo passou a prestar mais atenção aos próprios sonhos. Isso passou propositadamente a facultar-lhe um detalhe progressivo e Ele ansiou por essa diversidade e cresceu para o amor para com aquilo que ainda não se achava separado de Si.

Atribuiu consciência e imaginação a personalidades enquanto elas ainda se situavam no âmbito desses Seus sonhos. Também elas passaram a ansiar por se se tornarem reais. Indivíduos potenciais, nos vossos termos, possuíam consciência antes do começo, ou antes de todo o começo conforme o concebeis. Eles clamaram por liberdade para se tornarem uma realidade e o Todo, num incomensurável acto de compaixão procurou em si mesmo por meios para realizar isso.

Na Sua sólida imaginação, entendeu a multiplicação cósmica da consciência que não podia ocorrer nesse enquadramento. Uma actualização fazia-se necessária caso a tais probabilidades fosse dado parto. O Todo viu, pois, uma infinidade de indivíduos conscientes prováveis e previu todos os desenvolvimentos possíveis, porém eles estiveram retidos n'Ele até descobrir os meios. Isso, nos vossos termos, representou um dilema cósmico primário e um com que Ele se debateu até Tudo Quanto Existe se encontrar completamente envolvido nesse problema cósmico. Caso o não tivesse solucionado, o Todo teria feito frente a uma situação de insanidade, e teria literalmente existido uma realidade destituída de razão e o universo ter-se-ia tornado selvagem.

A pressão surgiu de duas fontes: dos seres conscientes mas ainda prováveis que deram por si com vida num sonho de um Deus que ansiar por os libertar. Por outro lado, podíamos dizer que a opressão existia simplesmente da parte de Deus desde que a criação tinha existência no Seu sonho, mas um poder assim incomensurável reside em formas gestalt

piramidais primárias de tal modo que até mesmo os seus sonhos são dotados de vitalidade e de realidade.

Esse é, pois, o dilema de qualquer gestalt piramidal primária. Ela cria a realidade. Também reconhece em cada consciência o potencial massivo existente. Os meios, pois, sucedem-lhe. Precisa libertar as criaturas e as probabilidades a partir dos sonhos que tem. Fazer isso confere-lhes actualidade. Contudo, significa igualmente a perda de uma porção da Sua própria consciência, por ter sido nessa porção que se achavam em cativeiro.

A Totalidade precisava soltá-los. Conquanto pensasse nesses indivíduos como criação Sua, retira-os como parte de si e recusava-lhes a possibilidade de se tornarem reais. Deixá-los ir representava a perda dessa porção de Si que os tinha criado. Ele era já escassamente capaz de acompanhar a miríade de possibilidades que começaram a emergir da cada consciência separada. Com amor e saudade abriu mão dessa porção de si e eles passaram a adquirir liberdade. A energia psíquica explodiu num clarão de criação.

Tudo Quanto Existe, pois, "perdeu" uma porção de Si mesmo nesse esforço criativo. Tudo Quanto Existe ama tudo quanto criou até á menor das suas expressões, por perceber a estima e a singularidade de cada consciência que fora arrancada de tal estado e a tal custo. Sentiu-se exultante e triunfante com o desenvolvimento de cada consciência por isso representar um triunfo acrescido ao estado inicial e deleita-se e enche-se de alegria com o mais pequeno acto criativo de cada um dos Seus rebentos. Ele, por si só, e a partir desse estado, deu vida a uma infinidade de possibilidades. A partir da agonia inicial descobriu uma maneira de irromper em liberdade por intermédio da expressão e ao fazer isso trouxe à existência à consciência individualizada. Consequentemente, sente-se legitimamente jubiloso.

Ainda assim, os indivíduos recordam a sua fonte e sonham agora com Tudo Quanto Existe, conforme a Totalidade antes os sonhara a eles, e anelam por essa imensa fonte... e anseiam por A ver livre e por Lhe conferir realidade por intermédio das suas próprias criações. A força motivadora consta ainda do Todo, porém, a individualidade não constitui ilusão nenhuma. Agora, do mesmo modo dais vós liberdade aos fragmentos da personalidade no âmbito dos vossos próprios sonhos e pela mesma razão, e criais pela mesmíssima razão, e em cada um de vós se acha a lembrança da agonia primordial – esse estímulo para criar e libertar toda a consciência provável na realidade.

Eu fui enviado para vos auxiliar, e outros foram enviados ao longo dos séculos do vosso tempo, porque à medida que vos desenvolveis formais novas dimensões, e haveis de auxiliar outros. Esses laços existentes entre vós e o todo jamais poderão ser rompidos, e a Sua consciência é de tal modo delicada que a Sua atenção se vê de facto direccionada de uma forma imbuída de um amor criador primordial para com a consciência.

Esta sessão necessita ser relida várias vezes por apresentar várias implicações que não resultam óbvias à primeira vista.

Todas as porções do Tudo Quanto Existe se acham em constante mudança a envolverem e a desdobrar-se. O Todo busca conhecer-Se, e cria constantemente versões de Si-mesmo. Porque essa busca de Si-mesmo constitui uma actividade criativa e o núcleo de toda a acção. As entidades representam acção, mudam e alteram-se constantemente. Nada há de arbitrário em relação aos seus limites. Certas personalidades podem fazer parte de mais do que uma entidade. Tal como os peixes, podem nadar em outras correntes. No seu íntimo acha-se o conhecimento de todos os seus relacionamentos. Uma personalidade qualquer pode tornar-se numa entidade própria. Isso envolve um conhecimento altamente desenvolvido relativo ao uso de energia e das intensidades.

Tal como os átomos comportam mobilidade, assim também têm as estruturas psicológicas. A consciência, ao procurar conhecer-se, conhece-vos consequentemente a vós enquanto consciência que sois, ao buscardes o vosso próprio conhecimento e vos tornais cientes do vosso próprio ser como porção individual distinta do Todo. Não só dependeis desta energia global como o fazeis automaticamente dado que a vossa existência depende dele.

Não existe Deus personalizado nenhum – sob a forma de um indivíduo conforme os termos cristãos e no entanto possuís acesso a uma porção do Tudo Quanto Existe, uma porção altamente em sintonia convosco... Existe uma porção do Todo que se acha dirigida e focada em cada indivíduo, e que reside em cada consciência. Cada consciência é, pois, acarinhada e protegida em termos individuais. Essa porção da consciência global acha-se individualizada no vosso íntimo.

A personalidade de Deus, conforme é geralmente concebida, representa um conceito unidirecional baseado no pouco conhecimento de que o homem dispõe da sua própria psicologia. Aquilo em que preferis acreditar como sendo Deus é, uma vez mais, uma gestalt de energia de consciência piramidal. Tem consciência de si mesma enquanto, por exemplo, vós. Tem consciência de si mesma como a mais diminuta das sementes...

A porção do Todo que tem consciência de Si enquanto aquilo que sois, é que se acha focada na vossa existência por ser evocada em auxílio sempre que necessário. Essa porção é igualmente consciente de si própria enquanto algo mais do que vós. Essa porção que Se conhece a Si-mesmo como vós, e como mais do que vós. Constitui o Deus pessoal, entendam. Uma vez mais, essa gestalt, essa porção do Tudo Quanto Existe busca os vossos interesses e pode ser evocada de um modo pessoal.

A oração comporta a sua própria resposta, e se por um lado não existe tipo nenhum de Deus-pai de cabelos brancos à escuta, por outro existe em vez disso a energia em constante expansão que molda tudo quanto existe e de que todo ser humano é uma parte.

Essa gestalt psíquica pode parecer-vos impessoal, mas com a Sua energia forma a pessoa que sois, com poderá isso ser? Caso prefiram chamar a essa gestalt psíquica suprema de Deus, não deveis tentar objectivá-la, por ela constituir o núcleo das vossas células e vos ser mais íntima do que a respiração...

Vós sois criadores. Aquilo a que chamais de Deus constitui a soma de todas as consciências, mas ainda assim o Todo é mais do que a soma das suas partes. Deus é mais do que a soma das personalidades todas, e no entanto, as personalidades todas formam aquilo que Ele é.

Existe uma criação constante. Existe em vós uma força que vos soube fazer crescer a partir do feto até vos tornar num adulto. Essa força procede do conhecimento inato inerente a toda a consciência, e é parte do Deus que se acha dentro de vós. A responsabilidade pela vossa vida e pelo vosso mundo cabe-vos a vós de facto. Não vos foi forçada por nenhum agente externo. Vós formais os vossos próprios sonhos e a vossa própria realidade física. O mundo é aquilo que vós sois, e constitui a materialização física dos Eu interiores que o formaram."

Mas se deus não pode ser tornado num objecto, o que dizer de Cristo? Seth diz que ele não existiu como um personagem histórico.

"Quando a raça se encontra em estado de aflição e enfrenta um sem número de problemas - diz Seth – faz suscitar alguém como um Cristo. Procurará e de facto produzirá a partir de si as próprias personalidades necessárias para se revigorar...

Existiram três indivíduos cujas vidas se entrecruzaram de um modo confuso ao longo da história e se fundiram, cuja imagem composta se tornou conhecida nos termos da vida de Cristo... Cada um deles era altamente dotado psiquicamente e conhecia a função que lhe cabia, e aceitou esse papel de boa vontade. Os três homens faziam parte de uma entidade que atingiu a existência física em um determinado momento. Todavia, não nasceram na mesma data. Existem razões por que a entidade não retornou como uma pessoa só. Por um lado, a consciência total de uma entidade seria demasiado forte para ser acolhida por um veículo físico. Por outro, a entidade desejava um meio mais diversificado do que aquele que de outro modo poderia ser fornecido.

A entidade nasceu uma vez como João Baptista e a seguir nasceu nas duas outras formas. Uma delas contém a personalidade a que a maioria das histórias se refere como Cristo... Revelar-vos-ei a outra personalidade mais tarde. Gerou-se uma comunicação constante entre essas três porções de uma só entidade, apesar de terem nascido e sido sepultadas em datas diferentes. A raça evocou essas três personalidades a partir do seu banco psíquico, da sua bolsa de consciência individualizada que se encontrava ao seu dispor."

Após o assassinato de Martin Luther King Jr., os meus alunos – diz Jane Roberts – das aulas de percepção extrassensorial ficaram muito chateados, como muita gente por toda a nação e provavelmente pelo mundo fora, e começamos a discutir o sentido da violência. A meio da conversa que estávamos a ter, Seth apresentou-se-nos nos seguintes termos:

Foi-vos dado livre-arbítrio. Em vós existem modelos; sabeis o que alcançar enquanto indivíduos e povo, enquanto raça, espécie. Podeis optar por ignorar esses modelos. Agora; utilizando o livre-arbítrio de que dispondes formastes a realidade física de um modo algo distinto do que pretendíeis. Permitistes que o ego se desenvolvesse excessivamente e exageradamente se especializasse. Em muitos aspectos encontrais-vos em meio a um sonho. Fostes vós quem tornou esse sonho demasiado vívido. Devíeis resolver problemas e desafios mas permanecendo sempre cientes da vossa realidade interior e da vossa existência não-material. Em grande medida, perdestes isso de vista. Focastes-vos tão fortemente na realidade física que ela acabou por se tornar na única realidade conhecida.

Quando matais um homem acreditais que o aniquilais para todo o sempre. O assassinato constitui portanto um crime e precisa ser enfrentado – por o terdes criado. Mas a morte, contudo, não existe nesses termos.

Nos alvores da existência física, antes da história ter tido início, o homem tinha consciência de que a morte constituía apenas uma mudança de forma. Nenhum Deus terá criado o crime do assassinato e nenhum Deus instaurou o pesar ou a dor...

Uma vez mais, por acreditardes que podeis assassinar um homem e pôr termo á sua consciência para todo o sempre, também o assassinato alcança existência na vossa realidade e precisa ser confrontado...

O assassino do Dr. King acredita ter apagado uma consciência por toda a eternidade. Mas os vossos erros e enganos, afortunadamente não são reais e não afectam a realidade, por o Dr. King ainda viver...

Jamais existe justificação para a violência. Não existe justificação para o ódio, nem para o assassinato. Aqueles que se entregam à violência, seja por que razão for, são mudados e a pureza do seu propósito adulterada. Eu disse-vos que, se não gostardes do estado em que o vosso mundo se encontra, é a vós próprios que deveis mudar, individualmente e em massa. Esse é o único modo pelo qual a mudança se efectivará...

Se a vossa geração ou uma geração qualquer efectivar a mudança, será por esse modo único que isso será implementado! O que vos estou a dizer foi dito antes, ao longo dos séculos! Cabe a vós dar ou não atenção. É errado amaldiçoar uma flor ou um homem. É errado não ter qualquer indivíduo na conta de honrado, assim como é errado ridicularizar qualquer ser humano. Deveis honrar-vos a vós próprios e ver em vós o espírito de vitalidade

eterna. Caso não o fizerdes, passareis a destruir tudo aquilo que tocardes. Precisais igualmente honrar cada indivíduo, por nele residir a centelha da vitalidade eterna. Quando amaldiçoais outro indivíduo amaldiçoais-vos a vós próprios, e a maldição retorna a vós. Quando sois violentos a violência retorna... Eu falo-vos por terdes a oportunidade de melhorar as condições do mundo, e o tempo para isso ser este actual. Não vos deixeis cair nos velhos modos de procedimento que vos conduzem precisamente ao mundo que temeis.

Quando todo o jovem se recusar a ir à guerra, haveis de ter paz. Enquanto lutardes pela obtenção de ganho e ganância não haverá paz. Enquanto um indivíduo cometer actos de violência em nome da paz, haveis de vos defrontar com a guerra. Infelizmente torna-se difícil imaginar que todos os jovens de todas as nações se recusem a ir à guerra ao mesmo tempo. E assim precisais resolver a violência que a violência tenha operado. Dentro dos próximos cem anos esse tempo sucederá. Recordai que não defendeis ideia nenhuma recorrendo à violência. Não existe homem algum que odeie que não veja esse ódio reflectir-se no exterior e tornado físico. Não existe homem algum que ame e não veja esse amor reflectido no exterior e tornado concreto..."

COMENTÁRIOS SOBRE A CRUCIFICAÇÃO E OS PRIMÓRDIOS DO CRISTIANISMO

"Não necessitais de morrer para alcançar o esclarecimento espiritual. Não precisais sofrer para atingirdes o conhecimento. A história da crucificação, nos vossos termos, representou o aspecto autodestrutivo da espécie, por essa altura. E representa os elementos autodestrutivos da espécie desta época para aqueles que ainda a aceitam.

Muitas religiões definem os próprios métodos e os próprios dogmas com o intuito de oferecerem esperança de um conhecimento elevado, de uma compreensão e sabedoria elevada. Só que com um senão; precisais morrer em primeiro lugar!...

Alguns dos princípios básicos do cristianismo eram soberbos mas a contrapor a tudo isso, ainda tendes a história que reza o facto de que quando sofreis e morreis ireis para o céu e obtereis conhecimento beleza e verdade, e escapareis deste "vale de lágrimas".

Pensai no que possa ter acontecido e pensai no que os vossos livros religiosos poderiam narrar, caso o mito tivesse sido diferente. Supondo que a história tivesse sido narrada nestes termos: O cristo não foi crucificado em absoluto; Ele não foi perseguido, nem foi flagelado, e tampouco alguém lhe deu vinagre a beber. Em vez disso ofereceram-lhe vestes púrpuras e colocaram-no na praça pública em Roma, e trataram-no por Cristo, o filho de Deus, por ter dito que o reino de deus está na terra e a salvação ter lugar no agora. Que haveriam os padres de fazer? Porque, de facto o conhecimento e a alegria e a salvação estariam ao vosso alcance.

Muitas religiões acreditam que precisais passar por provações ou caminhar sobre o fogo, primeiro. Mas o Cristianismo acredita que antes de mais, precisais morrer. Bom, nos vossos termos, essa é certamente a provação mais severa de todas; além de constituir um pobre método de fazer prova de fé. Porque, se acreditardes na vida, haveis de fazer prova da vossa fé vivendo-a, e atreveis-vos a amá-la. Não necessitareis de sofrimento nem de provações."

In Seth Material

ALGUMAS NOTAS SOBRE
FACTO E FICÇÃO NO CRISTIANISMO

Sessão 876
27 Agosto 1979

"Parecer-vos-á a vós, no vosso tempo, que o Cristianismo que conheceis constitua a forma inevitável a ser assumida. Parecer-vos-á que o Cristianismo conforme o conheceis seja o resultado de uma linha mais ou menos única de desenvolvimento que tenha começado, digamos, com o nascimento de Cristo.

Isso só pode estar longe de ser verdade. Por essa altura, e antes do nascimento de Cristo conforme o concebeis, deram-se muitas tentativas para dar início ao tipo de religião que mais tarde chegou a tornar-se cognominada de Cristianismo.

Existiram muitíssimos indivíduos, em diversas partes do mundo conhecido de então que apresentaram conceitos, visões e experiências psíquicas semelhantes. E qualquer um deles poderia ter-se prestado a servir de referência na religião que por fim emergiu sob a forma de Cristianismo. Existem muitas diferenças entre o vosso mundo e o de então. A importância dos sonhos, das visões e dos acontecimentos de cariz psíquica era considerável. Precisais ter presente que a ciência ainda não tinha definido os limites ou fronteiras do real, nesses dias.

Caso um indivíduo tivesse uma visão mística, não era considerado insano; a literatura dos judeus acha-se, claro está, pejada de casos desses. A experiência mística fornecia uma ostentação interior rica contra a qual a mais miserável das existências físicas parecia, de algum modo, redimida e plena de significado.

Nos vossos dias, qualquer pessoa pode orar a Deus para que puna um déspota, mas o mais provável é que os seus actos práticos se envolvam em actos de revolução. Ela não espera que Deus venha lá dos Seus céus, por exemplo, derrubar o governo por eles. Não no vosso tempo! Nesses dias de que vos falo, todavia, as vidas de muitos estavam envoltas em

conteúdo psíquico. As pessoas buscavam um deus novo, um novo Messias, que pelo puder de que gozasse pudesse colocá-los na sua legítima posição de poder.

A maioria das pessoas não sabia ler nem escrever. O mito mundial tomava o lugar da televisão. Acontecimento de ordem sobrenatural tinham lugar nesse mundo, e a herança de muita gente era transmitida por via oral, e de forma dramática. O uso do exagero e da hipérbole era esperado. Acontecimentos de ordem sobrenatural eram levados na conta de factos por essa gente. Do mesmo modo não se procedia ao mesmo tipo de distinção entre o mundo espiritual conforme a fazeis. O mais cético dos rabis mundanos dessa época ainda voltava a cabeça por cima do ombro (no sentido figurado) vez por outra, não estivesse Jeová a observá-lo.

O mundo acreditava na intervenção de deuses nos acontecimentos mundanos de uma forma que parecerá bastante inadmissível na vossa época. O mesmo tipo de obediência – o mesmo tipo de séquitos – que Cristo teve, encontraram igualmente muitos outros indivíduos, e todos esses seguidores tinham a esperança de que o seu messias fosse o tal. O resultado não foi inevitável mas a expressão do desejo e da necessidade psíquica era.

Ora bem, olhai o presente. Uma certa mulher escreveu dizendo estar envolvida com uma correspondência em que eu estava em comunicação com ela; ela tinha a certeza de que isso haveria de provar sem sombra de dúvida a minha própria independência já que eu forneceria mensagens a um outro médium para além da Jane. Ela estava amplamente convencida disso.

Precisais ter em mente que, sem livros, revistas, jornais, televisão e rádio e informação e discurso social, tudo precisava brotar do contacto pessoal – e os boatos corriam como o vento.

O homem que foi crucificado consentiu com a execução por acreditar ser o messias que tinha que ser crucificado. Por um lado buscava a experiência, enquanto por outro temia-a. Algumas das ideias iniciais Cristãs não passavam de um conglomerado de crenças variadas mesmo quando serviam para aumentar o folclore judeu de um modo mais acentuado.
Existiam, de facto, vários Cristos, vários indivíduos cujas pregações e façanhas se fundiram para formar uma figura composta histórica que veio a ser conhecida como Cristo!

A Bíblia comporta todo o tipo de contradições, e as próprias atitudes do Cristo são representadas por ter existido mais do que um Cristo. Parte da herança Cristã teve origem na Índia. A reencarnação fazia definitivamente parte dessas crenças anteriores. O Sermão da Montanha é provavelmente a interpretação mais exacta do melhor que o Cristianismo tem para oferecer – mas os princípios desse Cristo que o proferiu não serviam a alguns dos indivíduos que buscavam um rei terreno.

"Bem-aventurados são os mansos", não lhes conviria a eles nem às ideias que tinham do poder político. O Cristo que proferiu o Sermão da Montanha também afirmou que o reino do céu estava dentro – e essa sentença não se adequava sequer àqueles que pretendiam uma majestade política efectiva. Um outro Cristo foi aquele que amaldiçoou a figueira...

Precisais recordar também que nesses dias, um indivíduo era frequentemente tido na conta da encarnação de um profeta do passado segundo a tradição Cristã. As pessoas eram convertidas a uma ou outra religião a toda a hora. Um indivíduo tinha uma visão, alcançava uma nova identidade espiritual e por consequência mudava o seu nome. Dizia-se que o espírito dos profetas tocava as almas de outros homens. Assim, um indivíduo inspirado pelo Cristo podia falar em seu nome. E nessa tradição as suas palavras seriam consideradas as palavras de Cristo.

Aqueles cujas existências contribuíram para a figura composta do Cristo histórico sobrepuseram-se no tempo, tendo quer precedido o período apresentado para o nascimento do Cristo ou como tendo seguido a altura apontada para a sua morte. Aqueles que se sentiam inspirados podiam alterar os registos com total impunidade.

O Império Romano tinha-se prestado aos propósitos que tinha delineado tanto para si como para as espécies. Um novo tipo de organização política era desejada – um que fosse suficientemente forte para alargar mesmo a influência de Roma e passar para novas áreas de uma maneira mais competente. Nesses tempos a religião representava a base da política, e a base religiosa de Roma encontrava-se enfraquecida. Poucos continuavam a acreditar nos seus deuses. Roma era <u>então</u> tolerante. Mas as pessoas não estavam preparadas para a tolerância.

O Cristianismo contribuía, pois, com uma mistura rica de crenças que estavam gradualmente a ser eliminadas. Havia direções prováveis por que o Cristianismo podia ter enveredado, cada uma das quais representando desenvolvimentos prováveis da cultura e da filosofia; e cada um desses desenvolvimentos ter-vos-ia proporcionado, claro está, um presente diferente. Cada uma dessas alternativas também ocorreu.

Por detrás do poder do Cristianismo reside a interminável realidade da fonte interior do homem que ele continuamente procura explorar, a expressar e a definir. E de tal tentativa emergem todas as religiões, civilizações, ciências e filosofias.

O Novo Testamento marcou o começo do Cristianismo, mas de uma forma que pôs fim à contínua saga das tradições judias – por não existirem mais profetas após esse. Nessa medida, a Bíblia deixou de ser um documento vivo da busca espiritual das pessoas, uma coletânea de acontecimentos psíquicos, mitos, guerras históricas, e ânsias e temores daquelas gentes. Com o evento do Cristo não mais se acrescentou a esse livro. Havia muitos

registos que podiam ter sido acrescentados, mas não se relacionavam com a versão do Cristo que tinha sido estabelecida.

A figura histórica composta do Cristo baseia-se nos acontecimentos estabelecidos tomados a partir das vidas de três indivíduos em particular, embora haja uns quantos acontecimentos que simplesmente não se aplicam. Até mesmo ocorrências que tiveram lugar no caso daqueles que não se enquadraram foram ocultados ou as suas provas destruídas. Precisais entender que uma ocorrência da psique era considerada como um facto. "Houve um Deus que falou, e que podia emitir clarões de luz destinados a cegar os homens..." As pessoas tentavam pegar nos eventos psíquicos e torná-los factos literais. Mas o próprio termo "facto literal" acrescenta um significado diferente. O exagero era coisa esperada nesses tempos, e não era encarado como mentiras."

Terá parte disso sido baseado na própria observação que fizeste quando viveste no primeiro século DC?

"É baseado no meu próprio conhecimento – grande parte do qual obtido após a morte, no que diz respeito à concepção generalizada do Cristianismo. Ninguém mo disse em termos do que encarais como facto nu e cru. Isso não teria sido elegante...

Sessão 879
17 Setembro de 1979

Uma nota muito breve. Alguns dos primeiros papas não foram martirizados pelos Romanos mas mortos pelos seus, por várias razões – a fim de evitarem cismas, para fazer com que os Romanos parecessem piores do que aquilo que eram, e por vezes simplesmente por os papas serem gananciosos. Por essa altura, a doutrina da Igreja encontrava-se em fase de formação. Alguns dos papas queriam tornar Roma num adversário para unirem ainda mais a nova seita cristã contra o inimigo comum. Muitos documentos foram destruídos em várias ocasiões por papas que temiam o seu conteúdo potencialmente inflamatório. Foram fornecidas pistas para outros documentos que eram fruto da imaginação.

Aquilo de que o Cristianismo gozava, contudo, era largamente do selo comum da aprovação do homem, por estabelecer em termos ideais que o escravo era igual ao imperador. Os Romanos ricos já tinham efectivamente sido minados mesmo no período anterior ao de Cristo – por várias razões. Por um lado, existia um grupo desajeitado do que podeis chamar de pequenos negociantes, homens livres e cidadãos Romanos. O seu número era também engrossado pelas fileiras de negociantes estrangeiros que acorriam a essa capital da prosperidade, assim como por anteriores escravos que tinham, de um ou de outro modo, obtido a sua liberdade. Essa foi uma era tão exuberante quanto vigorosa a esse respeito, quanto, digamos, o período que pensais tenha dado início ao surgimento dos pequenos negócios, na Idade Média.

Certos negociantes mal ganhavam a vida, contudo prezavam a sua liberdade com zelo e não hesitariam em mentir ou em enganar para conservarem os seus modos estabelecidos de subsistência. Muita dessa gente estava madura para as ideias do Cristianismo. Só precisavam de uma causa que os unisse, uma causa que lhes facultasse um sentido de dignidade; um sentido de dignidade que a cidadania Romana tinha outrora fornecido a todos os seus cidadãos – pelo menos em termos ideais. Lá por alturas do período de Cristo, essa pretensão escassamente se aplicava. Roma tinha-se estendido demais.

A sua estrutura de impostos estava a começar a entrar em colapso. Os pequenos negociantes eram taxados severamente e, em retaliação, era costuma ludibriarem os cobradores. Os mercadores tinham o hábito de preservar um conjunto de documentos destinados aos propósitos legais, e um outro que pouco tinha que ver com o negócio real. Esses pequenos negociantes, os escravos e os estrangeiros misturavam-se no mercado e eram indisciplinados. Não se atreviam a desafiar Roma de um modo aberto, pelo que conseguiam aborrece-la a partir de dentro.

Os rabis judios eram tão maus quanto os restantes, e os judeus eram duplamente tributados, já que de uma ou de outro modo, pagavam tributo ao templo, aos seus sacerdotes e a Roma também. Essa identidade de cidadãos Romanos começou a desgastar-se. Era cada um por si, e esse tipo de sentimento necessitava de uma filosofia que soasse um pouco melhor do que o antigo ditado Romano: a igualdade de cada cidadão romano. Tratar-se-ia da igualdade de cada homem, romano ou não, sob um deus que seria mais importante que o próprio estado. Teriam uma versão mais expansiva espiritual que a da igualdade dos cidadãos romanos em que as fronteiras das nações tinham sido derrubadas. As pessoas precisavam de um novo enquadramento...

Os judeus eram excelentes em questões de negócios. Misturavam-se com os romanos e posicionavam-se por baixo da pata régia de Roma. Também gozavam da tradição de uma natureza religiosa nessa posição. Gozavam de números e de entusiasmo. Eram o único povo que, enquanto povo, era muito aliado, e que sob o domínio romano gozava de uma tradição magnética acessível do tipo necessário à época. Os gregos, por exemplo, eram de certo modo demasiado cultos, demasiado filósofos e brandos, nesses termos, para darem corpo a uma abordagem qualquer coesiva. Mesmo na condição de escravos e irados, ainda olhavam os romanos com desdém, como engenheiros em vez de pensadores originais...

Havia uma grande dose de vitalidade a ser aproveitada. As profecias dos judeus, de acordo com os seus livros ancestrais, referiam-se a um messias judio que havia de libertar os judeus – mas numa época de enorme turbulência criativa como essa, foi dado um notável salto intuitivo de proporções capazes de abalar o mundo. Porque, quando o Cristo apareceu (nos termos geralmente entendidos) recusou aliar-se apenas aos judeus e proclamou que se tornaria no messias de todos os povos, independentemente da nacionalidade. Se um governo

ou império se mostrava incapaz de unir toda essa diversidade de povos (com ar de diversão), um deus seria capaz – um messias que conseguisse despertar do mesmo modo as energias dos judeus, dos gregos, dos escravos, dos negociantes e dos viajantes. Bom, esse haveria de ser realmente um Messias!

Um triunfo imediato das velhas tradições judias da profecia teria culminado na vinda do Messias e na fundação de um estado Judeu em termos políticos. Uma tal ameaça deveria ser instantaneamente contrariada por Roma. Assim, numa outra versão fascinante, tendes o Cristo realmente a apregoar que o reino do céu se acha dentro de vós – e que Ele, por exemplo, não liderará nenhum exército físico à conquista de Roma. Uma tentativa dessas teria sido ridicularizada. Recompensas eram dadas, então, mas rejeitadas entretanto.

As deficiências e injustiças da época eram manifestamente aparentes a cada um. O indivíduo precisava enquadrar uma armação que o pudesse manter, de modo a que a ideia da justiça fosse pelo menos preservada. A despeito da competição existente entre escravos e escravos e negociantes, ainda vingava uma camaradagem que começou a agitar as pessoas e isso materializou-se ainda mais com a ideia da amizade Cristã..."
(*In "The God of Jane"*)

* * *

"A afirmação significa a aceitação da vossa própria complexidade miraculosa. Significa aquiescer para com a vossa realidade, enquanto espírito que se encontra na carne. No enquadramento da vossa própria complexidade, tendes o direito de dizer "não" a determinadas situações, de expressar os vossos desejos e de comunicar os vossos sentimentos. Se assim fizerdes, no amplo fluir da vossa realidade eterna passará a existir uma corrente global de amor e de criatividade que vos carregará.

A afirmação constitui a aceitação de vós próprios no vosso presente, enquanto a pessoa que sois. Nessa aceitação podereis descobrir qualidades que desejareis não possuir, ou hábitos de vos causem aborrecimento. Não deveis esperar ser "perfeitos". Conforme foi anteriormente afirmado, as vossas ideias de perfeição significam um estado de satisfação para além do qual não há crescimento futuro, e não existe nenhum estado assim.

"Ama o teu próximo como a ti próprio"; invertei essa máxima e dizei: "Amai-vos, conforme amais o vosso próximo", porque frequentemente reconheceis o bem no outro e ignorai-lo em vós. Alguns creem que exista um enorme mérito e uma grande virtude naquilo que pensam que a humildade seja. Consequentemente, sentir orgulho de si próprio parecerá um pecado, e num quadro de referências como esse, a verdadeira afirmação pessoal revela-se impossível. O verdadeiro orgulho-próprio representa o reconhecimento amoroso da vossa própria integridade e valor. A verdadeira humildade baseia-se numa consideração afectuosa

por vós próprios, mais o reconhecimento de viverdes num universo em que todos os outros seres possuem igualmente essa inegável individualidade e autoestima.

A falsa humildade diz-vos que nada sois e frequentemente esconde a negação de um orgulho-próprio inflacionado, por nenhum homem nem mulher conseguir realmente aceitar uma teoria que negue a sua autoestima pessoal. A falsa humildade pode levar-vos a destruir o mérito dos outros, porque se não aceitardes o mérito em vós próprios, não o conseguireis perspectivar em mais ninguém, tampouco. O verdadeiro orgulho-próprio permite-vos perceber a integridade dos vossos pares seres humanos e permite-vos ajudá-los a utilizar as suas forças.

Muitos fazem um enorme aparato do auxílio que estendem aos demais, por exemplo, ao encorajá-los a apoiar-se neles. Acreditam que isso seja um empreendimento virtuoso e muito santo. Em vez disso, impedem os outros de reconhecer e de utilizar as suas próprias forças e capacidades. Independentemente do que vos tiver sido dito, o autossacrifício não apresenta mérito algum. Por um lado, é impossível. O Eu cresce e desenvolve-se; não pode ser aniquilado. Geralmente o autossacrifício significa atirar com a vossa em alguém e torná-la responsabilidade sua.

Uma mãe que diz ao filho: "Eu abdiquei de viver a minha vida por ti", comete um contrassenso. Em termos básicos, tal mãe acredita, não obstante o que disser, que não tinha muito de que abrir mão, e que tal desistência lhe terá providenciado a vida que esperava. Um filho que diz: "Eu abri mão da minha vida para devotar-me ao cuidado dos meus pais", quer dizer: "Eu tinha medo de viver a minha própria vida, e medo de os deixar viver a deles. E assim, ao desistir de viver a minha própria vida obtive a vida que queria.

O amor não exige sacrifício. Aqueles que temem afirmar o próprio ser, têm medo de deixar que os outros vivam por si sós. Não ajudais os vossos filhos mantendo-os acorrentados a vós, mas também não ajudais os vossos pais envelhecidos ao encorajar neles o sentido de impotência.

O senso comum da comunicação que vos é conferido por intermédio da natureza de criatura, uma vez observado com espontaneidade e honestidade, resolverá muitos desses problemas. Apenas a comunicação que é reprimida conduz à violência. A força natural do amor acha-se por toda a parte no vosso íntimo, e os métodos normais de comunicação sempre pretendem levar-vos a um maior contacto com os vossos seres companheiros. Amai-vos a vós próprios e honrai-vos, que desse modo havereis de tratar os outros com justiça.

Quando dizeis "não", ou negais, sempre o fazeis por na vossa mente ou sentimento, uma dada situação, ou uma situação que vos é proposta, fica muito aquém de um ideal qualquer. A recusa sempre brota da resposta para com algo que é considerado, pelo menos, como um bem maior. Se não cultivardes ideias tão rígidas de perfeição, nesse caso a recusa comum

prestar-se-á a um objectivo bastante prático. Mas jamais negueis a presente realidade de vós próprios porque a estareis a comparar com uma perfeição qualquer idealizada.

Perfeição não significa ser, porque todo o "ser" se acha num estado de transformação. Isso, todavia, não quer dizer que todo o ser se ache num estado de vir-a-ser perfeito, mas num estado de se tornar mais nele próprio. Todas as demais emoções se baseiam no amor, e de uma forma ou de outra estão todas relacionadas com ele, e constituem todas métodos de retorno a ele e de expansão das suas capacidades.

Bom, ao longo deste livro mantive-me propositadamente à distância do termo "amor", por causa das várias interpretações comummente atribuídas a ele, e por causa dos erros frequentemente cometidos em seu nome. Precisais amar-vos antes de poderdes amar alguém. Aceitando-vos a vós mesmos e sendo alegremente aquilo que sois, realizareis as vossas próprias capacidades, e a vossa simples presença poderá tornar os outros felizes. Não podeis detestar-vos a vós próprios e amar outro indivíduo. Isso é impossível. Em vez disso, haveis de projectar todas as qualidades que pensais não possuir em mais alguém, deitar isso da boca para fora, e odiar esse indivíduo, por ele próprio as não possuir. Conquanto professeis sentir amor pelo outro, procurareis minar-lhe as próprias fundações do ser.

Quando amais outros, concedeis-lhes a sua liberdade inata e não insistis covardemente em que sempre vos atendam. Para o amor não existem divisões. Não existe diferença básica alguma entre o amor de um filho por um pai, de um pai por um filho, da esposa pelo marido, de um irmão pela irmã. Existem somente diversificadas expressões e características associadas ao amor, e todo o amor é afirmativo. É capaz de aceitar desvios da visão ideal som os condenar. Não compara o estado prático do ser amado como aquele que é percebido de forma idealizada potencial. Nessa perspectiva, o potencial é percebido como presente, e a distância percebida entre o prático e o ideal não forma qualquer contradição, uma vez que coexistem.

Agora; por vezes podeis pensar odiar a humanidade. Podeis considerar as pessoas insanas, os seres individuais com quem partilhais o planeta. Podeis protestar contra o que pensais como um comportamento estúpido que assumam, contra os modos sanguinários que empreguem, e os métodos inadequados e míopes que empregam na solução dos seus problemas. Tudo isso é baseado no vosso conceito idealizado daquilo que a raça deveria ser - ou, por outras palavras, o amor que sentis pelo vosso companheiro. Mas esse amor que sentis pode perder-se se vos concentrardes nas variantes que sejam menos idílicas. Quanto mais pensais odiar a raça, mais presos vos encontrareis num dilema do amor. Estais a comparar a raça à concepção idealizada que dela fazeis. Nesse caso, contudo, perdeis de vista as pessoas reais envolvidas.

Colocais o amor num tal plano que chegais a divorciar-vos dos sentimentos reais que tendes, e não reconheceis as emoções de afecto que traduzem os vossos verdadeiros sentimentos, nem reconheceis as emoções carinhosas que assentam na base do descontentamento que sentis. O vosso afecto terá ficado aquém de si próprio em meio à vossa experiência por terdes negado o impacto dessa emoção – com temor de que o amado, neste caso, a raça no seu todo – não esteja à sua altura. Por isso concentrais-vos nas deambulações ou desvios do ideal. Se, em vez disso vos permitísseis libertar o sentimento de amor que se acha realmente por detrás da insatisfação que sentis, então só isso já bastaria para vos permitir perceber as características carinhosas na raça que agora escapa á observação em grande medida.

Não há nada mais pomposo do que a falsa humildade. Muitos, que se consideram verdadeiros buscadores da verdade e seres espirituais, acham-se cheios dela. Frequentemente utilizam termos religiosos para se expressarem, e dirão: "Eu não sou nada, mas o espírito de Deus move-se através de mim, e se algum bem faço, isso deve-se ao espírito de Deus e não a mim"; ou: "Eu não possuo qualquer capacidade própria. Só o poder de Deus possui essa capacidade."

Ora bem; nesses termos, vós sois o poder de Deus manifestado. Não sois impotentes. Antes pelo contrário. Por intermédio do vosso ser o poder de Deus é fortalecido, por serdes uma porção que Ele é. Não sois um simples amontoado insignificante e inócuo de barro que Ele decide mostrar a Si mesmo. Vós sois Ele manifestado como vós. Tendes tanta legitimidade para existir quanto Ele tem. Se sois, pois, uma parcela de Deus, então Ele é uma parcela de vós, e ao negardes o vosso próprio mérito, acabais por negar o d'Ele também.

Eu não gosto de empregar o termo "Ele", ao me referir a Deus, dado que Tudo Quanto Existe constitui a origem não só de todos os sexos como de todas as realidades, parte das quais não comportam sexo conforme o concebeis.

A afirmação acha-se presente no movimento espontâneo do corpo à medida que dança. Muitos daqueles que vão à missa e que se consideram muito religiosos não compreendem a natureza do amor ou da afirmação tanto quanto algumas patronas de bares que celebram a natureza dos seus corpos desfrutando da transcendência espontânea ao se deixarem levar pelo movimento do seu ser.

A verdadeira religião não é repressiva, tal como a vida o não é. Quando Cristo falou, ele fê-lo no contexto da época, fazendo uso do simbolismo e do vocabulário que fazia sentido para um povo particular e num período particular da história, conforme os termos que empregais...

Ele começou com as crenças deles, e fazendo uso das suas referências procurou conduzi-los para áreas de compreensão mais livre. Com cada sucessiva tradução, a Bíblia foi alterando o seu significado ao ser interpretada na linguagem dos tempos. Cristo falou em termos de espíritos puros e impuros (ou bons e maus) por isso representar as crenças das pessoas. Nos termos empregues por eles, ele mostrou-lhes que os espíritos impuros podiam ser vencidos; mas eram, pois, símbolos aceites como uma realidade pelas pessoas – por vezes em representação de enfermidades e de condições humanas normais.

O próprio dito: "Amai o vosso próximo como a vós mesmos." (Mateus 19:19 e Marcos 12:31) representava uma declaração irónica, por nessa sociedade ninguém amar o próximo mas desconfiar dele veementemente. Muito do humor empregado pelo Cristo perdeu-se, pois.

No Sermão da Montanha, a frase (no sentido de) "Os mansos herdarão a terra." (Mateus 5:15) foi grosseiramente interpretado. O que Cristo queria dizer era: "Vós formais a vossa realidade. Aqueles que acalentam pensamentos de paz hão-de ficar a salvo da guerra e da dissensão; não serão tocados por ela, mas escaparão, e de facto herdarão a terra." Pensamentos de paz, em particular no meio do caos, assumem uma enorme energia. Aqueles que são capazes de ignorar a evidência física de guerras e instantaneamente acalentam pensamentos de paz triunfarão – mas na terminologia que empregais, o termo "manso" passou a querer dizer "fraco", inadequado, sem energia. No tempo de Cristo, a frase sobre os mansos a herdarem a terra implicava o enérgico uso da afirmação, do amor e da paz.

Conforme mencionei no meu livro (Seth Speaks) a entidade do Cristo era demasiado elevada para ser comportada por qualquer homem, ou para o efeito, se manifestar num tempo, e assim o homem que pensais em termos de cristo não foi crucificado (capítulos 21 e 22 de Seth Speaks)

Tampouco estava a ideia do sacrifício pessoal em questão, então. O mito tornou-se mais real do que o evento físico, o que, claro está, é o que acontece no caso de muitos dos chamados eventos mais importantes da história. Mas até o mito sofreu distorções. Deus não sacrificou o seu bem-amado filho ao permitir que ele se tornasse material. A entidade do cristo desejou nascer no espaço e no tempo para se estender sobre a natureza do ser e servir de líder e interpretar certas verdades em termos físicos. Cada um de vós sobrevive à morte O homem que foi crucificado sabia isso sem sombra de dúvida, e não sacrificou coisa nenhuma.

Em Seth Speaks disseste que Judas encontrou um substituto para ser sacrificado em lugar do próprio Cristo.

O "substituto" era uma personalidade aparentemente iludida, mas na ilusão que vivia tinha noção de que cada indivíduo é ressuscitado. Ele assumiu a ilusão para se tornar no símbolo do conhecimento que tinha. O homem que foi chamado de Cristo não foi crucificado. No

drama global, contudo, pouca diferença fez o que era facto, nos vossos termos, e o que não era, porque a realidade maior transcende factos e cria-os. Vós possuís livre-arbítrio, e podíeis interpretar o drama com quisésseis. Ele foi-vos oferecido. O seu enorme poder criativo ainda se mantém e vós utilizai-lo ao vosso modo, mesmo mudando a vossa própria simbologia à medida que as crenças que mantendes mudam. Mas a ideia principal reside na afirmação de que o ser físico, o ser que conheceis, não é aniquilado com a morte. Isso surge mesmo em meio às distorções.

Todo o conceito de Deus pai, conforme empregado pelo Cristo representava de facto um "Novo Testamento". A imagem masculina de Deus foi utilizada devido à orientação sexual da época, mas para além disso, a personalidade do Cristo disse: "...O reino dos céus encontra-se dentro de vós." (Lucas 17:21) De certo modo a personalidade de Cristo representou uma manifestação da evolução da consciência que conduziu a raça para além dos conceitos violentos da época, alterando comportamentos que tinham prevalecido até essa altura.

Em termos de tempo – ou evolução, conforme sois levados a pensar nisso - a consciência emergente chegou a um ponto em que se encantava de tal modo com distinções e diferenças, que até esmo em áreas geográficas restritas multidões de grupos, cultos e nacionalidades se reuniam, cada um dos quais a afirmar orgulhosamente a sua própria individualidade e mérito sobre os outros. Nesses termos, no princípio a consciência emergente do homem necessitara de liberdade para se dispersar, diferenciar e para criar a base de várias características e afirmar individualizações. No tempo de Cristo, todavia, fazia-se necessário um princípio qualquer unificador por intermédio do qual essa diversificação também passasse a experimentar um sentido de unidade e sentir a sua unidade.

Cristo representou o símbolo da consciência emergente do homem, que carregava em si o conhecimento do potencial do homem. A sua mensagem era para ser transmitida para além dos tempos, mas frequentemente essa interpretação não foi feita. Cristo utilizava parábolas que tinham aplicação na altura. Empregava os sacerdotes como símbolos da autoridade. Transformou a água em vinho, mas ainda assim muitos dos que se consideram muito santos ignoram Cristo na festa das bodas e consideram toda a bebida alcoólica degradante. Conviveu com prostitutas e com os pobres, e os seus discípulos dificilmente seriam enquadrados no quadro de vereadores. Ainda assim, muitos dos que se consideravam religiosos regiam-se pela respeitabilidade na maioria dos casos.

Cristo empregou o vernáculo da época e à sua maneira pregou contra os dogmas assim como contra os templos que pretendiam passar por repositórios do conhecimento sagrado, mas que em vez disso se preocupavam com o dinheiro e o prestígio. No entanto, muitos dos que se consideram seguidores de Cristo voltam-se agora contra os párias que ele próprio considerava como irmãos e irmãs. Ele afirmou a realidade do indivíduo sobre qualquer organização ainda que percebesse que seria necessário um sistema qualquer. Toda a sua

mensagem transmitia o facto do mundo exterior representar a manifestação do mundo interior, que o "reino de Deus" se torna carne.

Existem de facto evangelhos perdidos que foram redigidos por indivíduos noutras terras por essa altura e que se relacionavam com a vida desconhecida do Cristo, e episódios não descritos na Bíblia. Eles formam todo um corpo à parte de conhecimento que podia ser aceite por pessoas portadoras de diferentes crenças das dos judeus desses tempos. As mensagens eram transmitidas noutros termos, mas uma vez mais, reflectiam a afirmação do seu ser de uma existência contínua após a morte física. O amor sempre era realçado. Um dos evangelhos é falsificado – ou seja, foi escrito após os outros, e os acontecimentos retorcidos para fazer com que alguns tenham sucedido num contexto amplamente diferente daquele em que sucederam. Independentemente disso, A mensagem de Cristo foi uma de afirmação.

Não foi o de Marco nem o de João. Há razões em particular para o facto de o não especificar neste momento...

Na altura, Cristo uniu a consciência dos homens de tal forma que isso se estendeu pela história. A consciência de Cristo não se achava isolada. Expresso-me, neste caso, nos vossos termos. A mesma consciência fez brotar todas as vossas outras religiões; os vários quadros por meio dos quais as pessoas de diferentes épocas puderam expressar-se e crescer. Em todos os casos, as religiões tiveram início com as crenças prevalecentes, expressaram-se por intermédio dos ditados da época e depois expandiram-se. Agora isso representa o lado espiritual da evolução do homem. As molduras de ideias da vida psíquica e mental eram de longe muito mais importantes do que os aspectos físicos à medida que a espécie crescia e se alterava.

(In Sessão 674 de: A Natureza da Realidade Pessoal)

* * *

"...Ora bem; para vossa edificação:

Cristo, o Cristo histórico, não foi crucificado... Agora terás de esperar um momento. *(Pausa.)*

Ele não tinha nenhuma intenção de morrer daquele modo; mas outros sentiram a necessidade de cumprir as profecias de qualquer jeito, e por isso a crucificação tornou-se uma necessidade.

Cristo não tomou parte nisso. *(Pausa.)* Houve uma conspiração em que Judas desempenhou um papel, uma tentativa para fazer do Cristo um mártir. O homem escolhido estava drogado

- consequentemente houve a necessidade de ajudá-lo a carregar a cruz *(veja-se Lucas 23)* e foi-lhe dito que ele era o Cristo.

Ele acreditou sê-lo, pois era um daqueles iludidos, mas também acreditou que ele, não o Cristo histórico, tinha que cumprir as profecias.

Maria veio por se sentir cheia de tristeza pelo homem que acreditava ser o seu filho. Ela achava-se presente por uma questão de compaixão. O grupo responsável fez parecer que alguns Judeus tinham crucificado Cristo, mas nunca sonhou que todo o povo Judeu viria a tornar-se "culpado".

Isto é difícil de explicar, e até mesmo para mim difícil de desenvencilhar... A tumba estava vazia porque este mesmo grupo retirou o corpo. Porém, Maria Madalena teve uma visão do Cristo imediatamente a seguir. *(Pausa longa) (Veja-se Mateus 28)* Cristo era um grande psíquico. Ele fez com que as feridas aparecessem no seu próprio corpo e apareceu tanto fisicamente como psiquicamente *(em estados de projecção fora do corpo)* aos seus seguidores. Porém, ele tentou explicar o que tinha acontecido, assim como a sua posição actual, mas aqueles que não estavam a par da conspiração não entenderam, e interpretaram mal as suas declarações.

Pedro por três vezes negou o Senhor, *(Mateus 26)* dizendo que não O conhecia, por ter reconhecido que aquele indivíduo não era o Cristo.

O argumento, "Pedro, porque me abandonaste?" procedeu do homem que acreditava ser o Cristo - a versão drogada. Judas indicou aquele homem. Ele era sabedor da conspiração, e temeu que o Cristo real fosse capturado. Então ele entregou às autoridades um homem que se autointitulou de messias, a fim de salvar, não destruir, a vida do Cristo histórico.

(O ritmo de Jane tinha aumentado consideravelmente por esta altura.)

Porém, simbolicamente a própria ideia da crucificação corporizou dilemas e significados profundos da psique humana, e assim a crucificação por si só tornou-se uma realidade muito mais significativa do que os eventos físicos reais que se deram por aquela ocasião.

Somente uma pessoa iludida seria capaz de correr o risco, ou acharia necessário tal autossacrifício. Somente aqueles que se acham envoltos em ideias de crime e de punição se deixariam atrair para esse tipo de dramas religiosos, e encontrar neles, ecos profundos dos seus próprios sentimentos subjectivos.

Cristo soube porém, por meio da clarividência, que estes eventos de uma maneira ou de outra se dariam, e os dramas prováveis que poderiam resultar. O homem envolvido não poderia ser desviado da sua decisão subjectiva. Ele seria sacrificado para que as antigas profecias judaicas se tornassem realidade, e não poderia ser dissuadido disso.

Na Última Ceia quando o Cristo disse, "Isto é o meu corpo, e isto é o meu sangue," ele pretendia revelar que o espírito fazia parte de toda matéria; interligado, e ainda assim

separado - que o seu próprio espírito era independente do seu corpo, e também para indicar, a seu modo, que ele já não deveria mais ser identificado com o seu corpo, porque sabia que o corpo morto não seria o seu.

Isto tudo foi mal interpretado. Então, o Cristo mudou de comportamento, e passou a aparecer frequentemente em estados extracorporais como declararam os seus seguidores. *(Ver João 20, 21; Mateus 28; Lucas 24.).* Anteriormente não o fizera dessa forma. Contudo, tentou dizer-lhes que não estava morto, e eles preferiram entender isso de maneira simbólica. *(Uma pausa de um minuto).*

A sua presença física não se fazia mais necessária, e era até mesmo constrangedora diante das circunstâncias. Ele simplesmente desejou ficar de fora daquilo tudo.

Agora, podem fazer o intervalo...

("Obrigado. Isto é muito interessante").

("Caramba!", disse Jane depois que saiu do transe, "ninguém irá apreciar isto. Mas eu tentei relaxar e deixar sair, porque eu mesma tinha imensas dúvidas sobre aqueles tempos...)

(Eu perguntei a Jane, mas ela não tinha retido nenhuma imagem que pudesse acrescentar algo ao material dispensado. A curta sessão seguinte responde alguns dos pontos que discutimos durante o intervalo. Retomamos às 10:28.)

Bom; ele percebeu que sem as feridas, não acreditariam em quem ele era, porque todos ficaram convencidos de que ele tinha morrido vitimado por aquelas feridas. *(Ver João 20.)* Elas eram como um método de identificação a ser fornecido quando ele explicasse as verdadeiras circunstâncias.

Ele comeu para provar que ainda estava vivo, por exemplo, *(João 21, Lucas 24, etc.)* mas eles interpretaram isso simplesmente como querendo dizer que o espírito poderia partilhar do alimento. Eles quiseram acreditar que ele tinha sido crucificado e tinha ressuscitado.

Agora: Vou terminar a nossa sessão por esta noite. Desejo-lhes uma boa noite.

("Certo. Obrigado".) Diga a Ruburt que outros livros surgirão. E agradeço a sua ajuda, cooperação, e paciência.

("Estou muito feliz por poder fazê-lo") Da próxima vez teremos uma sessão particular.

("Tudo bem. Boa noite e obrigado".) Término às 10:30.

(Nos últimos dois capítulos Seth respondeu a quase todas as perguntas que permaneciam na lista que tínhamos preparado originalmente para o Capítulo Vinte.

(Uma nota: há muitas diferenças nos detalhes apresentados pelos Evangelhos de Mateus, Marcos, Lucas, e João. Por exemplo, (João 19) diz que Cristo carregou a Sua própria cruz;

em (Lucas 23) Simão de Cirene (por ser dessa localidade) ajudou Cristo a carregar a cruz em lugar dele. Muitas perguntas e argumentos complicados se desenvolveram referentes aos vários aspectos dos Evangelhos - acerca da sua possível fundação na tradição verbal e em fontes literárias e documentais antigas; se algum deles apontará o depoimento de alguma testemunha ocular da vida de Cristo; [foi afirmado recentemente que o Evangelho de Marcos foi escrito somente alguns anos depois da morte de Cristo, por exemplo] se os Evangelhos deveriam simplesmente ser considerados como a expressão duma única tradição, do facto e do ambiente de Cristo, diferente de qualquer outra coisa, etc.)

(De modo bastante intuitivo e com um pouco de nervosismo Jane começou a ler o livro de Seth a partir da página um. Ela sentia-se fascinada).

(In Capítulo 21 de Seth Fala)

* * *

"Só mais uma pequena questão: O dito de Cristo de "dar a outra face" representou um método psicologicamente astuto de afastar a violência e de não a aceitar. Simbolicamente representou o animal a oferecer a barriga ao adversário. A observação foi feita no sentido simbólico, e a certos níveis representou um gesto de derrota que suscitava o triunfo e a sobrevivência. Não pretendia significar o acto de servilismo do mártir que exclamava: "Bate-me novamente", mas representava uma declaração biológica pertinente, uma comunicação em termos de linguagem corporal... que havia de habilmente recordar o atacante das velhas posturas comunicativas dos animais sãos."

(In Session 673 - *A Natureza da Realidade Pessoal*)

* * *

"Como a presente vida de todo o indivíduo brota de dimensões ocultas para além daquelas facilmente acessíveis em termos físicos, e como retira sua energia e poder para agir de fontes inconscientes, também o actual universo físico, conforme o conheceis, brota de outras dimensões. Também ele tem a sua fonte, e deriva a sua energia de realidades mais profundas.

A história conforme a conheceis representa unicamente uma luz singular em que vos focais. Interpretais os eventos que nela notais e projectais no seu reflexo a interpretação que fazeis de eventos que podem suceder. De tal modo vos concentrais nesse transe, que quando vos questionais sobre a natureza da realidade automaticamente confinais esse questionamento a esse movimento diminuto e vacilante a que chamais realidade física. Quando ponderais sobre os aspectos de Deus, irreflectidamente falais do criador dessa luz única. Essa luz é única, e se realmente entendêsseis aquilo que é, haveríeis verdadeiramente de compreender a natureza da verdadeira realidade.

A história conforme a concebeis, representa unicamente uma delgada linha de probabilidades em que vos achais presentemente imersos. Não representa a vida toda da vossa espécie nem o catálogo das vossas actividades físicas nem tampouco vos chega a narrar a história das criaturas físicas, das suas civilizações, alegrias, tecnologias ou triunfos. A realidade é muito mais diversa, rica e indescritível do que presentemente supõem ou podeis compreender. A evolução, conforme a encarais e é categorizada pelos vossos cientistas, representa uma linha provável evolutiva, aquela em que, uma vez mais, vos achais imersos.

Existem, pois, muitos outros desenvolvimentos evolutivos igualmente válidos e igualmente reais que ocorreram e ocorrem e ocorrerão todos em sistemas prováveis da realidade física. As diversas e infindáveis possibilidades de desenvolvimento possível jamais poderiam afigurar-se num quadro delgado de realidade.

Com uma inocência deslumbrante e um orgulho exuberante imaginais que o sistema evolutivo, conforme o conheceis, seja o único, e que fisicamente não possa existir mais nenhum. Agora, na realidade física que conheceis existem dicas e pistas quanto à natureza de outras realidades físicas latentes nas vossas próprias formas físicas, e existem outros sentidos que não são utilizados e que podiam ter assomado a dianteira mas que na vossa probabilidade não ocorreram. Tenho vindo a referir-me a desenvolvimentos terrenos, realidades portanto agrupadas em torno de aspectos terrenos conforme os conheceis. Nenhuma linha de evolução é única. Consequentemente, se no vosso sistema ela desaparece, passa a emergir num outro. Todas as prováveis materializações da vida e da consciência têm o seu tempo, e geram as próprias condições em que passarão a florescer; e o seu tempo, nos vossos termos, é eterno.

Estou, neste capítulo, a referir-me principalmente ao vosso próprio planeta e sistema solar, mas o mesmo se aplica a todos os aspectos do vosso universo físico. Não tendes, pois, consciência de uma porção específica, delicada e equilibrada, única, de existência física. Sois não só seres corpóreos que moldam imagens de carne e sangue incorporados num tipo particular de tempo e espaço; sois igualmente seres que emergem de uma dimensão particularizada de probabilidades, nascidas de dimensões de actualidade ricamente adequadas para o vosso próprio desenvolvimento, enriquecimento e crescimento.

Se vocês ainda tiverem alguma compreensão intuitiva sobre a entidade ou a Totalidade do Eu, haveis de ver que ele vos colocou numa posição em que certas habilidades, percepções intuitivas e experiência poderão ser alcançadas, em que o vosso tipo de consciência singular pode ser cultivada. A vossa mínima experiência tem mais repercussões nesse ambiente multidimensional do que o cérebro físico poderá conceber. Porque se vos preocupardes com intensidade com o que poderá parecer um aspecto infinitesimal da realidade, enquanto pareceis estar completamente incorporados nele, apenas os elementos mais "superficiais" do Eu se encontram em tal estado de transe. Não gosto do termo "superficiais" a este respeito, apesar de o ter utilizado para sugerir as inumeráveis porções do Eu que de outro

modo são empregues – algumas das quais tão hipnotizadas na sua realidade quanto vós estais na vossa.

A entidade, o Eu multidimensional, tem consciência de todas as suas experiências, e esse conhecimento em certa medida acha-se ao dispor dessas outras porções do Eu, incluindo, claro está, o ser físico conforme o conheceis. Eventualmente, essas variadas porções do Eu, de facto tornar-se-ão conscientes. Ponto final. Essa consciência alterará automaticamente o que agora parece ser a sua natureza e há-de aumentar a multiplicidade da existência.

Existem sistemas prováveis de realidade, pois, em que a informação física predomina, mas tais probabilidades físicas representam apenas uma pequena porção. Cada um de vós também existis em sistemas não físicos, e eu expliquei anteriormente que o mais ligeiro pensamento ou emoção que tendes se manifesta de muitos mais modos do que unicamente no vosso próprio campo de existência.

Apenas uma porção da vossa identidade completa vos é "presentemente" familiar, conforma conheceis. Consequentemente, quando considerais a questão de um ser supremo, imaginais uma personalidade masculina dotada daquelas capacidades que vós próprios possuís, dando uma enorme ênfase às qualidades que admirais. Esse deus imaginado portanto, mudou ao longo dos vossos séculos, espelhando as ideias que o homem tinha de si próprio.

Deus era encarado como cruel e poderoso quando o homem acreditava que essas eram características desejáveis, particularmente necessárias na sua batalha pela sobrevivência física. Ele projetava-as na ideia que fazia de um deus por as envejar e temer. Vós moldastes a ideia que tínheis de Deus, pois, á vossa própria imagem.

Numa realidade que é inconcebivelmente multidimensional, o Deus dos velhos conceitos é relativamente insignificante. Até mesmo o termo, ser supremo, em si mesmo é distorcido, por projectardes naturalmente as qualidades da natureza humana nele. Se eu vos dissesse que deus não passava de uma ideia, não compreenderíeis o que quero dizer, por não compreenderdes as dimensões em que uma ideia tem a sua realidade, ou a energia a que pode dar origem ou mover. Não acreditais nas ideias do mesmo modo em que acreditais em objectos físicos pelo que, se vos dissesse que Deus é uma ideia, haveríeis de interpretar isso erradamente como dizendo que deus seria menos real – nebuloso, destituído de realidade e de propósito, e de motivo para qualquer acção.

Agora; a vossa própria imagem constitui a materialização da ideia que tendes no contexto das propriedades da matéria. Sem a ideia de vós próprios, a vossa imagem física não teria existência; todavia frequentemente é tudo de que tendes consciência. O poder e energia iniciais dessa ideia de vós próprios mantém a vossa imagem viva. As ideias, pois, são muito mais importantes do que percebeis. Se tentardes aceitar a ideia de que a vossa própria existência é multidimensional, e de que habitais um ambiente dotado de infinitas probabilidades, então podereis obter um ligeiro vislumbre da realidade que se acha por

detrás do termo "Deus", e podereis a razão por que é praticamente impossível capturar a verdadeira compreensão desse termos por palavras.

Deus, consequentemente, é antes de mais um criador, não de um universo físico mas de uma variedade infinita de existências prováveis, muito mais vastas do que aqueles aspectos do universo físico com que os vossos cientistas se acham familiarizados. Ele não enviou simplesmente um filho para viver e morrer num pequeno planeta. Ele faz parte de todas as probabilidades.

Foram contadas parábolas e histórias de começos. Todas elas constituíram tentativas de transmitir um conhecimento em termos tão simples quanto possíveis. Frequentemente, foram dadas respostas a perguntas que literalmente não tinham sentido fora do vosso próprio sistema de realidade.

Por exemplo: Não houve começo algum, e não existe fim à vista, no entanto parábolas foram dadas que vos davam conta de e inícios e términos simplesmente porque com as ideias distorcidas de tempo que possuís, inícios e términos pareciam ser eventos inseparáveis e válidos. À medida que aprendeis a desviar o foco da vossa atenção da realidade física e assim experimentais alguma evidência ligeira de outras realidades, a vossa consciência agarrar-se-á a velhas ideias que tornam as verdadeiras explicações impossíveis ao vosso entendimento. A consciência multidimensional acha-se ao vosso dispor nos vossos sonhos, contudo, em certos estados de transe, e frequentemente até mesmo sob a consciência ordinária à medida que prosseguis com o vosso dia-a-dia.

Essa consciência faculta à experiência pessoal a riqueza multidimensional que não existe aparte mas misturada com tudo, e dentro e em todo o vosso mundo dos sentidos físicos. Dizer que a vida física não é real é negar essa realidade que permeia toda a aparência. Do mesmo modo, Deus não existe aparte ou separado da realidade física mas nela e como uma verruga dela, ao existir dentro como verruga de todos os sistemas de existência.

A vossa figura do Cristo representa, simbolicamente, a ideia que tendes de Deus e dos Seus relacionamentos. Existiram três indivíduos distintos cuja história foi combinada, e que chegaram a tornar-se conhecidos como Cristo, do que resultaram muitas discrepâncias nos registos que tendes. Eles foram todos homens devido a que num dos vossos desenvolvimentos, não teríeis aceitado uma contraparte feminina.

Esses indivíduos faziam parte de uma entidade. Não podíeis deixar de imaginar Deus com um pai. Jamais os teria ocorrido imaginar um deus noutros que não em termos humanos. Componentes terrenos. Essas três figuras representaram o drama, altamente simbólico, movido por uma energia concentrada dotada de enorme força.

Os eventos, conforme foram registados, contudo, não tiveram lugar na história. A crucificação de Cristo constituiu um acontecimento psíquico e não físico. Foram representadas ideias de uma magnitude quase inimaginável.

Judas, por exemplo, não foi um homem nos vossos termos. Ele foi – à semelhança de todos os outros discípulos – a abençoada criação de um "fragmento da personalidade" formado pela personalidade do Cristo. Ele representou a traição a si-mesmo. Ele dramatizou uma porção da personalidade de cada indivíduo que se foca na realidade física de uma maneira ávida, e nega o eu interior com base na ganância.

Cada um dos dozes representava qualidades da personalidade que pertenciam a um indivíduo, e o Cristo conforme o conheceis representou o eu interior. Os doze, pois, mais o Cristo conforme o conheceis (a figura una composta dos três) representou a personalidade individual terrena – o eu interior – e as doze características principais ligadas à consciência do ego. Conforme Cristo se achava rodeado de discípulos, também o eu interior se acha rodeado por essa características fisicamente orientadas, cada uma, por um lado, voltada para fora para a realidade diária, sem todavia deixar de orbitar o eu interno.

Aos discípulos, pois foi dada existência física pelo Eu Interior, como todas as vossas características terrenas saem da vossa natureza interior. Isso representou uma parábola viva, que se tornou carne no meio de vós – um jogo cósmico elaborado a vosso favor, formulado em termos que conseguíeis entender.

As lições foram tornadas claras, por as ideias por detrás delas serem personificadas. Ides-me desculpar o termo, mas assemelhou-se a uma peça moral local, colocada no vosso canto do universo. Não quer dizer que fosse menos real do que o anteriormente suposto. De facto, as implicações do que está aqui ser dito deve insinuar com clareza os aspectos mais poderosos da divindade.

As personalidades dos três Cristos nas ceram no vosso planeta, e de facto tornaram-se carne no vosso meio. Nenhum deles foi crucificado. Os doze discípulos constituíram manifestações das energias dessas três personalidades – da combinação das suas energias. Eles achavam-se, pois, plenamente dotados de individualidade, todavia, mas a principal tarefa que lhes cabia era a de manifestarem claramente em si próprios certas capacidades inerentes a todo o ser humano.

Os mesmos tipos de dramas foram determinados por modos diversos, e conquanto o drama seja sempre diferente, ele é sempre igual. Isso não quer dizer que um Cristo tenha surgido em cada sistema da realidade. Significa que a ideia de Deus se manifestou em cada sistema de uma maneira que é compreensível aos seus habitantes.

Tal drama continua a ter existência. Ele não pertence, digamos, ao vosso passado. Vós simplesmente colocastes-lho lá. O que não quer dizer que sempre volte a ocorrer. O drama, pois, estava longe de ser destituído de significado, e o espírito de Cristo, conforme os termos em que o definis, é legítimo. É o drama de Deus provável que escolhestes perceber. Houve outros que foram percebidos, só que não por vós, e existem outros dramas em existência actualmente.

Independentemente do facto de a crucificação ter ou não ocorrido em termos físicos, tratou-se de um evento psíquico, e tem existência conforme todos os outros eventos ligados ao mesmo.

Muitos foram concretos enquanto outros não. O evento psíquico afectou tanto o vosso mundo quanto o físico ou concreto, como será óbvio. Todo o drama teve lugar em resultado da necessidade da humanidade. Foi criado em resultado dessa necessidade, cresceu a partir dela, mas não teve origem no vosso sistema de realidade.

Outras religiões foram baseadas em diferentes dramas, em que foram encenadas ideias de uma maneira que foi compreensível para as várias culturas. Infelizmente, as diferenças manifestas entre os dramas conduziram com frequência a mal-entendidos, e estes foram usados como desculpa para guerras. Esses dramas também foram trabalhados em privado no estado de sonho. As figuras que representavam uma personificação de Deus foram inicialmente introduzidas ao homem no estado de sonho, e o modo preparado de seguida.

Os homens sabiam que o drama do Cristo iria ser encenado, através de visões e inspiração, e portanto reconheceram-no pelo que representava quando ocorreu fisicamente. o poder que tinha voltou a seguir ao universo do sonho. Aumentou o seu vigor e intensidade por meio da materialização física. Através de sonhos privados, pois, os homens relacionaram-se com as figuras principais do drama, e no estado do sonho reconheceram-lhe a sua verdadeira importância.

Deus é mais do que a soma de todos os sistemas prováveis de realidade que Ele criou, e ainda assim acha-se em cada um deles, sem excepção. Ele acha-se, portanto, em cada homem e mulher. Acha-se igualmente em cada aranha, pronúncio e sapo, e isso é o que o homem não gosta de admitir.

Deus só poderá ser experimentado, e vós experimentai-lo quer o percebais ou não, por intermédio da vossa própria existência. Contudo, Ele não é masculino nem feminino, e eu utilizo esses termos só por uma questão de conveniência. Na mais incontornável das verdades, Ele não é humano conforme os vossos termos, em absoluto, e tampouco nos vossos termos é Ele uma personalidade. As ideias que fazeis da personalidade são demasiado estreitas para comportarem as inumeráveis facetas da sua existência multidimensional.

Por outro lado, Ele é humano, pelo facto de constituir uma porção de cada indivíduo; e na vastidão da Sua experiência, Ele comporta a forma de uma ideia d'Ele próprio como ser humano, em relação à qual podeis relacionar-vos. Ele tornou-Se literalmente carne para passar a habitar no meio de vós, por compor a vossa carne pelo facto de ser responsável pela energia que fornece vitalidade e validade ao vosso Eu privado multidimensional, o qual por sua vez forma a vossa imagem de acordo com as próprias ideias que tendes.

O Eu privado multidimensional, ou a alma, possui, pois, uma validade eterna. É sustentado e suportado e mantido pela energia, a inconcebível vitalidade, do Tudo Quanto Existe.

Não pode, pois, ser destruído, esse Eu Interior vosso, nem tampouco reduzido. Ele participa nessas capacidades que são inerentes ao Tudo Quanto Existe, pelo que deve, consequentemente, criar conforme é criado, por isso constituir a grande concessão que se acha por detrás de todas as dimensões da existência, o derrame por excesso a partir da fonte do Tudo Quanto Existe.

No devido tempo identificarei a personagem do terceiro Cristo. Por ora, contudo, estou mais interessado nos aspectos multidimensionais do Tudo Quanto Existe. Uma realidade como essa só pode objecto da experiência. Não há factos descritivos que possam ser apresentados no sentido de retratar com justiça os atributos do Tudo Quanto Existe.

Essa realidade e esses atributos surgirão em vários sistemas de actualidade em conformidade com os dados de camuflagem de um determinado sistema qualquer. A experiência interior relacionada com o Deus multidimensional pode apresentar-se em dias áreas principais. Uma é através do percebimento de que essa força motriz primordial se acha em tudo que podeis perceber com os vossos sentidos. O outro método, consiste no percebimento de que essa força motriz primordial possui uma realidade independente da ligação que tem com o mundo das aparências.

Todo o contacto pessoal com o Deus multidimensional, todos os instantes legítimos de consciência mística terão sempre um efeito unificador. Não tenderão, pois, a isolar o indivíduo em questão, mas em vez disso expandirá as suas percepções até que experimente a realidade e a singularidade de tantos aspectos da realidade quantos seja capaz.

Assim, ele será levado a sentir-se menos isolado e menos colocado aparte. Não se considerará acima dos outros por causa da experiência. Pelo contrário, será arrastado numa gestalt de compreensão em que seja levado a perceber a própria unidade com Tudo Quanto Existe.

Como existem porções da realidade que não percebeis de uma forma consciente, e outros sistemas de probabilidade de que não tendes consciência, também existem aspectos da divindade primária que não conseguis, neste momento, compreender. Existem, pois, deuses prováveis, cada um a reflectir ao seu modo os aspectos multidimensionais de uma identidade primordial tão descomunal e deslumbrante que nenhuma forma de realidade o tipo particular de existência poderia conte-la.

Eu tentei dar-vos uma ideia dos efeitos criativos de longo alcance que os vossos próprios pensamentos possuem. Com isso em mente, torna-se pois impossível imaginar as criatividades multidimensionais que poderão ser atribuídas ao Tudo Quanto Existe. O termo "Tudo Quanto Existe" pode ser usado como designação que inclua todos esses deuses prováveis em todas as suas manifestações.

Agora tornar-se-á mais fácil, porventura, para alguns de vós, compreender as histórias e parábolas simples relativas a começos que mencionei. Mas chegou a altura da humanidade dar determinados passos adiante, a fim de expandir a natureza da sua própria consciência

tentando compreender uma versão mais profunda da realidade. Porém, já superastes o tempo dos contos de crianças. Quando os próprios pensamentos que tendes têm forma e realidade, quando são dotados de validade mesmo noutros sistemas de realidade de que não tendes consciência, então não se tornará difícil compreender a razão por que outros sistemas de probabilidades também são afectados pelos vossos próprios pensamentos e emoções – nem a razão por que as acções de outros deuses prováveis não serão afectadas pelo que sucede noutras dimensões da existência."

In Capítulo 14 de Seth Fala

* * *

"Existem percepções internas sempre presentes na Totalidade do Ser. Existe compreensão do significado da existência toda dentro de cada personalidade. O conhecimento da existência multidimensional não se acha somente em segundo plano em relação à vossa presente actividade consciente, mas o homem conhece dentro dele o facto de que a sua vida consciente depende de uma dimensão de actualidade maior. Essa dimensão maior não pode ser materializada num sistema tridimensional, mas ainda assim o conhecimento dessa dimensão maior provoca inunda para fora a partir da parte mais interna do ser, e é projectado para fora, transformando tudo aquilo que toca.

Essa enchente infunde certos elementos do mundo físico com um brilho e intensidade que ultrapassa muito aqueles conhecidos. Aqueles que são tocados por elas são transformados, nos vossos termos, em algo mais do que eram. Esse conhecimento interior procura encontrar um sítio para si na paisagem física, a fim de se traduzir a si próprio em termos físicos. Cada homem, pois, possui esse conhecimento interior dentro de si mesmo, e em uma ou outra medida ele busca igualmente pela sua confirmação no mundo.

O mundo externo constitui um reflexo do interior, apesar de estar longe de ser perfeito. O conhecimento interior pode ser comparado a um livro relativo à terra-natal que um viajante leva consigo ao se deslocar para um território desconhecido. Todo o homem nasce com o anseio de tornar essas coisas numa verdade para si, apesar de ver uma grande diferença entre elas e o meio em que vive.

Um drama interior é continuado por cada indivíduo, um drama psíquico que é finalmente projectado no exterior com uma força brutal no campo histórico. O nascimento de grandes movimentos religiosos emerge do drama religioso interior. O drama em si mesmo constitui um fenómeno psicológico de certo modo, por cada ser orientado no sentido do físico se sente impelido sozinho para um ambiente estranho, sem lhe conhecer as origens nem destino ou sequer a razão da sua própria existência.

Esse é o dilema do ego, em particular nos primeiros estágios. Ele volta-se para o exterior em busca de respostas por isso corresponder à sua natureza: manipular a realidade física. Também sente, contudo, uma ligação profunda e permanente com outras porções do Eu que

não se encontram sob o seu domínio, que não compreende. Também tem consciência de que esse Eu interior possui um conhecimento em que a sua própria existência se baseia.

Ao crescer, nos vossos termos, volta-se para fora em busca de confirmação desse conhecimento interior. O Eu interior sustenta o ego com o seu apoio. Molda as suas verdades em dados orientados para o físico com que o ego pode lidar. A seguir projecta-os no exterior na área da realidade física. Ao ver essas verdades assim materializadas, o ego passa a achar fácil aceitá-las.

Assim, lidais frequentemente com eventos em que os homens são tocados por uma grande iluminação, isolados das massas dos seres humanos, e são endossados de grandes poderes – períodos da história que parecerão quase anormalmente brilhantes em contraste com outros; profetas, génios e reis apresentados numa proporção mais do que humana.

Agora, essa gente é escolhida por outros a fim de manifestar externamente as verdades interiores que todos conhecem intuitivamente. Isso comporta muitos níveis de significado. Por um lado, tais indivíduos recebem as suas capacidades e poder sobrenaturais da parte dos seus companheiros, controlam-nas, e exibem-nas no mundo físico para toda a gente as ver. Representam a parte do Eu interior que na realidade não consegue operar na realidade física sem ser envolta na carne. Essa energia, todavia, constitui uma projecção bastante válida do Eu interior.

A personalidade assim tocada por ele torna-se de seguida, em certos termos, o que parece ser. Emergirá como um herói eterno no drama religioso externo, enquanto o ser interior representa o herói interno do drama religioso interior.

A projecção mística constitui uma actividade contínua. Quando a força de uma grande religião começa a diminuir e o efeito físico que exerce decresce, então o drama interno começa novamente a acelerar. A mais elevada das projecções humanas, é assim projectada na história física. Os dramas em si mesmos revelar-se-ão diferentes. Lembrai-vos que eles são edificados internamente, primeiro.

Serão formados para impressionar as condições do mundo numa dada altura, e portanto expressar-se-ão pelos símbolos e eventos que impressionem mais as populações. Isso é habilmente conseguido, por o Eu interior saber exactamente o que impressionará o ego, e o tipo de personalidades que sejam mais capazes de personificar a mensagem num dado período. Quando uma personagem assim surge na história, pois, é intuitivamente reconhecida, pela forma como terá sido definida, e em muitos casos as profecias a anunciar um advento desses já terão sido estabelecidas.

Aqueles que são assim escolhidos por essa forma não surgem por acaso no meio de vós. Eles não são escolhidos ao acaso. São indivíduos que assumiram a responsabilidade por tal papel. Após o nascimento têm consciência em graus variados do seu destino, e certas experiências desencadeadas podem por vezes despertar-lhes uma lembrança completa.

Servem com clareza como representantes humanos do Tudo Quanto Existe. Agora, como cada um faz parte do Tudo Quanto Existe, em certa medida, cada um de vós se presta ao mesmo papel. Contudo, num drama religiosos desses, a personalidade principal tem muito mais consciência desse conhecimento interior, mais consciência das próprias capacidades, é muito mais capaz de as utilizar, e acha-se de uma forma exultante familiarizado com a relação que tem com toda a vida.

Ideias de bem e mal, deuses e demónios, salvação e condenação, constituem meros símbolos de valores religiosos mais profundos; valores cósmicos, se preferirdes, que não são passíveis de ser traduzidos em termos físicos.

Essas ideias tornam-se nos temas condutores desses dramas religiosos de que falei. Os actores podem "retornar", uma e outra vez, em diferentes papéis. Em qualquer drama religioso histórico, pois, os actores (intervenientes) poderão já ter aparecido na cena histórica do vosso passado, sendo o profeta dos dias actuais o traidor do drama passado.

Todavia, as entidades psíquicas são reais. É bastante verdadeiro afirmar que a sua realidade consiste não somente no núcleo da sua identidade, mas que também é reforçado por aqueles pensamentos e sentimentos projectados por parte da audiência terrena para quem o drama é encenado.

A identificação física ou psicológica é da maior importância aqui e acha-se de facto no coração de tais dramas. Num certo sentido, podereis dizer que o homem se identifica com os deuses que ele próprio criou. Contudo, o homem não compreende a qualidade magnífica da sua própria capacidade de invenção e poder criativo. Assim, dizei que os deuses e os homens se criam uns aos outros, e chegareis ainda mais perto da verdade; mas apenas se usardes de cuidado nas definições que estabelecerdes – porque, de que modo, exactamente, se diferenciarão os homens e os deuses?

Os atributos dos homens são aqueles que são implícitos ao próprio homem, ampliados, e levados a uma actividade poderosa. Os homens creem que os deuses vivam para sempre. Os homens vivem para sempre, mas tendo esquecido isso, lembram-se apenas de endossar essa característica aos deuses. Evidentemente, pois, e esses dramas religiosos históricos, os aparentemente recorrentes contos de homens e de deuses, comportam realidades espirituais.

Por detrás dos actores de tais dramas, existem entidades mais poderosas que se encontram muito além da representação de papéis. As próprias encenações, pois, as religiões que varrem as eras – são meras sombras, conquanto úteis. Por detrás do enquadramento do bem e do mal existe um valor muito mais profundo. Consequentemente, todas as religiões, enquanto procuram captar a "verdade", deve em determinado grau temer a possibilidade de ela lhes escapar constantemente.

Só o Eu interno, no repouso, na meditação, poderá por vezes vislumbrar porções dessas realidades internas que não podem ser fisicamente expressadas. Esses valores, intuições ou

insights (percepções) são dadas a cada um conforme o entendimento que possua e assim as histórias que são contadas em relação a elas variarão muitas vezes.

Por exemplo, o personagem principal de um drama religioso histórico pode e pode não ter consciência dos modos através dos quais tal informação lhe é dada. Ainda assim, poderá parecer-lhe que saiba, por a natureza da origem do dogma venha a ser explicada em termos que esse personagem principal possa entender. O Jesus histórico sabia quem era, mas também tinha conhecimento de ser uma de três personalidades que compunham uma entidade. Em larga medida, ele partilhava da recordação das outras duas.

A terceira personalidade, mencionada muitas vezes por mim, ainda não surgiu, nos vossos termos, apesar de a sua existência ter sido profetizada em termos de um "Segundo Advento". Ora bem, essas profecias foram traçadas nos termos da cultura corrente da época, e consequentemente, conquanto o palco tenha sido montado, as distorções são deploráveis, por esse Cristo não vir no final do vosso mundo conforme as profecias têm mantido.

Ele não virá para recompensar os justos nem enviar os malfeitores para a condenação eterna. Todavia, irá dar início a um novo drama religioso. Uma certa continuidade histórica será mantida. Como aconteceu uma vez antes, contudo, ele não será reconhecido no geral pelo que é. Não será feita qualquer proclamação gloriosa em relação à qual todo o mundo se curvará. Ele voltará para endireitar o cristianismo, que se encontrará numa desordem por altura do seu surgimento, e para estabelecer um novo sistema de pensamento quando o mundo estiver urgentemente necessitado de um.

Por essa altura, todas as religiões se encontrarão numa severa crise. Ele irá minar as organizações religiosas – não unir. A sua mensagem será a do indivíduo na relação que tem com o Tudo Quanto Existe. Ele enunciará claramente métodos por meio dos quais cada um poderá atingir um estado de contacto íntimo com a sua própria entidade (alma); por a entidade em certa medida ser o mediador do homem com o Tudo Quanto Existe.

Por altura do ano 2075 isso já terá sido alcançado. O nascimento ocorrerá no devido tempo. As outras modificações dar-se-ão geralmente ao longo de um período de um século, mas os resultados evidenciar-se-ão de longe antes dessa altura.

Devido à natureza plástica do futuro, nos vossos termos, a data não pode ser considerada definitiva. Todas as probabilidades apontam nessa direcção, contudo, por o impulso interior já estar a dar forma a tais ocorrências.

Podemos fazer aqui uma nota para referir que o Nostradamus viu a dissolução da Igreja Católica Romana como o fim do mundo. Ele não podia imaginar a civilização sem ela, daí que muitas das suas previsões posteriores devam ser lidas com isso em mente.

A terceira personalidade do Cristo virá efectivamente a ser conhecida como a de um grande psíquico, por ser ele quem ensinará à humanidade como usar os seus sentidos

interiores que por si só tornam a verdadeira espiritualidade possível. Assassinos e vítimas trocarão de posição à medida que recordações reencarnatórios vierem à superfície da consciência. Por intermédio do desenvolvimento dessas capacidades, a sacralidade de toda a vida será intimamente reconhecida e apreciada.

Ora bem; por essa altura nascerão vários que de vários modos despertarão as expectativas do homem. Um deles já nasceu na Índia, numa pequena província próximo de Calcutá, mas o seu ministério parecerá comparativamente local durante para a sua vida.

Outro nascerá na África, um negro cujo principal trabalho será levado a cabo na Indonésia. As expectativas foram estabelecidas há muito tempo, nos vossos termos, e serão supridas por novos profetas até a terceira personalidade do Cristo emergir efectivamente.

Ele conduzirá o homem por detrás do simbolismo em que a religião tem dependido há tantos séculos. Ele enfatizará a experiência espiritual individual, a expansão da alma, e ensinará o homem a reconhecer os inumeráveis aspectos da sua própria realidade.

O terceiro personagem histórico, já nascido nos vossos termos, e uma porção da personalidade completa do Cristo, tomou para si o papel de um Zelote.

Esse indivíduo possuiu uma inteligência e um poder superiores e grandes capacidades de organização, mas foram os erros que cometeu que perpetuaram certas distorções perigosas. Os registos desse período histórico são dispersos e contraditórios.

O homem, conhecido em termos históricos, foi Paulo, ou Saulo. Foi-lhe dada a criação de uma estrutura, mas tratava-se de uma estrutura de ideias e não de regulamentos; destinada aos homens, não aos grupos. Aqui, ele sucumbiu, mas voltará como a terceira personalidade, tal como foi mencionado, no vosso futuro.

A esse respeito, contudo, não existem quatro personalidades.

Agora, Saulo fez um esforço considerável para se definir como uma identidade separada. As suas características, por exemplo, eram aparentemente muito diferentes das do Cristo histórico. Ele foi "convertido" numa experiência pessoal intensa – um facto que foi concebido para inculcar nele os aspectos pessoais e não organizacionais. No entanto, algumas das façanhas da sua vida anterior foram atribuídas ao Cristo – não como um jovem, mas antes.

Todas as personalidades gozam de livre-arbítrio e trabalham os próprios desafios que estabelecem para si próprias. O mesmo se aplicou a Saulo. As "distorções" organizativas, todavia, também se revelaram necessárias no enquadramento da história conforme os acontecimentos são entendidos. As tendências de Saulo eram conhecidas, pois, num outro nível. Elas serviram um propósito. É por essa razão, todavia, que ele emergirá de novo, desta vez para destruir tais distorções.

Agora, ele não as concebeu por mote próprio, para as delegar à realidade histórica. Ele criou-as na medida em que se viu forçado a admitir certos factos. No mundo dessa época, fazia-se necessário o poder terreno para manter as ideias Cristãs aparte de inúmeras outras teorias e religiões, e para as manter em meio às facções beligerantes. Cumpria a ele formar uma estrutura física; e mesmo assim, ele temia que a estrutura estrangulasse as ideias, mas não viu outro caminho.

Quando a terceira personalidade reemergir em termos históricos, contudo, ele não será chamado de velho Paulo, mas carregará dentro dele as características de todas as três personalidades.

Paulo tentou negar o conhecimento de quem era, até experimentar a conversão. Em termos alegóricos representou uma facção beligerante do Eu que luta contra o próprio conhecimento e se vê orientado de uma maneira altamente concreta. Pareceu ter ido de um extremo ao outro, ao se posicionar contra o Cristo e a seguir a favor dele. Mas a veemência interior esteve sempre presente, o fogo interior, e o reconhecimento que por tanto tempo tentou ocultar.

A dele era a porção que devia lidar com a realidade e a manipulação física, pelo que essas qualidades eram fortes nele. Até certo ponto, elas sobrepuseram-se-lhe. Quando o Cristo histórico "morreu", cabia ao Paul implementar as ideias espirituais em termos concretos, para lhes dar continuidade. Ao proceder assim, contudo, ele fez crescer as sementes de uma organização que viria a sufocar as ideias. Ele seguiu-se ao Cristo, tal como João Baptista o antecedeu. Juntos, os três atravessaram um certo período de tempo, entendem?

Tanto João como o Cristo histórico desempenharam os seus papéis e sentiram-se satisfeitos por o terem feito. Só Paulo ficou, no final, insatisfeito, e assim será em torno da sua personalidade que o futuro Cristo se formará.

A entidade de que essas personalidades fazem parte, a entidade a que podeis chamar de Entidade do Cristo, estava ciente de todos esses problemas. As personalidades terrenas não tinham consciência deles, embora em períodos de transe e de exaltação muito lhes tenha sido dado a conhecer.

Paulo representou igualmente a natureza militante (combatente) do homem, que tinha que ser levada em consideração em linha com o desenvolvimento que o homem tinha à época. Essa qualidade militante no homem será alterada por completa na sua natureza e será posta de lado conforme a conheceis quando a próxima personalidade do Cristo emergir. É pois apropriado que o Paulo esteja presente.

No próximo século, a natureza interior do homem, com estes desenvolvimentos, libertar-se-á de muitas restrições que a envolveram. Uma nova era começará de facto – não, bom, um céu na terra, mas um mundo muito mais são e justo, em que o homem terá uma maior consciência da relação que tem com o planeta e da liberdade que tem no tempo.

Gostaria de clarificar alguns pontos. A "nova religião" que se seguirá à "Segunda Vinda" não será Cristã nos vossos termos, embora a terceira personalidade do Cristo lhe dê início.

Essa personalidade fará referência ao Cristo histórico, e reconhecerá a relação que tem com essa personalidade; mas nele os agrupamentos das três personalidades formarão uma nova entidade psíquica, uma gestalt psicológica diferente. À medida que essa metamorfose tiver lugar, dará início igualmente a uma metamorfose ao nível humano, à medida que as capacidades interiores do homem forem aceites e desenvolvidas.

Os resultados assentarão num tipo de existência diferente. Muitos dos vossos problemas agora resultam da ignorância espiritual. Nenhum homem depreciará um indivíduo de uma outra raça quando ele próprio reconhecer que a sua própria existência inclui o saber que faz igualmente parte dela.

Nenhum sexo será considerado melhor nem pior, ou papel na sociedade, quando cada um tiver consciência da própria experiência que tem em muitos níveis e papéis da sociedade. Uma consciência aberta sentirá as ligações que tem com os outros seres vivos. A continuidade da consciência tornar-se-á evidente. Em resultado de tudo isso as estruturas governamentais e sociais mudarão, por estarem baseadas nas actuais crenças.

A personalidade humana colherá benefícios que agora parecerão inacreditáveis. Uma consciência aberta implicará uma liberdade muito maior. A partir do berço, as crianças serão ensinadas que a identidade básica não depende do corpo, e que o tempo conforme o concebeis é uma ilusão. A criança terá consciência de muitas das suas existências passadas, e será capaz de identificar-se com o velho ou velha em que nos vossos termos, se tornará.

Muitas das lições que "sobrevêm com a idade", estarão ao dispor do jovem, mas o velho não perderá a elasticidade espiritual da sua juventude. Isso por si só é importante. Mas por algum tempo, as encarnações deverão permanecer ocultas por razões práticas.

À medida que essas mudanças sucederem, novas áreas serão activadas no cérebro para tomarem conta deles em termos físicos. Em termos físicos, pois, o mapeamento do cérebro tornar-se-á possível em que memórias de vidas passadas serão evocadas. Todas essas alterações constituem mudanças espirituais em que o sentido da religião irá além dos limites das organizações e se tornarão uma parte viva da existência individual, e em que molduras psíquicas em vez de físicas formarão as fundações da civilização.

A experiência do homem será de tal modo ampla que para vós a espécie parecerá ter-se tornado numa outra. Isso não significa que não haja problemas. Significa que o homem disporá de muito mais vastos recursos ao seu comando. Também pressupõe uma estrutura social muito mais rica e diversificada. Os homens e as mulheres vão relacionar-se com os seus irmãos, não só como aqueles que são como aqueles que eles foram.

Relacionamentos familiares apresentarão talvez as maiores alterações. Haverá lugar às interacções emocionais na família que agora parecerão impossíveis. A mente consciente tornar-se-á mais ciente de material inconsciente.

Eu estou a incluir esta informação sobre a religião neste capítulo por ser importante que compreendais que a ignorância espiritual se acha na base de muitos dos vossos problemas, e que de facto as vossas únicas limitações são de natureza espiritual.

A metamorfose mencionada antes da parte da terceira personalidade, terá uma tal força e poder que fará surgir na humanidade essas mesmas qualidades a partir do seu íntimo. As qualidades terão estado sempre presentes. Irão finalmente romper os véus da percepção, e estender essa percepção em novos sentidos.

Agora, à humanidade falta-lhe um enfoque desses. A terceira personalidade representará esse enfoque. Não haverá, a propósito, crucificação nenhuma nesse drama. Essa personalidade será efectivamente multidimensional e terá consciência de todas as suas encarnações. Não se orientará em termos de sexo, uma cor nem uma raça.

Pela primeira vez, portanto, romperá com os conceitos terrenos da personalidade, e libertá-la-á. Terá a capacidade de revelar essa diversidade de efeitos à sua vontade. Haverá muitos que terão medo de aceitar a natureza da sua própria realidade, ou que lhes sejam reveladas as dimensões da verdadeira identidade.

Por diversas razões, conforme foi mencionado pela Jane, não pretendo fornecer informações mais detalhadas quanto ao nome que será assumido, nem ao país de nascença. Demasiados poderão ser tentados a saltar para essa imagem prematuramente.

Os acontecimentos não são predestinados. A estrutura para esse advento, contudo, já foi estabelecido, no vosso sistema de probabilidades. O surgimento dessa terceira personalidade afectará directamente o drama original histórico do Cristo conforme é conhecido. Existem e deverão dar-se interacções entre eles.

Os dramas religiosos externos constituem é claro representações imperfeitas de realidades espirituais interiores em constante desdobramento. Os vários personagens, os deuses e profetas das histórias religiosas – esses absorvem as projecções interiores das massas, que são emitidas por aqueles que habitam um determinado período.

Tais dramas religiosos focarão, directa, esperamos, aspectos inequívocos da realidade interior que precisam ser fisicamente representados. Eles não só surgem no vosso próprio sistema. Muitos são igualmente projectados noutros sistemas da realidade. A religião, por si só, contudo, representa sempre a fachada externa da realidade interior. Só a existência espiritual primordial dá significado à física. Nos termos mais reais, a religião deveria incluir todas as actividades do homem na busca que empreende pela natureza do significado e da verdade. A espiritualidade não pode representar uma actividade isolada especializada ou característica dela.

Os dramas religiosos externos são válidos apenas na medida em que fielmente reflectem a natureza da existência espiritual privada e interior. Na medida em que um homem sentir que a sua religião dá expressão a tal experiência interior, senti-la-á válida. A maioria das religiões por si só, contudo, estabelecem uma permissividade para com certos grupos de experiências enquanto nega outras. Elas limitam-se ao aplicarem os princípios da sacralidade da vida apenas à sua própria espécie, e muitas vezes a grupos altamente limitados dela.

Jamais uma igreja qualquer será capaz de expressar a experiência interior de todos oso indivíduos. Jamais qualquer igreja em concreto estará em posição de poder restringir as experiências interiores dos seus membros – apenas parecerá faze-lo. As experiências proibidas serão simplesmente expressadas inconscientemente, para obterem força e vitalidade, e voltarão a erguer-se para formar uma projecção contrária que por sua vez dará forma a outro drama religioso novo.

Os próprios dramas expressam certas realidades interiores, e prestam-se como lembretes superficiais para aqueles que não confiam na experiência directa com o Eu interior. Eles aceitarão os símbolos com uma realidade. Quando descobrem que isso não corresponde à verdade, sentem-se traídos. Cristo falou em termos de pai e filho por nos vossos termos da época, esse ser o método empregue – a história que utilizou para explicar a relação existente entre o Eu interior e o indivíduo físico vivo. Nenhuma nova religião surpreende realmente ninguém, por o drama já ter sido encenado ao nível subjectivo.

O que eu disse, é claro, aplica-se tanto ao Buda quanto se aplica ao Cristo: ambos aceitaram as projecções interiores e a seguir procuraram representá-las em termos físicos. Contudo, eram mais do que a soma dessas projecções. Isso também devia ser entendido. O islamismo ficou muito aquém. Nesse caso, as projecções foram de uma violência predominante. O amor e o parentesco foram secundários em relação ao que de facto se converteu no baptismo e na comunhão por meio da violência e do sangue.

Nesses dramas externos contínuos, os Hebreus desempenharam um estranho papel. A ideia de um deus não era nova para eles. Muitas religiões antigas sustentavam a crença em um deus acima de todos os demais. Esse deus que estava acima de todos os outros, contudo, era um deus muito mais tolerante, do que aquele seguido pelos Hebreus. Muitas tribos acreditavam, e com toda a justiça, no Espírito interior que permeia toda a coisa vivente, e frequentemente referiam-se, digamos, ao deus da árvore, ou ao espírito na flor. Mas também aceitavam a realidade de um espírito superior, de que esses espíritos menores faziam parte. Todos trabalhavam juntos em harmonia.

Os Hebreus concebiam um deus supervisor, um deus irado e justo e por vezes cruel; e muitas seitas negavam, pois, a ideia de que outros seres vivos para além do homem possuíssem um espírito interior. As primeiras crenças representavam uma muito melhor representação da realidade interior, em que o homem, ao observar a natureza, deixava que ela falasse e revelasse os seus segredos.

O deus Hebreu, todavia, representava uma projecção de um tipo muito distinto. O homem tornava-se cada vez mais consciente do ego, e de um sentido de poder sobre a natureza, e muitos dos milagres tardios são representados de um tal modo que a natureza é forçada a portar-se de modo diferente daquele que normalmente usa. Deus torna-se aliado do homem contra a natureza.

O deus Hebreu inicial tornou-se num símbolo do ego desenfreado do homem. Deus comportou-se exactamente como uma criança enfurecida se portaria, caso dispusesse de tais poderes, enviando trovões e relâmpagos e fogo contra os seus inimigos para os destruir. O ego emergente do homem trouxe-lhe, pois, problemas e desafios de ordem emocional e psicológica. O sentido de separação da natureza aumentou e a natureza tornou-se num instrumento a ser utilizada contra os outros.

Algum tempo antes da emergência do deus Hebraico essas tendências tornaram-se aparentes. Em muitas religiões tribais antigas, agora esquecidas, recorria-se aos deuses com oferendas para ele voltar a natureza contra o inimigo. Antes desse tempo, contudo, o homem sentiu ser parte da natureza, e não separado dela. Era encarada como uma extensão do seu ser, conforme el se sentia uma extensão da sua realidade. E sob esse ponto de vista, não podemos usar-nos a nós mesmos contra nós próprios.

Nesses tempos o homem falava e confiava no espírito das aves, das árvores, das aranhas, sabendo que subjacente à realidade interior a natureza e tais comunicações era conhecida e compreendida. Nesses tempos, a morte não era temida conforme o é nos vossos termos, agora, por compreenderem o ciclo da consciência.

De uma certa forma o homem desejava sair fora de si próprio, fora da estrutura em que tinha a sua existência psicológica, para tentar novos desafios, passar de um modo de consciência para outro diferente. Ele pretendia estudar o processo da sua própria consciência. De certo modo isso significava uma separação descomunal da espontaneidade interior que lhe tinha fornecido tanto paz quanto segurança. Por outro lado, proporcionava-lhe uma nova criatividade, nos seus termos.

Por essa altura, o deus interior tornou-se no deus exterior.

O homem tentou formar um novo reino, atingir um tipo diferente de foco e de consciência. A sua consciência voltou-se para fora de si. Para conseguir isso concentrou-se cada vez menos na realidade interna, e consequentemente começou o processo da realidade interior somente como projecção no mundo físico exterior.

Antes, o ambiente era criado sem esforço e percebido pelo homem e por todas as outras coisas vivas, com conhecimento da natureza da sua unidade interior. Para poder dar início a essa sua nova aventura, fazia-se necessário fingir que essa realidade interior não existia. De outro modo o novo tipo de consciência regressaria sempre de volta ao seu âmbito em busca de segurança e de conforto. Assim, parecia que todas as pontes precisavam ser cortadas, enquanto isso, é claro, não passava de um jogo, por a realidade interior sempre se

manteve. O novo tipo de consciência precisava simplesmente de desviar o olhar dela para poder inicialmente manter um foco independente.

Estou aqui a falar-vos em termos mais ou menos históricos. Todavia, precisais entender que o processo nada tem que ver com o tempo conforme o conheceis. Esse tipo particular de aventura na consciência tinha acontecido antes, e nos vossos termos acontecerá de novo.

A percepção do universo exterior passou a ser alterada, contudo, e pareceu estranha a separada do indivíduo que o percebia.

Deus, portanto, tornou-se numa ideia projectada no exterior, independente do indivíduo e divorciado da natureza. Tornou-se no reflexo do ego emergente do homem, em todo o seu brilho, selvageria, poder, e intenção de domínio. A aventura foi uma altamente criativa a despeito das desvantagens óbvias, e representou uma "evolução" da consciência que enriqueceu a experiência subjectiva do homem, e de facto contribuiu para as dimensões da própria realidade.

Para se tornar efectivamente organizado, contudo, tanto a experiência interior como a exterior tinham que parecer acontecimentos desconexos e separados. Historicamente, as características de Deus mudaram à medida que o ego do homem mudava. Contudo, essas características do ego, eram apoiadas por poderosas alterações interiores.

A propulsão original das características interiores para fora para a formação do ego podia ser comparada ao nascimento de inúmeras estrelas – um evento de incontáveis consequências que tinha tido origem num nível subjectivo e numa realidade interior.

Por consequência, o ego, tendo tido nascido dentro, precisa sempre orgulhar-se da sua independência enquanto mantém a insistente certeza da sua origem interior.

O ego temeu pela sua posição, assutado com a possibilidade de poder dissolver-se de novo no Eu interior de que tinha brotado. No entanto, ao emergir, forneceu ao Eu interior um novo tipo de retroalimentação, uma diferente perspectiva não só de si só; mas trouxe-lhe mais, facultou-lhe a capacidade de vislumbrar possibilidades de desenvolvimento de que não tivera noção antes. Nos vossos termos, lá pelo tempo de Cristo, o ego estava suficientemente seguro da posição que ocupava pelo que a imagem projectada de Deus podia começar a sofrer mudanças.

O Eu interior encontra-se num estado de crescimento constante. A porção íntima de todo homem, pois, projectou esse conhecimento no exterior. A necessidade, a necessidade psicológica e espiritual da espécie, exigiu alterações tanto interiores como exteriores de grande importância. Qualidades de misericórdia e de compreensão que tinham permanecido soterradas podiam agora vir à superfície. E elas surgiram não só a nível privado mas em

massa, adicionando um novo ímpeto e conferindo uma "novo" rumo natural – ao começar a convocar todas as porções do Eu, conforme as conhecia.

O conceito de Deus começou a mudar à medida que o ego reconhecia a dependência que tinha da realidade interior, mas o drama precisava ser trabalhado no enquadramento da altura. O Islamismo era basicamente tão violento devido precisamente ao facto do Cristianismo ser suave. Não que o Cristianismo não tivesse violência à mistura, ou o Islamismo fosse destituído de amor. Mas à medida que a psique passou pelos seus desenvolvimentos e batalhou consigo própria, negando alguns sentimentos e características para realçar outras, também o drama histórico exterior representou e seguiu as aspirações e lutas e buscas interiores.

Todo este material agora fornecido precisa ser levado em linha de conta juntamente com o facto de que por debaixo de tais desenvolvimentos existem aspectos eternos e características criativas de uma força que tem tanto de inegável quanto de íntima. Por outras palavras, Tudo Quanto Existe, representa a realidade a partir da qual todos nós brotamos. Tudo Quanto Existe, pela sua própria natureza, transcende todas as dimensões da actividade, da consciência, da realidade, ao mesmo tempo que faz parte de cada uma delas.

Por detrás de todos os rostos há uma face, mas isso não quer dizer que a face de cada um não seja sua. O drama religioso posterior de que falei, nos vossos termos ainda por suceder, representa uma outra fase nos dramas tanto interior como exterior em que o ego emergente toma consciência de grande parte da sua herança. Enquanto preserva a sua própria situação, será capaz de um maior intercâmbio com outras porções do Eu, assim como de proporcionar ao Eu interior oportunidades de consciência que o Eu interior por si só não conseguiria obter.

Por isso, as jornadas de desenvolvimento dos deuses, representam as jornadas da própria consciência do homem projectadas no exterior. No entanto, Tudo Quanto Existe, acha-se contido em cada uma dessas aventuras. A sua consciência, e a sua realidade acha-se em cada homem e nos deuses que ele (homem) criou.

Os deuses, é claro, alcançam uma realidade psíquica. Não estou por isso a dizer que eles não sejam reais, mas em certa medida a definir a natureza da sua realidade. É, em certa medida, verdadeiro dizer: "Tenham cuidado com os deuses que escolhem, porque vós vos reforçais uns aos outros".

Uma aliança dessas estabelece certos campos de atracção. Um homem que se apegue a um dos deuses está necessariamente a apegar-se em larga escala às suas próprias projecções. Algumas, nos vossos termos, são criativas, e outras destrutivas, apesar dos últimos

raramente serem reconhecidas como tal.

O conceito aberto do Tudo Quanto Existe, contudo, liberta-vos em grande medida das vossas próprias projecções, e permite-vos um contacto mais válido com o espírito que se acha por detrás da realidade que conheceis.

Neste capítulo gostaria igualmente de mencionar vários outros pontos pertinentes.

Algumas histórias antigas chegaram a perdurar ao longo dos séculos que fazem narrativas de vários deuses e demónios que por assim dizer guardam os portões de outros níveis e estágios da consciência. E definem e enumeram e classificam níveis astrais.

Há testes a passar antes de terem acesso. Há rituais a ser encenados. Agora, tudo isso é altamente distorcido e qualquer tentativa para expressar a realidade interna com rigor e precisão está fadado a abortar, a revelar-se altamente enganador e nos vossos termos, por vezes perigoso; por criardes a vossa própria realidade e a viverdes de acordo com as crenças íntimas que tendes. Por isso, tende igualmente cuidado com as crenças que aceitais.

Permiti que aproveite a oportunidade para declarar uma vez mais que não existem demónios nem diabos, excepto os que vós criais com base nas crenças que tendes. Conforme mencionado anteriormente, os efeitos bons e maus constituem basicamente ilusões. Nos vossos termos, todos os actos, independentemente da sua natureza aparente, são uma parte de um bem maior. Não estou a dizer que um fim bom justifique o que consideraríeis uma má acção. Enquanto aceitardes os efeitos do bem e do mal, então é preferível que escolhais o bem.

Eu estou a explicar isto da forma mais simples possível. As palavras que emprego apresentam profundas implicações, contudo. Os contrários só têm validade no vosso sistema de realidade. Eles fazem parte do vosso sistema de pressupostos de raiz, e assim precisais lidar com eles enquanto tais.

No entanto, representam profundas unidades que não compreendeis. A concepção que fazeis de bem e de mal resulta em grande parte do tipo de consciência que presentemente adoptais. Não percebeis totalidades mas porções, somente. A mente consciente foca-se com uma luz rápida, limitada mas intensa, percebendo com base num campo limitado de realidade apenas certos "estímulos" que a seguir passa a reunir, de modo que forma o elo da similitude. Tudo o que não aceitar como uma porção da realidade, não percebe.

O efeito dos contrários resulta, pois, de uma falta de percepção. Dado que precisais operar no mundo conforme o percebeis, então os contrários terão que parecer constituir condições da existência. Esses elementos foram isolados por uma certa razão, contudo. Vós estais a ser ensinados e estais a ensinar a vós próprios o modo de manipular a energia, para

vos tornardes cocriadores conscientes com o Tudo Quanto É, e um dos "estágios do desenvolvimento" dos processos de aprendizagem inclui o trato com os contrários como uma realidade.

Nos vossos termos, as ideias de bem e mal ajudam-vos a reconhecer o sagrado da existência, a responsabilidade da consciência. As ideias dos contrários também representam directrizes necessárias para o ego em desenvolvimento. O Eu interior conhece muito bem a unidade que existe.

Em qualquer período histórico, um drama religioso pode finalmente emergir como a representação externa, mas deverão haver também muitos dramas menores, "projecções" que não assumem por completo. Esses representam, é claro, eventos prováveis. Qualquer deles podia suplantar o drama exterior real. No tempo de Cristo houveram muitos desempenhos que tais, já que muitas personalidades sentiram a força da realidade interior e reagiram-lhe.

Existiram Cristos prováveis, por outras palavras, vivos nos vossos termos, por essa altura. Por diversas razões em que não entrarei aqui, essas projecções não espelharam eventos interiores de modo suficientemente fiel. Existia, contudo, um grupo de homens na mesma área generalizada física, que responderam ao clima psíquico interior e que sentiram em si próprios a atracção e a responsabilidade do herói religioso.

Alguns deles estavam demasiado imbuídos, demasiado presos no tormento e fervor do período para se erguerem o suficiente acima dele. As culturas serviram-se deles. Não foram capazes de utilizar as diversas culturas como ponto de partida para novas ideias. Em vez disso tornaram-se perdidos na história dos tempos.

Alguns prosseguiram seguindo o mesmo padrão assumido pelo Cristo, desempenharam façanhas psíquicas e curas, tiveram grupos de seguidores, mas ainda assim não foram capazes de manter esse poderoso enfoque de atenção psíquica que se fazia tão necessário.

O Mestre da Retidão, conforme o chamavam, era um indivíduo assim, mas a sua natureza excessivamente zelosa reteve-lhe o progresso. A rigidez que manifestava impediu-lhe a espontaneidade necessária para a implementação de qualquer grande religião. Em vez disso, caiu na armadilha do provincianismo. Tivesse ele desempenhado o papel possível e poderia ter beneficiado Paulo. Ele era uma personalidade provável da porção do Paulo da entidade do Cristo.

Esses homens tinham uma compreensão inata da parte que lhes cabia nesse drama, assim com da posição que tinham no Tudo Quanto É. Eram todos altamente dotados ao nível clarividente e telepático, e dados a visões e a escutar vozes.

Nos sonhos que tinham achavam-se em contacto. Conscientemente, Paulo recordou muitos desses sonhos, até se sentir perseguido pelo Cristo. Foi devido a uma série de sonhos recorrentes que Paulo perseguiu os Cristãos. Ele sentiu que o cristo era uma espécie de demónio que o perseguia durante o sono.

No nível inconsciente, contudo, ele conhecia o significado dos sonhos, e a "conversão" que atravessou, claro está, constituiu simplesmente um evento físico que se seguiu a uma experiência interior.

João Baptista, Cristo e Paulo estavam todos em contacto no estado de sonho, e o João estava perfeitamente ciente da existência do cristo antes de o Cristo nascer.

Paulo necessitava da força egoísta por causa dos deveres particulares que lhe cabiam. Ele estava muito menos consciente ao nível consciente do papel que lhe cabia por tal razão. O conhecimento interior, é claro, explodiu na experiência física de conversão que teve.

Bom, para responder à pergunta que Ruburt (Jane) lançou, o nascimento ocorrerá no período que foi avançado, quando chegar o tempo definido (por volta do ano 2075). As outras mudanças dar-se-ão no período de um século, mas os resultados evidenciar-se-ão muito antes dessa altura. Devido à natureza plástica do tempo, para falar nos vossos termos, a data não pode ser considerada definitiva. No entanto, todas as probabilidades apontam nessa direcção, por o impulso interno estar já a moldar os acontecimentos.

Quanto à morte do Mestre da Rectidão (Senhor da Justiça), bom o nome atribuído está correcto, apesar de constituir uma tradução. Morreu junto com um pequeno grupo de homens em uma caverna em que se tinha refugiado em meio a uma batalha, assassinado pelos membros de uma outra seita. Os assassinos levaram certos manuscritos que encontraram ali; mas existiam mais que não encontraram e que ainda não vieram à luz. O último local em que se refugiou achava-se perto de Damasco. Durante algum tempo, o Mestre da Rectidão procurou esconder-se na cidade. Não obstante, a sua identidade foi descoberta, e ele retirou-se com um agrupamento de homens para umas cavernas que se situavam entre Damasco e uma outra cidade próxima, muito mais pequena, que tinha sido utilizada em certa altura como uma fortaleza. Dirigiam-se para lá.

(Nota do tradutor: Importante será referir que sobre este tema do Mestre da Rectidão, John, a entidade que é canalizada por Kevin Ryerson, também refere em edição publicada em 1986, que o Mestre de Justiça viveu antes do Cristo uns cem anos, e que também foi um importante líder pertencente à casta dos Essénios que tinha vindo preparar o caminho para Jesus e desenvolver a seita mais secreta dos Essénios, uma das ordens Judias da época. John também mencionou que outros pergaminhos serão descobertos, que revelarão com detalhe o trabalho do Mestre de Rectidão e da profunda compreensão que os Israelitas tinham daquilo que hoje chamamos de saúde holística.)

Uma pequena nota para quantos sintam interesse por isto: A seita dos zelotes também se encontrava dividida em dois grupos principais, tendo-se um por fim dividido do outro principal. Outros documentos serão descobertos que esclarecerão questões de importância respeitantes aos tempos históricos. Durante o seu curto período de vida, Paulo juntou-se a um grupo Zelote. Isso não é do conhecimento público, por não ter sido registado. Na verdade, durante um certo tempo ele levou uma vida dupla como membro dos Zelotes. Depois voltou-se contra eles com veemência; contudo, conforme mais tarde viria a voltar-se contra os Romanos para se juntar aos Cristãos. Antes da sua conversão, ele sabia ter um objectivo e uma missão, e atirou-se com toda a paixão que tinha a todas as respostas que pensava ter descoberto.

In Capítulo 21 Seth Fala

* * *

"Ora bem; a mensagem transmitida pela entidade do Cristo foi, em termos religiosos, foi: "Vós sois filhos de Deus – tanto o pecador como santo." Na verdade, de acordo com a tese do Cristo original, embora um homem possa pecar, nenhum homem deve ser identificado como pecador. Ele não foi identificado com as suas falhas nem limitações mas com o seu potencial, ao invés.

A entidade do Cristo conhecia a vitalidade, o poder e a resistência dos mitos. A vitalidade dá lugar a diferentes significados, claro está, e ao longo do desenvolvimento em mudança do homem ele interpreta os mitos de forma diferente, contudo prestam-se a encerrar o conhecimento intuitivo.

A tese do Cristo foi inserida na tradição Judia que lidava profundamente com a culpa, e a nova tese destinava-se a moderar essa tradição, e a estender-se para além dela. Em vez disso, enquanto carregava a crença no potencial do homem, o Cristianismo sufocou a tese debaixo da pilha de escória da velha noção de culpa. A culpa pode ser usada para manipular as pessoas, é claro, e é um óptimo instrumento nas mãos do governo, da religião, ou de qualquer vasta organização que pretenda reter o poder de que goza.

O Cristo lidou com mitos, uma vez mais – mitos potentes que representavam realidades interiores. Cristo revestiu essas realidades com histórias coloridas orientadas para a compreensão das pessoas. Utilizo aqui o termo Cristo, como uma pessoa, por uma questão de discurso, por essa entidade se ter estendido a muitas vidas, cada uma delas saltando para um tipo de super realidade à medida que com júbilo representava a sua parte no drama religioso.

A mensagem era: "Não vos condeneis nem aos demais," por o Crista estar bem ciente de que a condenação hipócrita de si mesmo ou dos vizinhos servia para assombrar a porta através da qual o homem poderá perceber o seu potencial e a sua fonte maior.

O conceito Cristão do céu com as suas riquezas, de Deus e da sua generosidade, da fonte da própria natureza – tudo isso nos nossos termos constituía uma estrutura simbólica que descrevia nos termos de contos de fadas os atributos e as características da Estrutura 2.

Nos nossos termos, O Tudo Quanto Existe tem existência na Estrutura 2 assim como em toda a parte, mas a Estrutura 2 representa a fonte da vossa realidade física conhecida. Daí fluem todos os factos conhecidos no vosso mundo. Cristo esperou mostrar-vos que vós sobreviveis à morte física e espiritual – que voltais ao "pai" no céu. Mentes dadas a uma interpretação, em busca de provas evidências probatórias, insistiriam em que o próprio corpo físico devia erguer-se, ascendendo, do que resultaram as histórias relacionadas e a interpretação deformada da informação. "Pedi e recebereis." Cristo sabia muito bem que tal afirmação era efectivamente verdadeira, mas os homens que se condenavam, e que se consideravam pecadores, não saberiam o que pedir, com excepção de castigo que lhes aliviasse a culpa. Daí que ele tenha realçado uma e outra vez que cada pessoa era filho de Deus.

Ele também realçou a importância de uma crença infantil, sabendo que a mente do adulto estava apta a questionar "Como e quando, e de que modo poderá o pedido ser satisfeito?"

As palavras "Que a tua vontade seja feita," representavam a compreensão psicológica perfeita, devido a que, de acordo com os ensinamentos de Cristo conforme originalmente dispensados, Deus o Pai representava a fonte ou pai do eu, que era por natureza livre da ignorância do eu ou da falta de compreensão em qualquer altura, e que conheceria melhor do que o eu conhecido aquelas experiências que satisfariam as esperanças do eu, os sonhos e os potenciais.

Dessa forma, com as palavras pronunciadas, "Que a tua vontade seja feita", o eu podia libertar-se das próprias concepções errôneas, e atrair da Estrutura 2 benefícios que de outro modo podem não ser suficiente conhecidos para pedir. Uma porção de cada pessoa reside na Estrutura 1 e na Estrutura 2. Compreendei que a Estrutura 2 representa a estrutura psíquica ou espiritual, mental. Nos termos mais profundos, claro está, não se trata de lugar nenhum. Será, se o preferirdes, uma paisagem espiritual, de recursos muito mais vastos do que aqueles que conheceis. Ela produz o mundo da vossa experiência nesse mundo, e assim é igualmente a vossa fonte.

"Que a tua vontade se cumpra" significava "Deixa que eu siga esses ditames mais vastos da minha natureza mais vasta." Mesmo sem todas as distorções, essa fórmula funcionou durante largos séculos em grande medida. Todavia, Deus, a fonte, era situada no exterior

da natureza, e acabou por se tornar demasiado remoto, e a própria história tornou-se gasta nas bordas à medida que o homem tentou limitar verdades intuitivas aos factos objectivos.

Ser filho de Deus significava confiar no vosso próprio valor. Podíeis admitir fracassos, transgressões de um tipo ou de outro sem vos identificardes, digamos, com o fracasso. O filho de Deus encontraria automaticamente a salvação, e toda a gente era filha de Deus. Quando Cristo disse: "Acreditai em mim, que sereis salvos," ele queria dizer: "Acreditai no relacionamento que tendes com Deus, e que sois Seus filhos, conforme eu sou, e decerto que sereis salvos." Uma vez mais, ele falou em termos religiosos, por serem os termos da época. Esse conhecimento, todavia, da natureza inata do eu confere literalmente ao indivíduo o apoio interior necessário para o exercício dos plenos potenciais do homem.

Nos termos civis e governamentais, uma tal política não podia ser tolerada – nem sequer o homem aprendeu ainda como lidar com esse princípio básico. É quase automático, por exemplo, rotular um homem de assassino, e identificá-lo com o crime que tenha cometido. A sociedade jamais chegou a um termo com o vasto leque de complicações inerentes aos ensinamentos de Cristo, pelo que os abandonou. A enorme e exuberante espontaneidade do homem jamais foi permitida no seu alcance completo, em resultado.

Vós os dois irritastes-vos com as crenças dos vossos tempos, relativas ao facto do homem ser um agressor natural, maculado desde a nascença, que ele fosse amaldiçoado pela sua própria natureza, condenado pelos antecedentes da primeira infância, pelo pecado original, ou pelos seus genes. Ao mesmo tempo também fostes maculados por essas crenças, e parecestes ver prova delas quando olháveis para vós próprios, ou para fora, para o mundo dos vossos companheiros. Cada pessoa carregou com o peso dessa condenação pessoal. O Ruburt dificilmente é notável pelo facto de apresentar dificuldades físicas e no geral, as vossas vidas e trabalho falam mais pelo potencial da personalidade do que pelas carências dessa personalidade. Estabeleceis por vós próprios o objectivo de pôr de lado todas as crenças e distorções por vós próprios e pelos outros.

Bom; individualmente fostes além das crenças familiares, buscando por vós próprios e experimentando várias rotas. Conseguistes a dificílima proeza, em determinadas condições, de vos encontrar um ao outro de modo que cada um de vós dispusesse de um companheiro que pudesse ajudar-vos nas vossas buscas – e tentastes o melhor que sabíeis encontrar-vos um ao outro.

Todavia, tu ainda te vias atormentado por resquícios de auto reprovação e de auto condenação, mas ainda assim o ser espontâneo em cada um de vós conseguiu pressionar aqui e ali e resplandecer sempre que lhe davam uma oportunidade, com alguns resultados bastante notáveis.

Eu sempre tenho que vos expressar o meu material pessoalmente, exactamente à frente da posição que ocupais (enfatizado) num determinado momento. Contudo, no geral o objectivo principal do material tem estado, é claro, sempre à frente da posição que ocupais, para o referir em termos práticos, seja em que altura for.

Nos termos das vossas vidas, sois capazes de utilizar certas porções do material em diferentes alturas. Ninguém poderia pô-lo todo em ordem de trabalho de uma vez numa dada vida. Depois o Ruburt usou e desfrutou da sua espontaneidade, e desenvolveu-a ao longo das linhas da compreensão que tem. Não é que, como poderá parecer, ele tenha tido algo de espontâneo e o tenha perdido.

A espontaneidade conhece a sua própria ordem, e livremente entra na ordem. Há anos atrás, antes da experiência psíquica, ele não era por exemplo psiquicamente espontâneo em grau nenhum extraordinário. Ele utilizou a escrita para reter e ainda assim conter o conhecimento psíquico inato que tinha. Ele desaprovava a própria dança, e por vezes até mesmo os desejos sexuais. Ora bem, essa reprovação simplesmente foi empilhada, do que resultou dificuldades físicas.

Ao longo dos anos começou a aprovar a espontaneidade em mais uma área – a espontaneidade que tinha nas aulas, por exemplo – ou em relação à poesia Sumari, ou no facto de por fim aprovar os seus escritos de carácter psíquico. A reprovação ainda se achava presente, todavia; contudo vez por outra ao dos anos sobreviria um período de alívio, de súbita facilidade e de repentina melhoria física – de cada vez que ele suspendia a auto reprovação, e quando pelas razões que te cabiam a ti começaste a suspender a tua própria.

A situação e a fé que conseguiste alcançar na Estrutura 2 vieram em teu socorro. Os exercícios Omm e os exercícios das runas estão a revelar resultados devido ao facto ed parte do material te tenha surgido de novo a partir das nossas sessões e estardes conjuntamente a suspender a auto reprovação que movíeis. Nos termos religiosos, teríeis percebido ter sido salvos, ou ser filhos de deus. Em certa medida deixastes de vos identificar com quaisquer limitações.

Quando isso acontece, o que de facto declarais em termos simbólicos, é: "Que a tua vontade seja feita," querendo com isso dizer: "Que a minha natureza maior, a minha natureza espontânea, fluir através de mim sem impedimentos, e sem subterfúgios." Então, os benefícios da Estrutura 2 podem começar a fluir sem impedimentos. O corpo é capaz de se endireitar, e os métodos que utilizardes, podem operar.

Os olhos do Ruburt têm definitivamente melhorado nestes últimos dias, à medida que a tensão tem vindo a ser aliviada do resto do corpo – da área do pescoço em particular, dos

maxilares e dos músculos da fronte. Quase todas as dificuldades oculares estão relacionadas com outras fontes de tensão existentes no corpo.

O Ruburt tem toda a razão: a visão dele tem variado ao longo dos anos, e em períodos de à-vontade mental, de compreensão, e de melhorias físicas, a visão dele também sofre melhorias.

Ambos tornastes-vos extremamente deprimidos, ao pensardes em termos de tempo e ao vos concentrardes nos fracassos do passado, com que vos identificáveis. As notas que o Ruburt acrescentou ontem são extremamente importantes, e o realce que fez no meu velho "O eu espontâneo constitui o guardião," e acrescentou-lhe: "De que a vossa própria vida brota." Podes querer a tua espontaneidade para te expressares a ti próprio, assim como podes querer não o fazer. Diz ao Ruburt que se ele continuar desta maneira, e se ambos vós conseguirdes manter a vossa paz de espírito o suficiente – por um período de dois ou três dias, por exemplo, então podereis esperar recompensas em todas as áreas. As chaves interiores foram usadas uma vez mais.

("Posso fazer uma pergunta?'')
Podes.

("Isto não vem ao caso, mas o material que apresentaste sobre o Cristo lembrou-me of uma carta que recebemos de uma mulher jovem não faz muito tempo. Ela queria saber o que terá realmente acontecido ao cristo, se ele terá sido crucificado.")

Dá-nos um momento... Essa pergunta, no contexto mais alargado é muito difícil de responder.

(De olhos fechados:) Existiram vários indivíduos que juntos representaram as façanhas narradas na história do Cristo – façanhas que ocorreram num período aproximado de 33 anos conforme atribuído (à vida de Cristo) um homem foi crucificado, mas não foi um dos que compôs a entidade do cristo. Entendeis das histórias que chegaram até vós as elaborações e meias-verdades que as pessoas se convencem que sejam uma verdade. Nenhum daqueles que compuseram a entidade foi crucificado. Cada um deles morreu – um, segundo creio, na Índia. As pessoas não compreendem que os seus sonhos se tornam numa realidade, e que os grandes dramas da história e do mito muitas vezes apresentam muito pouca semelhança com as ocorrências actuais, mas são maiores do que os eventos físicos.

EXCERTO DE SESSÃO PESSOAL, 9 JANEIRO

...Contudo, a lenda do Cristo é de uma grande importância, e é intrinsecamente verdadeira. Isso não quer dizer que esteja baseada em factos históricos. De vários modos, é mais verdadeira do que os factos históricos, por o próprio homem ter criado aquilo que não lhe

tinha sido fornecido. A criação, no entanto, aconteceu em termos bastante reais, e faz parte do reconhecimento íntimo que a humanidade faz das pirâmides gestalt de que falei. Isso foi o mais perto que o homem na sua imaginação pode chegar do que é, e não tem qualquer inconveniente. A ideia básica por detrás do Natal é definitivamente importante, quer o intelecto seja ou não capaz de perceber o seu significado. Agora, psicologicamente quando muito isso é benéfico, por actuar contra os sentimentos de desespero que pode eclodir durante a estação do Inverno. Ao recordar ao homem o nascimento e a ressurreição sugere a capacidade inata da raça de transcender o tempo e o espaço físicos.

O sair de si mesmo que se acha envolvido constitui uma excelente terapia, e uma terapia que faz bem aos demais, tanto quanto ao próprio que está envolvido. Contudo, isso envolve muito mais. Falando em termos culturais, há uma forte ligação com as instituições pagãs, profunda e significativa que encontraram novas e mais alargadas expressões. O personagem do Cristo conforme é retractado é um retracto excelente, uma vez que realça qualidades específicas humanas ao contrário de masculinas.

Ou deverei dizer que realçou qualidades humanas mais do que aquelas infelizmente consideradas como qualidades masculinas. Realçou as melhores qualidades da raça no seu todo. A personalidade do Cristo constitui uma idealização e uma pista para a entidade de que cada personalidade individual é composta. No que diz respeito à oração, embora perceba que nenhum de vós ora nesses termos, de facto há alguém que escuta. O ser que ora escuta, e procede aos ajustamentos e melhoramentos necessários. Por os indivíduo fazer parte do Todo, e por isso partilhar das capacidades das gestalts psíquicas de que falamos de forma esquemática.

Early Sessions Book 5

* * *

"Bom; no ecrã do vosso televisor viram esta noite uma catraia (num pais Europeu). Ela afirmou que tinha pedido, numa oração, por uma prova da existência de Deus. Passado algum tempo deu-se um terramoto (na Roménia), e a criança estava atemorizada pela possibilidade de o ter causado. Ela estava convencida de que Deus tinha respondido daquele modo à sua oração.

Devido às crenças religiosas, a criança esperava que Deus mostrasse o seu poder por meio de algum acto desastroso que punisse os pecadores. A vida dessa criança já carrega a marca das crenças que tem acerca da religião, de Deus, do poder, e principalmente da crença de que a natureza constitua um instrumento nas mãos de Deus – a ser usado em qualquer altura contra o homem.

Quando a consciência se exterioriza excessivamente e deixa de se identificar vivamente com a natureza, deixa de se identificar adequadamente com a natureza interior das suas próprias acções. As nossas próprias acções parecerão por conseguinte exteriorizadas, ou separadas da consciência, tal como as árvores ou as rochas parecem ser. A consciência exteriorizada sempre encarará tal evento como um terramoto ao perceber unicamente os resultados imediatos e por vezes trágicos. Tais resultados parecerão insignificantes e

caóticos. O homem apanhado num tal evento, questionará: "Por que razão me deveria isto acontecer?"

Os religiosos seguidores das convenções terão a certeza de que o terramoto constitui um castigo dos pecados. O cientista encarará o caso como relativamente neutro – porém, um evento em que certamente o homem constitui um peão, preso por acaso numa catástrofe, que em caso contrário certamente poderia evitar. O terramoto constitui uma catástrofe natural de massas, parecendo perpetrada sobre o homem e as suas cidades por uma Terra que certamente não leva o homem ou a sua civilização em consideração.

Eventos trágicos de carácter privado parecem num contexto menor ocorrer sem o conhecimento do homem ou sem o seu consentimento. A consciência excessivamente exteriorizada ter-se-á apartado de modo a deixar de perceber a ordem interna dos acontecimentos. O mundo com as suas guerras ou desastres, as suas doenças ou pobreza, as suas tragédias de carácter privado ou de massas, parecerá ser imposto ao homem ou ocorrer – uma vez mais, sem o seu consentimento.

A identificação emocional com a natureza significou que o homem dispunha de uma realidade emocional pessoal muito mais vasta e mais rica. O amor pela natureza, e a valorização, aceleraram e utilizaram faculdades interiores biológicas, igualmente possuídas pelas plantas e os animais, de modo que o homem seria mais consciente da parte que desempenhava na natureza. Ele identificou-se com eventos naturais. No vosso tempo torna-se quase impossível descrever a realidade do homem quando ele tinha consciência de que ia morrer e no entanto não ia, e quando ele se viu por toda a parte rodeado por esses estímulos interiores da sua psique.

Esses estímulos assemelhavam-se na sua experiência àqueles estímulos físicos do mundo, de modo que os dois tipos de experiência se enriqueciam constantemente um ao outro. Então, o homem compreendeu que ele formava a sua própria realidade em todos os seus aspectos, tanto a título privado como em massa, e nos termos dos eventos terrenos naturais, assim como por exemplo, os acontecimentos que se davam na sua sociedade. Não podem evidentemente, num dado momento, limitar o vosso mundo ao mundo dos factos, embora possam tentá-lo. A experiência que essa pequena teve com o terramoto, e as crenças que tinha em relação a ele, pouco têm que ver com os factos simples envolvidos. Em vez disso ela está a lidar com o seu mundo interior de mitos.

Os mitos são muito mais poderosos do que quaisquer factos, e carregam em si a grande influência da própria força emocional da natureza conforme ela é interpretada por meio da experiência do homem. Decerto que os factos no vosso mundo parecerão prováveis. Os mitos são geralmente considerados factos distorcidos, interpretados por mentes primitivas, ou o resultado de actos criativos da imaginação. Esse poder é pouco compreendido, e muito menos as suas razões.

Quando o homem se identificou com a grandiosidade ou a energia da natureza, então conhecia as razões da natureza, por serem igualmente as suas. Ele sabia que a sua morte, a sua morte pessoal, consistia apenas numa transição, por a identificação que fazia lhe permitir sentir a mobilidade da sua própria consciência, e lhe permitir ter um sentido de comunhão com as estações e a permanente renovação das plantas e dos campos. Ele não buscava uma razão para os aspectos destrutivos da natureza, por conhecer por meio da

experiência o enorme alcance da sua vitalidade. Sabia que nenhuns Deuses enviavam qualquer castigo.

O conhecimento interior acha-se por detrás de todos os mitos. É dito que precisa haver alguma coisa, sem dúvida, quanto à história do Cristo, já que a civilização sofreu tais alterações. E durante mil novecentos e setenta e oito anos o Cristianismo floresceu de uma forma ou de outra. Durante um tempo alimentou tanto as artes quanto a vida política. Povoou o mundo do homem com santos, pecadores, sacerdotes, povoou um espaço com um Deus, uma legião de anjos, e um diabo com a sua corte – de modo que o Cristianismo tem que estar baseado no facto.

Quando as pessoas afirmam isso, claro está que querem dizer que o facto constitua uma verdade e o mito uma falsidade. Se eu afirmar ter existido muito pouca base factual para os começos do Cristianismo, então as pessoas interpretarão isso como querendo dizer que a realidade do Cristo não tenha tido qualquer base de verdade. Mas não é isso que estou a afirmar. Existiram outras religiões noutras épocas que exerceram um domínio sobre as civilizações durante períodos muito mais longos.

Deram-se mudanças, mas em geral, as religiões dos Egípcios e dos antigos Gregos constituem casos desses. A longevidade dessas religiões e dos seus efeitos que tiveram sobre essas civilizações antigas decerto que não são consideradas pelo "homem moderno" como prova daquelas religiões que tiveram uma base de facto. Em vez disso, são consideradas como mitos, histórias pagãs. Esses povos consideravam os seus Deuses como bastante reais, e que tinham uma base nos factos históricos. Essas religiões exerceram tal efeito sobre as suas culturas quanto o Cristianismo exerceu sobre a vossa.

Os primeiros Deuses deram início ao processo exterior da consciência do homem, de modo que as porções da natureza com que não mais se identificava foram gradualmente idolatradas, e situadas fora de si próprio. Eu disse-vos que os vossos hábitos físicos de percepção são adquiridos, e que o mundo pode efectivamente ser reunido por formas diferentes. Mesmo tais alucinações vos darão pistas disso.

De início, pois, os homens percebiam os Deuses em termos físicos. Contudo, essas percepções diferiam do que pensais sejam as habituais. Eles apareciam e desapareciam conforme os homens podiam entender, e a seguir deixavam de perceber essas realidades internas. Essas realidades internas eram "reais". Eram o que poderão designar por personagens vitais que reagiam, nascidas das emoções da criatividade. Talvez as pudessem comparar ao equivalente natural psíquico ou emocional, ao equivalente psicológico, das nuvens da natureza, do sol, das tempestades, ou das estações.

Elas são igualmente reais na paisagem emocional da psique humana, como os elementos de um quadro representativo do céu são, acima do seu planeta. Os mitos sempre entram e saem do contexto histórico, tal como os sonhos estão relacionados com a vida diária. Geralmente os mitos incluem, pois, certos "factos prováveis," quer inerentes às pessoas que historicamente os tenham vivido, ou em termos de locais ou de acontecimentos físicos de um tipo físico. Esses habitualmente são considerados como prova de que o mito constitui um facto.

O entrelaçado que a "realidade do sonho" forma com o mundo dos factos, todavia, é precisamente o que faz com que o começo o mito tenha início, para começar, e constitui a fonte do seu enorme poder, por combinar as duas realidades numa idealização suficientemente poderosa para mudar as civilizações com a sua vitalidade renovada, e literalmente redefinir o curso do homem. O facto por si só jamais poderia conseguir tal coisa.

Tanto antes como depois do "tempo de Cristo," conforme historicamente determinado, haviam alguns indivíduos que alegavam ser o messias. O messias constituía um mito que aguardava por vestes factuais. Muitos foram os indivíduos que tentaram ajustar-se. Agora, de certo modo, faria muito pouca diferença quem tenha recebido as vestes reais – por a realidade mais vasta do sonho ser tão abrangente que viria a ser, quer uma de entre 10 ou 20 vidas que se tenha historicamente reunido para formar o Cristo.

Cristo tentou fazer com que o homem retornasse à natureza. De certo modo, uma vez mais, não havia um único Cristo, para o referir em termos históricos, mas o personagem ou entidade do Cristo constituía a realidade de que todo o Conto dramático emergiu. Cristo, claro está, constituía um nome vulgar. As crucificações constituíam castigos normais. Conflitos entre os sacerdotes e os membros justos da congregação eram frequentes. Muitos indivíduos sonhavam em tornar-se no messias, porém o sonho ultrapassava as fronteiras da identidade Judia, e era muito mais internacional do que qualquer pretenso messias percebia. Algumas das histórias não possuem absolutamente qualquer base de facto, conforme pensam que o facto seja. Outros constituem versões distorcidas de eventos factuais.

Uma das intenções do Cristo, referindo-me aqui à entidade, era a de ensinar ao homem a ver além dos chamados factos da existência; não o de negar o evento físico da morte, mas o de revelar as dimensões mais vastas desse evento, e o surgimento do homem numa nova realidade.

O enorme drama criativo envolvido decorreu ao longo de séculos. Cristo procurou revelar aos homens que se encontrava em toda a parte, mas eles não foram capazes de entender. Ele não queria nenhuma Igreja, mas uma fraternidade interior. Ele não nasceu de virgem nenhuma, nem a sua história física mais factual do que aquela atribuída a Zeus, ou a Apolo, ou aos deuses Egípcios. Contudo, a sua realidade alterou a consciência do homem.

Falando em termos históricos, os antigos compreendiam a psicologia do homem, a sua psique, muito melhor do que vós agora, por estarem bem mais cientes do seu contexto. A identificação que faziam com a natureza deu-lhes o sentido do poder emocional do homem. Eles compreendiam que os sonhos representam uma realidade tão válida quanto a física, e não percebiam os dois mundos de uma forma tão separada. Os deuses dos começos carregavam resquícios dessa grandeza.

Enquanto povo, estão preparados, digamos, para a exploração do mundo físico. Escalam montanhas, mas raramente lhes ocorre que as paisagens internas sejam igualmente reais, ou que constituam, digamos, estruturas psicológicas geralmente despercebidas, tão reais quanto as físicas. São incapazes de ver os seus próprios acontecimentos na inter-relação que têm com os outros. Não compreendem que uma ideia pode com efeito mudar o mundo, a menos que vejam firmemente que a ideia possua uma base de facto.

O cenário interior não é menos real por geralmente não o perceberem. No Enquadramento 2, esse cenário interior constitui a realidade, e é a partir desse mundo que os vossos acontecimentos físicos emergem.

* * *

SESSÃO APAGADA DE 23 DE JANEIRO DE 1978

Alguns comentários:

Ora bem: Cristo não foi crucificado – razão por que não ressuscitou, nem saiu do túmulo, nem tampouco ascendeu aos céus. Todavia, nos termos do drama bíblico, Cristo foi crucificado.

Ele saiu do túmulo e ascendeu aos céus. Contudo, a ressurreição e a ascensão compõem as duas partes de um evento dramático. Em termos dogmáticos, ressuscitar dos mortos por si só revelou-se claramente insuficiente, por os homens precisarem seguir onde o Cristo conduzia. Não podiam ter um mundo em que os recém-ressuscitados da morte se misturassem com os vivos. Uma existência num reino espiritual precisava seguir uma ressurreição assim.

Ora bem; nos factos históricos, não existiu crucificação nenhuma, nem ressurreição, ou ascensão. Em termos históricos tampouco existiu um Cristo bíblico, cuja vida tenha seguido os detalhes fornecidos. A organização da Igreja constitui um facto histórico, O poder, devoção e energia, a perícia organizacional do Cristianismo, não podem ser contestados. Nem pode ser contestado o facto de o Cristianismo ter estado baseado numa grandiosa visão espiritual e psíquica. Em certa medida, envolveu a reorganização intuitiva das realidades subjectiva, e a seguir, objectiva.

Eu tinha-vos dito, porém, que o mundo dos acontecimentos brota do mundo das ideias. Parece certo que "alguma coisa" tenha ocorrido "naquela época" – e que se conseguissem recuar a esse tempo, e estudar de uma forma invisível o século, descobriríeis o surgimento do Cristianismo. Mas o Cristianismo não nasceu nessa altura. Poder-se-ia dizer que as dores de parto estavam a ocorrer por essa altura, mas o nascimento em si não se deu senão algum tempo mais tarde.

Os pastores judeus representaram a placenta que estava destinada a ser deitada fora, por ter sido a tradição Judia que nutriu a nova religião nos seus estágios iniciais antes do seu nascimento. Cristo, conforme têm conhecimento, constituía um nome vulgar, de modo que quando afirmo ter existido um homem chamado Cristo que esteve envolvido em tais acontecimentos, não quero dizer que tenha sido o Cristo bíblico. A sua vida foi uma daquelas que foram finalmente usadas para compor a imagem composta do Cristo bíblico.

A psique das massas estava à procura de uma mudança, um impulso, um florescer, uma nova organização. A ideia de um redentor dificilmente poderia ser nova, mas antiga em

muitas tradições. Tal como declarei antes, essa parte do mundo estava repleta de potenciais messias, autoproclamados profetas, etc., e nesses termos era apenas uma questão de tempo antes dos grandes desejos espirituais e psíquicos do homem iluminar e preencher essa paisagem psicológica, preenchendo os padrões psicológicos preparados com uma nova urgência e objectivo. Havia muitos Messias de jogar fora – indivíduos cujas circunstâncias, características, e faculdades quase se afiguravam como as requeridas – que quase satisfaziam o modelo psíquico, mas que não se enquadravam por outras razões: por pertencerem à raça errada, ou por o seu tempo ter passado. A intersecção que faziam no tempo e no espaço não engrenava nos requisitos.

Precisam compreender a longa trilha da realidade psicológica que existe antes de terem um acontecimento físico. Precisam compreender a necessidade do homem e a capacidade que tem de satisfação, dramatização, e criatividade psíquica.

Não existe nada que tenha acontecido nesses tempos que não aconteça agora no vosso próprio: Tendes inúmeros gurus, indivíduos que aparentemente realizam milagres (e alguns conseguem-no). Nesses dias deram-se certos eventos bastante desconexos que serviram de ponto focal pata uma maior actividade psíquica: As pessoas queriam acreditar, e a sua crença mudou o curso da história. Não tem importância que os acontecimentos jamais se tenham dado – a crença ocorreu. E a crença representou a resposta do homem ao conhecimento intuitivo, ao saber interior, e à compreensão espiritual.

Todos eles tinham que fluir para a realidade, em padrões psicológicos por meio da própria compreensão do homem. Tinham que fluir para os eventos da história tal como ele experimentou a história. Eles precisavam tocar os tempos, e fizeram-no transformando esses tempos para as gerações posteriores.

Quero que fique entendido que a realização é na sua grandeza é impressionante – tanto mais por o homem ter formado a partir da sua psique um tal drama espiritual multidimensional que a sua luz atingiu esta ou aquela pessoa, este ou aquele lugar, e moldou uma história mais vigorosa do que qualquer evento físico – daí o poder que teve.

Contudo, uma vez mais nesses termos, os deuses do Olimpo eram igualmente reais, por todas as riquezas do homem não passarem de representações, dramas psíquicos que defendiam uma realidade interior que não pode ser literalmente expressada ou descrita – mas que pode ser criativamente expressada ou representada.

Traduções demasiado literais desse material muitas vezes conduzem ao pesar, e o impulso criativo perde-se. O grande mistério, claro está, e as grandes questões, repousam na natureza dessa realidade interior de que o homem retira as suas religiões, e no poder das próprias faculdades criativas que as levam a eclodir. Tais actividades, numa escala mais ampla constituem o resultado final do relacionamento individual que cada pessoa tem com a natureza, e com a fonte da natureza.

"DRAMAS ESPIRITUAIS MULTIDIMENSIONAIS"

"A ABORDAGEM MÁGICA"

...Cristo sequer poderia ser contido numa pessoa histórica. E Cristo teve uma enorme importância histórica!

A pessoa que se pensa que Napoleão tenha sido teve uma enorme importância. O grande Napoleão, ao possuir muitas outras faculdades, não se poderia expressar por meio dessa pessoa. Mais nenhuma pessoa pode conter toda essa realidade psicológica.

* * *

As grandes verdades do Cristianismo não envolvem assassínio nem sacrifício. As grandes verdades da realidade tampouco incluem o facto de Deus sacrificar o seu filho único. A história do Cristo foi muito mais do que isso.

* * *

Podem, confortavelmente, olhar para os deuses dos outros e para os deuses do passado, conforme conhecem o passado, e sorrir complacentemente. Podem olhar os deuses animais; os deuses do Olimpo; deuses enterrados e esquecidos e abandonados cujos nomes só existem nas notas de rodapé dos livros de história. E podem sorrir.

Podem olhar as religiões dos outros e os contos populares das outras pessoas. Mas não podem olhar o vosso próprio deus, ou deuses, do mesmo modo. Por parecer que os contos populares que envolvem o Cristianismo não constituam contos, mas verdades, e certamente que Cristo tem mais realidade do que Zeus! Zeus não passa de uma lenda! Não existiu nenhuma voz que rugia como um trovão! Não existiu Monte Olimpo algum! Não existiram deuses nenhuns que tenham dançado com as virgens nas encostas! Disparate supersticioso!

Contudo, as vossas próprias histórias são "verdadeiras". Existiu um Deus, invisível; um Deus Pai, que enviou o seu filho para ser crucificado, nascido de uma virgem; um fazedor de milagres que mudou a história. Pois, não será a vossa civilização o resultado do trabalho desse Deus?

Muitas civilizações acreditaram ter brotado com o despontar dos deuses. Isso não quer dizer que por debaixo desses mitos não existam verdades. Isso não quer dizer que não exista qualquer verdade quanto à progressão dos deuses – porque existe. Eles não existem aparte da vossa consciência, mas nascem dela; e ainda assim são independentes. De certa forma, a civilização tomou uma grande via rumo ao progresso quando o vosso excelente Egípcio afirmou: "Não existem muitos deuses mas apenas Um." E por outro lado, a civilização deu um passo atrás, por o vosso conceito Cristão de Deus ter deserdado os animais, ter deserdado a mulher, ter deserdado a natureza. Não dispuseram de um conceito unido em que a rã, ou o sapo, ou a cobra, ou o bebé, ou o gato tenham sido comtemplados. Não deram lugar a um disparate desses.

Ora bem; os velhos deuses, a seu modo, combinavam o melhor e o pior das qualidades humanas, mas o homem podia ter uma relação com tais deuses. Existiram de facto deuses homossexuais. Existiram deuses animais. Deu-se uma enorme mistura entre existências que combinavam divindade e humanidade em cada espécie. E nesses termos, cada espécie era divina. Agora perderam isso. O Cristianismo podia ter representado um enorme progresso

num sentido diferente, mas tais aspectos não foram realçados, e caíram no esquecimento, por assim dizer.

Existe uma realidade por detrás da ideia do Cristo conforme a conhecem. Mas esses Cristos não é, nem nunca foi, mais real do que Zeus. E Zeus foi, e é, real – e assim é o Cristo.

O Ruburt afirmou tudo isso no Oversoul 7 e sem querer ferir susceptibilidades. Assim, eu vou afirmá-lo... e depois arcarei com as culpas!

Realmente não entendem o que quero dizer quando afirmo que o mundo interior constitui a fonte do mundo objectivo. As Igrejas acreditaram que se conseguissem provar que o Cristo histórico tivesse sido crucificado e tivesse ressuscitado dos mortos, a religião em si mesma se tornaria mais válida. Passaria a satisfazer-vos o anelo que sentem pelos detalhes.

Se, todavia, Cristo tivesse sido uma pessoa histórica, do jeito que lhes foi ensinado, a sua realidade não teria sido de longe tão grande. NO entanto não compreendem que a vossa criatividade e energia e ser e realidade procedem de uma fonte interior. Quando afirmo, pois, que os deuses, ou as fontes divinas do ser, se movem através do vosso mundo mas não procedem dele, estou a afirmar que eles de facto constituem a fonte da própria realidade de que brotais; e por conseguinte, nesses termos, gozam amplamente de dimensão.

Em certos termos, o Cristo constituiu um mito que não existiu nos termos em que acreditam. Na verdade existiu um homem chamado Cristo. Existiram milhares de homens chamados Cristo! Existiram fazedores de milagres por toda a parte! Isso envolvia política – e os Romanos e os Judeus e os Essénios e um milhar de diferentes grupos Judeus. Essa parte do mundo fervilhava emocionalmente. Eles buscavam, e a partir do desejo que tinham e do estado da sua consciência, então emergiu a história.

Existe uma consciência de Cristo. Essa consciência existia antes da história. Mas pouco tem que ver com o conto. E não envolveu qualquer crucificação. Os judeus queriam que um homem fosse crucificado. Certos membros de grupos políticos judeus queriam ver a história de um messias encerrada, para todos os efeitos, nesse tempo. Outros grupos queriam um Messias ressuscitasse dos mortos. Eles queriam uma crucificação e um mártir – um mártir Judeu.

O grandioso drama que moldou a civilização Cristã assemelhou-se de facto ao grandioso drama que esteve na base da civilização Grega. Foi um drama emocional e espiritual que os homens representaram. Proveio de uma outra fonte, e podeis chamar a essa fonte divina, por existir uma Realidade Sobrenatural, tal como existe uma natureza. Mas essa realidade Sobrenatural opera por meio da natureza, e molda-a.

...

Existe uma consciência de Cristo, nesses termos, que existiu primeiro, mas o nome é insignificante. Mas quando associam o nome ao pseudo-facto histórico, então acabam com lendas. Bom, as lendas nada têm de mal, e por um certo tempo prestam-se a um propósito. Mas as pessoas crescem com base nas lendas que acalentam, e se acreditarem que essas lendas constituam a Verdade, passarão efectivamente por dores psíquicas de crescimento! Se chegarem a perceber que as lendas representam símbolos, então poderão avançar de uma forma mais rápida.

Mais diálogo conducente à ideia da explicação do possível uso de animais para predizer terramotos, e se as pessoas sentirão necessidade de fugir dos terramotos.

Os animais fogem! Isso a mim soa a bom senso! Pensai nisso!

* * *

Em meio à corrida louca, vós formais a vossa própria realidade. Admito que isto soe demasiado simplista, mas não vos vereis presos num terramoto caso não quiserem ficar; E ninguém morre sem que o tenha decidido. Vós formais a vossa própria realidade – ou não o fazeis. E caso não o façam, sereis uma vítima em toda a parte, e o universo parecerá um mecanismo acidental desprovido de qualquer razão, porque o quadro miraculoso do vosso corpo parecer que tenha vindo a ser criado acidentalmente, e que tenha atingido a complexidade miraculosa que o caracteriza a partir de algum acidente cósmico. E que esse corpo tenha sido formado tão lindamente por nenhuma razão excepto o de se tornar numa vítima.

Essa é a única alternativa que tendes à formação da vossa própria realidade. Não podem ter um universo intermédio. OU tendes um universo formado com uma razão, ou um universo formado sem qualquer razão. E num universo formado por uma razão, não existem vítimas. Tudo terá uma razão, ou nada terá. Assim, escolham o vosso lado!

COMENTÁRIOS SOBRE A CONSCIÊNCIA CRÍSTICA

Uma Sessão Seth Espontânea
5 de Agosto de 1977

Brian Kent é um cientista da equipe do Instituto Stanford Research de Menlo Park, Califórnia. Em Agosto de 1977, visitou Jane e o Rob para discutir com eles alguns dos seus últimos projectos, que incluíam o teste de controlo consciente da ovulação, abordagens tecnológicas para a previsão de terremotos e o desenvolvimento de um computador de auto-reparação para todas as aeronaves comerciais. O seu grupo também estava a fazer um estudo das respostas "psíquicas" ao SCI perguntas de carácter científico - por outras palavras, um estudo dos diferentes indivíduos que, de acordo com o próprio projeto descrição de Brian, "pode entrar à vontade num estado mental de dissociação, um pouco como a hipnose, em que eles respondem a questões detalhadas sobre praticamente qualquer tópico." A equipe de pesquisa de Brian tinha estado a trabalhar com um grupo de dez desses indivíduos, "de que talvez metade dos quais provaram ser bastante precisos e versáteis," afirmou o relatório.

Nessa noite de sexta-feira, juntei-me à Jane, ao Rob e ao Brian para uma noite de conversa. Brian passara a tarde com Jane e Rob e falava com entusiasmo sobre as ideias de Seth. A determinada altura, Brian suscitou uma questão a respeito da história Cristo conforme relatada por Seth em "O material de Seth" e "Seth Fala." Ele observou que a referência que Seth fizera das três encarnações da personalidade do Cristo e a sua versão da crucificação representava um obstáculo para muitos que achavam a filosofia de Seth aceitável e útil noutros casos.

A essa altura, os óculos de Jane foram arrancados e a voz de Seth soou inesperadamente, surpreendendo Brian e atrapalhando-o com o gravador que tinha trazido.

Ora bem, Brian Kent: O que será que existe num nome? O que Brian Kent significa, não se acha inteiramente confinado a uma pessoa chamada Brian Kent. O eu maior que tu és encontra-se dentro de Brian Kent, mas não está confinado ao Brian Kent. Além disso, Cristo também não poderia estar confinado a uma pessoa histórica. E sem lançar grande difamação contra o Brian Kent, Cristo teve um grande significado histórico!

A pessoa que se crê ter sido Napoleão teve uma grande importância histórica. O Napoleão maior, detentor de muitas outras capacidades, não poderia ser expressar-se por meio dessa única pessoa. Nenhuma pessoa pode confinar [toda a sua] realidade psicológica.

Duas ou três frases se perderam em meio ao barulho do ajuste do gravador.

As grandes verdades do Cristianismo não envolvem assassinato nem sacrifício. As grandes verdades da realidade também não incluem o facto de que Deus tenha sacrificado o Seu único filho. A história de Cristo foi muito mais do que isso.

Outra porção se perdeu aqui em meio ao barulho de fundo.

Vocês podem, confortavelmente, olhar os deuses dos outros e os deuses do passado, conforme vocês concebem o passado, e sorrir. Vocês podem olhar para os deuses animais; os deuses do Olimpo; os deuses enterrados, esquecidos e abandonados cujos nomes existem unicamente em notas de rodapé dos livros de história. E vocês podem sorrir.

Vocês podem consultar as religiões e os contos populares dos outros. Mas vocês não podem olhar para o vosso próprio deus, ou deuses, da mesma maneira. Pois parece que os contos populares que envolvem a Cristandade não são contos populares, mas verdades, e certamente Cristo é mais real do que Zeus! Zeus não passa de uma lenda! Não existi voz que rugisse como um trovão! (Em voz alta) Não existiu Monte Olimpo nenhum! Não existiram deuses que tenham dançado com as donzelas humanas nas encostas dos montes! Disparates da superstição!

Entretanto, as vossas próprias histórias são "verdadeiras." Houve um Deus, invisível; um Deus Pai, que enviou o Seu único filho para ser crucificado, nascido de uma virgem; um milagreiro que mudou a história. Pois não será a vossa civilização resultante da obra desse Deus?

Muitas civilizações acreditaram que brotaram com o surgimento dos deuses. Isso não significou que por trás desses mitos não existissem verdades. Isso não significa que não existe nenhum significado para a progressão dos deuses - porque existe. Eles não se acham apartados da vossa consciência, mas brotaram dela; e no entanto são independentes. Em certo sentido, a civilização percorreu um grande caminho rumo ao progresso, quando o vosso excelente Egípcio disse: "Não existem diversos deuses, mas apenas um." [*Anteriormente tínhamos estado a discutir filosofias Egípcias.*] E num outro sentido, [a civilização] deu um passo para trás, por o vosso conceito Cristão de Deus ter deserdado os

animais, deserdado as mulheres, deserdado a natureza. Vocês não tinham um conceito unificado no qual a rã, ou o sapo ou a cobra ou o gato coubessem. Vocês não tinham espaço para tais absurdos.

Agora, os velhos deuses, à sua maneira, combinavam o melhor e o pior das qualidades humanas, mas o homem podia ter uma relação com esses deuses. Com efeito existiam deuses homossexuais. Existiam deuses animais. Havia uma grande mistura de existências que combinavam a divindade e a humanidade em todas as espécies. E nesses termos, cada espécie era divina. Agora vocês perderam isso. O Cristianismo poderia ter representado um grande progresso de uma forma diferente, mas esses aspectos não foram realçados. Esses aspectos foram deixados de lado, por assim dizer.

Existe uma realidade por trás da ideia de Cristo como vocês a concebem. Mas esse Cristo não é, nem nunca foi, mais real do que Zeus. E Zeus foi, e é, real -- e o mesmo sucede com Cristo. A Jane disse [tudo isso] na *'Oversoul 7'* e ele teve a intenção de ferir os sentimentos das pessoas. Assim, eu vou dizê-lo... e assim vou assumir a culpa!

Vocês realmente não entendem o que quero dizer quando digo que o mundo interior é a origem de um mundo objectivo. As igrejas acreditaram que, se conseguissem provar que o Cristo histórico foi crucificado e depois ressuscitado dos mortos, a própria religião se tornaria mais válida. Isso satisfaria o amor que têm pelo detalhe!

Se, contudo, Cristo fosse um personagem histórico, da maneira que lhes foi ensinado, a sua realidade não teria sido tão vasta. Vocês ainda não entendem que a vossa criatividade, energia, e existência e realidade vêm de uma fonte interior. Quando eu digo, por conseguinte, que os deuses, ou as fontes divinas da existência, se movem pelo vosso mundo, mas não procedem dele, eu estou a dizer que eles sejam realmente a fonte da vossa própria realidade de que vocês brotam; e, portanto, nesses termos , eles são mais plenamente [dimensionais].

Em certos termos, Cristo foi um mito que não existiu nos termos em que vocês acreditam. Com efeito existiu um homem chamado Cristo. Existiram milhares de indivíduos que foram chamados de Cristo! Existiram milagres por todo o lado! A política esteve envolvida -- e os Romanos, os Judeus e os Essénios e um milhar de diferentes grupos Judaicos. Essa parte do mundo numa enorme agitação emocional. Eles tinham começado a inquirir, e do seu desejo e do estado da sua consciência, pois, surgiu a história.

Existe uma consciência Crística. Essa consciência existia antes da história, mas tem pouco a ver com a história. E não envolveu uma crucificação. Os judeus queriam um homem crucificado. Certos membros de grupos políticos Judaicos quiseram ver o fim da ideia de um Messias, para todos os efeitos e propósitos, naquela época. Outros grupos queriam que um Messias ressuscitasse dos mortos. Eles queriam a crucificação e queriam um mártir -- um mártir Judeu.

O grande drama que formou a civilização Cristã assemelhou-se, com efeito, ao grande drama que existiu por trás da civilização Grega. Foi um drama emocional e espiritual que os homens representaram. Veio de uma outra fonte, e vocês podem chamar essa fonte de

divina, porquanto existe uma Natureza Superlativa, tal como existe uma natureza. Mas essa Natureza Superlativa actua por meio da natureza e forma-a.

Esta é a minha parte, acerca do Cristianismo, por enquanto.

"Obrigado," disse Brian, Seguiu-se uma curta discussão e o Seth surgiu de novo:

Existe uma consciência Crística, nesses termos, que existiu primeiro, mas o nome não tem sentido. E quando vocês atribuem o nome ao facto pseudo-histórico, vocês acabam com lendas. Agora, as lendas não têm problema e, durante um certo tempo, elas prestam-se a um propósito. Mas as pessoas crescem para além das suas lendas, e se acreditarem que as suas lendas constituem a Verdade, realmente sofrerão dores psíquicas de crescimento! Se perceberem que as suas lendas são símbolos, poderão mover-se sem grande esforço.

Seguiu-se mais discussão, que levou à explicação que Bri dera sobre o possível uso de animais na previsão de terremotos, e se as pessoas sentiriam necessidade de fugir dos terremotos.

(Em voz muito alta:) Os animais fogem! Isso, a mim, parece-me bom senso! Pensem lá bem!

Riso generalizado. "Tudo bem," concordou Brian.

Em meio à louca confusão, vocês criam a vossa própria realidade. Eu admito que isso soe muito simples, mas vocês não se verão presos num terremoto se você não quiserem ser; e ninguém morre que não tenha decidido fazê-lo. Vocês criam a vossa própria realidade -- ou não. E se não o fizerem, então vocês serão uma vítima por toda a parte, e o universo deve ser um mecanismo acidental que surge sem razão. Assim que a imagem miraculosa que vocês têm visto do vosso corpo surgiu acidentalmente na criação, e a partir de algum acidente cósmico atingiu a milagrosa complexidade que apresenta. E esse corpo terá sido formado na perfeição sem qualquer razão, excepto para ser uma vítima.

Essa é a única outra alternativa para formarem a vossa própria realidade. Vocês não podem ter um universo no meio. Vocês têm um universo formado pela razão, ou uma forma universo formado sem uma razão. E num universo de razão, não existem vítimas. Tudo tem uma razão, ou nada tem uma razão. Assim - escolham o lado que preferem!...

~~

Eu disse-lhes antes que não existem acidentes! Nenhum indivíduo é enviado por acidente e de forma inocente para a guerra. Aquele que mata aprende a conhecer o significado da morte ao se tornar numa vítima. Hão de aprender que não se pode comprar a paz por meio da violência. Hão de aprendê-lo! Hão de aprender não só que a vida humana é santificada, mas que a vida contida em cada molécula e em cada átomo é sagrada.

Ora bem, nos vossos termos, isso leva séculos. Quando tiverem aprendido a lição, parecerá que a tenham sabido sempre. Conforme lhes disse repetidas vezes, e digo uma vez mais: Basicamente não existe coisa alguma como assassinato, por a consciência continuar a

existir. Mas enquanto acreditarem que matam um homem e que o matam para todo o sempre, então precisarão solucionar essa questão. Hão de aprender. Estão a aprender. Alguns de vós enfrentarão duas gerações a partir destes problemas que não aceitam, e tornar-se-ão na geração mais nova uma vez mais, portadora de belos e vistosos estandartes brilhantes para mostrar aos mais velhos e em prole da luta pela justiça -- e eu desejo-lhes boa sorte! Vão precisar dela.

Hão de aprender que a consciência é sagrada. Mas, até que aprendam tal verdade, não serão livres. Não podem matar outro homem; não podem matar outra mulher -- e ser livres. Não podem nem sequer comer a carne de uma vaca -- não com indiferença, não sem agradecerem à vaca pelo alimento e nutrição que lhes terá dado, nem sem perceberem que a vaca, à semelhança de vós próprios, faz parte da cadeia da vida sem a qual fisicamente não teriam existência -- e ser livres.

Hão de aprender que são parte da tecelagem da consciência. Hão de aprender a ser cocriadores conscientes. Hão de aprender, ou destruirão o planeta que agora habitam! E se o fizerem, a vossa consciência deverá ser reiniciada numa outra realidade. Hão de aprender a reconhecer em vós próprios a alegria e a verdadeira realidade do ser. Hão de aprender a distinguir entre a realidade da alegria e as falsas realidades que criaram -- ou reiniciar-se-ão de novo. Mas hão de aprender.

Na verdade vocês são tão abençoados quanto qualquer deus, e igualmente dotados. Quando aprenderem a honrar-se, haverão de ser livres. E hão de criar com alegria e espontaneidade quando reconhecerem na pétala de uma flor a consciência que ela encerra -- e a relacionarem convosco próprios, e a honrarem e tratarem como um pequeno irmão. Então serão livres.

Precisam aprender o que significa ser macho e fêmea, pai e filho, mãe e filha. E hão de percorrer os ciclos até conseguirem relacionar-se com os outros. E se não conseguirem compreendê-los do vosso ponto de vista, nesse caso tornar-se-ão iguais a eles. E a partir do seu ponto de vista haverão de vos vislumbrar a vós próprios. Esse é o significado da aprendizagem. Haverão de estender a consciência do eu, conforme a concebem, que conhecem, ao exterior e relacionar-se com os outros e compreendê-los. Ou haverão de assumir as posições (situações) deles, e a partir da sua consciência observar os Eus que não mais terão existência no vosso tempo. Mas hão de aprender.

Hão de tornar-se no que agora lhes parecerá uma energia caótica formadora de universos. Vaguearam por espaços interestelares, sem se conhecerem. Viajaram durante eternidades sem terem conhecimento da vossa identidade. Viajaram sem saber quem ou o quê eram enquanto partículas elementares da consciência. Congregaram a vossa força (resistência) e individualidade. Aprenderam a lidar com a energia. Contribuíram para a vossa consciência. Tornaram-se mais conscientes. Aprenderam até certo ponto -- em certa medida, até agora -- a responsabilidade que a criatividade encerra. Estão a evoluir. Cada um de vós está a evoluir as formas por que se há de manifestar. Percorreram um longo caminho desde o caos indiferenciado em que existiram (segundos os vossos presentes termos) até àquilo que são. Reparem que não disse que tenham ascendido do caos indiferenciado, mas do que agora encaram como tal.

Em vós acha-se encerrada a consciência elementar e vital que dá origem a todas as realidades. Podem sentir isso em vós quando voltais as costas aos papéis que presentemente representais. Então podem aprender o significado de tais papéis, por encerrarem significado. E não há razão para ela se evadir de vós próprios. Há sempre novas criações e a entidade e mesmo o próprio Deus -- as gestalts piramidais -- precisam estar envoltas em surpresa e novas criações. Nesses termos não existe término. Até mesmo os deuses se surpreendem a eles próprios...

Agora, emprego o termo "Deus" por ele ter significado para vós. "Deus," nos vossos termos, não constitui uma entidade estática. Ele não é uma coisa acabada e concluída. Tampouco é a entidade alguma coisa concluída, ou um produto acabado.

A realidade e a consciência acham-se permanentemente num estado de transformação. O próprio Deus, nos vossos termos, acha-se num estado de vir-a-ser. Um estado de conclusão ou realização (perfeição) haveria de significar um término -- e o fim de todas as realidades. Por conseguinte, em nenhum momento em especial se encontra a vossa entidade -- o vosso ser interior -- acabado e concluído. Sempre se encontra num estado de transformação. Sempre existem surpresas que brotam dele. Por isso, quando iniciou a sua jornada, nos vossos termos, não conhecia o fim, e a nuvem de partículas não sabia que havia de se tornar num homem ou numa mulher. Ainda assim a consciência -- e a vossa consciência individual -- sempre existiu e sempre existirá, nos vossos termos. Precisam deixar de pensar em termos de conclusão. Pois, nos vossos próprios termos, nem Deus se acha completo. E caso se encontrassem, isso representaria o término da criatividade e o fim de qualquer tipo de existência ou de consciência.

A criatividade sempre representa descontentamento -- e sempre tem que ver com novas surpresas. Por isso, a própria entidade jamais se acha completa. Estão a aprender a tornar-se criadores conscientes. Mas nem sempre sabem o que essa criação, nos vossos termos, virá a representar. Os deuses nem sempre lhes reservam surpresas, mas vocês reservais-lhes surpresas, e não pode ser de nenhum outro modo. Já formam uma parte do Todo, e não se podem desembaraçar da realidade disso. Não existe "Nirvana" se por Nirvana se referem a um estado em que a vossa própria individualidade se perde ou é engolida pelo enorme 'peixe' de um Deus que os consome, como a baleia consumiu Jonas.

Em vez disso, entendam, a vossa individualidade é usada e desenvolvida. Por a vossa individualidade significar a existência de mais um modo altamente exclusivo e original por meio do qual a consciência se pode expressar. E perder essa individualidade significaria que Deus teria perdido uma das suas vozes, e que Deus se teria tornado de certo modo surdo, e que um timbre se tivesse perdido para sempre. Carregam o ónus e a responsabilidade dessa individualidade -- ónus e responsabilidade. E em vós, entendam, se encontra uma parte do Todo que se pode expressar a Si mesmo de uma forma única apenas por meio das faculdades e potencialidades que lhes dizem respeito. E se as negarem, então negarão a Deus, nessa mesma medida, à sua voz.

Negarão um potencial que vós e mais ninguém podem realizar. E isso não se aplica somente à individualidade conforme a conhecem nesta vida, mas à energia que lhes pertence e que jamais lhes poderá ser retirada seja por que forma for em que se encontrem. As recordações que vos pertencem agora constituem uma parte electromagnética vossa.

Quando a vossa forma física desaparecer, elas permanecerão e haverão de edificar com base nelas.

Não se encolham nem clamem, mas cantem de pura alegria por a vossa consciência se conhecer a si própria, e por, mesmo na ignorância que os caracteriza, criarem, e por darem alegria a outros. E saibam que não existe término para a vossa consciência nem para a vasta realidade de que fazem parte.

* * *

EXCERTOS DA TRANSCRIÇÃO DA SESSÃO DA AULA DE PERCEPÇÃO EXTRASSENSORIAL
17 de Março de 1970

Nota do tradutor:

Qualquer que seja o teor apresentado por mim em associação com este tema, quero deixar bem claro que o chamado mito Cristão se reporta a uma grandeza que não pretendo minimizar nem rejeitar minimamente, por representar uma metáfora – EM TODA A EXTENSÃO DA REPRESENTAÇÃO QUE ASSUME – de resto à semelhança de muitas outras anteriores, da alma e das suas potencialidades, natureza, características e evolução; sim, porque a alma não é uma coisa estática, apesar de ser "una com Deus", conforme é referido comummente. Por isso, não, esse não é o móbil que me impele ou motiva. Trata-se de uma grandeza psicológica, sem dúvida, mas útil e necessária, por necessitarmos de uma vida simbólica rica, que as várias ciências modernas não oferecem, apesar dos muitos mitos que gera e apregoa.

O que me motiva com todos os esclarecimentos que faço nesse sentido junto do leitor porventura mais esclarecido, é desenquadrar o mito da área em que foi "encarcerado" estritamente simbólico e, por isso mesmo, sujeito a uma contínua ritualização e compreensão mais ou menos distorcida e supersticiosa, que relega a autoridade do indivíduo a terceiros, aos peritos e aos que se arvoram como detentores do conhecimento da verdade, em oposição à massa amorfa dos ignorantes que precisam ser salvos pela estrita obediência.

O polo da intenção por detrás deste esforço centra-se, pois, em devolver o poder pela percepção e de realização de volta ao indivíduo – para quem de resto está já a mudar, pelo que muito importa que se desmistifique, de forma a possibilitar que o indivíduo obtenha uma noção do poder que facto lhe assiste, e passe a usufruir de uma faculdade de o utilizar criativamente e de uma forma bem-sucedida, contornando desse modo o temor e o sofrimento gerados pela falta de conhecimento.

PSIQUE E EVOLUÇÃO DO CONCEITO DE DEUS

"Seth: A fonte da vossa realidade, conforme a entendeis, reside na vossa própria psique. Os deuses, conforme os entendeis nos vossos termos, no vosso presente estado de desenvolvimento, e nos vossos termos uma vez mais, representam os níveis da vossa consciência. A vossa psique constitui um espelho dos deuses. Até que compreendam, pois,

em certa medida, o milagre que constitui a vossa existência, fabricareis deuses que estejam abaixo das vossas capacidades mais grandiosas. Enquanto pensardes em termos de um Eu, haveis, pois, de criar a ideia de um deus limitado, confirmado pelas ideias que fazem da vossa pessoa.

"Enquanto pensardes estar mergulhados numa vida de pecado e de negação, e de baixas vibrações, então haveis de vos ver forçados a pensar em termos de serem salvos dessa vida. Então precisareis fabricar um deus que precise ser morto pelos vossos pecados, por acreditarem na necessidade do sacrifício.

"Simbolicamente isso é importante – que na civilização ocidental, conforme a entendeis, achardes necessário criar um deus que precise passar a ser fisicamente traído e crucificado. Vós não faríeis tal coisa aos vossos filhos!

"O âmbito das vossas crenças e da vossa consciência conduziu-vos a um impasse. Quando vos pareceu que a vossa consciência estava presa dentro da vossa cabeça, então precisavam pensar em termos de pessoa separada e precisavam projectar no exterior um deus que fosse maior do que vós apenas em grau. Se conseguiam ser cruéis, esse deus poderia ser muito mais cruel dotado que era dos seus poderes maiores: ele podia aniquilar milhares e provocar cheias; ele era capaz de enviar-vos a todos para o fogo eterno. Se conseguiam ser bondosos para aqueles a quem amavam, então esse deus poderia igualmente ser bondoso e abençoar-vos, enquanto seguissem as suas regras – como vocês amavam os vossos filhos e enquanto eles seguissem as vossas regras.

"Como começastes, e estais, a captar um vislumbre da vossa realidade maior, todavia, também vós sereis capazes de colher um vislumbre uma realidade ainda maior em que a vossa existência desempenha a sua parte, e talvez começar a conceber por que razão a divindade que é multidimensional, multipessoal, uma multi-personalidade suficientemente vasta para conter não só a vossa espécie, mas outras.

"Quando entrais em contacto com o milagre e a realidade da vossa própria psique, sois pois, levados a ter vislumbres dessa realidade mais ampla de que para todo o sempre brotareis e da qual colheis a vossa vitalidade e vida. Uma realidade em que tendes o vosso próprio lugar único. Uma realidade de que sois uma parte viva. Uma realidade em que descobrireis uma coisa alegre que proteja os insectos (dirigindo-se a um aluno) em que identifiqueis a sua realidade e vitalidade como tão abençoada quanto a vossa e não sintais ser necessário projectar neles o mal que a certa altura projectastes em vós próprios, em que as imperfeiçoes que achais – que vós achais – existirem no vosso próprio ser não sejam projectadas no exterior na pequena mosca nem na criatura rastejante da terra. Por tais imperfeições serem imaginárias, e não precisarem aceitá-las. E se as não aceitarem e as arremessarem de vós, não só vos libertais, como também vos livrais dessas projecções que incutis no vosso mundo exterior.

"Agora, como sempre, devolvo-vos a vós mesmos e à vitalidade que ainda estais a descobrir, e à realidade que vos pertence. As verdades estão ainda a ser criadas. Assim sendo, e recorrendo a qualquer termo que queirais usar, Deus acha-se tão vivo e vital e real quanto Era há novecentos anos, ou há trinta milhões de anos, ou há cento e cinquenta milhões de anos. Vós existis na Sua realidade, e Ele, ou Ela, na vossa. E a vossa presente vitalidade é prova disso…

"Os bichos e as cobras e os vermes rastejantes não cobrem a ideia que fazem de uma conversa religiosa, mas eles para vós representam os sentimentos que temeis e que ao longo dos anos procurastes ocultar. E eu digo-vos que nada tendes a temer em relação às vossas emoções. Por si só, conforme é do conhecimento da classe, por eu ter repetido isso muitas vezes – as vossas emoções são tão naturais quanto as tempestades: Elas revitalizam-vos o ser. Somente quando acreditais que estejam erradas, e vos atemorizais delas, ergueis divisões artificiais nas quais, quanto mais mantiverdes a correcção das boas emoções, e mais tentardes senti-las, mais assustados ficareis daquilo que agora pensais serem emoções imaturas ou negativas.

"Mas elas também são naturais e sãs, e por si só, mudarão – não são estáticas. Eu simplesmente quero que desestruture is a vossa própria experiência e que a deixeis ser, por serem experiências boas e criativas. Só tentam dirigir as vidas dos outros por tanto temerem essas emoções em vós próprios, de modo que as temeis nos outros. E pensais que se os outros seguirem o seu modo natural, cairão em dificuldades – mas não cairão.

"Se confiarem no seu próprio ser, então esse ser revelar-se-á bom, seja com que emoções for. Aí podereis confiar que os outros erguerão as suas vidas, e confiar que as suas emoções também os sigam e os conduzam ao mesmo tempo ao próprio caminho deles…

"Quando alguém vos incomoda, dizeis estar incomodados. Esse é o método natural de comunicação, uma parte da vossa natureza biológica e espiritual. Ao negarem essa comunicação, negais o vosso próprio ser, e não sois capazes de comunicar, por se verem forçados a sorrir quando vos sentis irritados. Os outros sabem muito bem quando vos sentis irritados, e se sorrirem para elas, elas não poderão chegar a vós – e desse modo parecereis inacessíveis e estar além deles. E aí eles ficam efectivamente zangados, de modo que sorris dez vezes quando alguém vos perturba. Da próxima vez que o mesmo indivíduo mal abre a boca para falar, e vos sentis repletos de uma intensa agressividade, e gostassem de lhe torcer o pescoço, e pensarem: "Quão mau sou!" Mais desesperadamente procurareis ocultar a realidade do vosso ser.

"O mesmo, contudo, se aplica ao amor. Muitos de vós sentem vergonha de revelar o amor que sentem, de modo que o escondem. Alguns prefeririam ao invés ser apanhados numa luta de pugilismo nas ruas ou a puxar os cabelos, do que a dizer: "Eu amo-te," a alguém que não um companheiro ou um amigo muito próximo. E assim também escondeis esses sentimentos.
E se sentirem medo de uma emoção, então sentireis medo de todas elas, de modo que cultivais o hábito de examinar todo o sentimento que vos acomete. Não conheceis a vossa realidade! Aceitai a vossa realidade conforme aceitais o vosso ser, e aceitai que esse ser é bom; tomai isso como um dado adquirido…

"As vossas religiões estão baseadas na ideia de que sois basicamente maus. Temeis os sentimentos que tendes por pensarem que o vosso ser seja mau, e no entanto a maioria de vós, com algumas excepções, voltar-se-á para os animais e concede-lhes a maior das superioridades morais e diz: "Isso é bom, e é natural," e negais a vós próprios a mesma bondade, a mesma rectidão e a mesma natureza.

"Num programa de televisão questionaram o Ruburt da razão por que eu falo, e eu vou-vos dizer por que razão falo. Eu falo para vos mostrar a vossa própria realidade, na esperança

de que, com a compreensão dessa realidade transformeis literalmente o vosso mundo. Esse é na verdade, e sempre foi, o meu objectivo. Mas isso depende da compreensão que conseguirem de vós próprios e da coragem com que aceitarem a vossa própria experiência, e da coragem com que põem de lado as velhas estruturas que vos têm dificultado.

"Por conseguinte, uma vez mais vos devolvo, após este bate-papo jovial, aos vossos próprios seres.

"Mas percebam que a vitalidade gratuita que pula nesta sala constitui a vossa esperança. A vitalidade gratuita e a natureza não estruturada destas aulas têm uma razão de ser. A espontaneidade conhece efectivamente a sua própria ordem. Quando cresceis de um feto até um adulto crescido, cresceis de modo espontâneo e verdadeiro. Não sois constituídos em parte cão, em parte sapo! A espontaneidade conhece a sua própria ordem, e quando refiro não estruturada, aquilo a que me refiro realmente é ao facto de que a vossa própria espontaneidade venha depois a fluir pela vossa própria estrutura natural, uma estrutura que não é erguida a partir de fora, mas a criatividade da vossa própria forma em mudança…

"Aceitai a realidade e a vitalidade e a verdade do vosso próprio ser. Afirmo-vos não ser, na verdade, pecado nenhum negar um deus, mas ser, em termos diferentes, um crime negar a vossa própria realidade. Porque quando a negais, então os deuses deixam de fazer qualquer sentido. Apenas pela compreensão e sentimento da vossa própria vitalidade podereis vislumbrar a realidade dos deuses.
SESSÃO 81, 26 DE Agosto de 1964

* * *

A oração foi extremamente bem-sucedida na capacitação das pessoas no sentido de manipularem a matéria por meio do uso das capacidades psíquicas.

Contudo, o conceito de Deus é verdadeiro e não é. Mitos e símbolos acham-se muita vez mais próximos da realidade do que os chamados factos concretos, já que estes constituem muitas vezes distorções dos sentidos externos. Contudo, tais distorções constituem modelos necessários à existência do eu interno no universo material.

Uma vez mais, pois, até mesmo os factos concretos são verdadeiros e não são verdadeiros. Por conseguinte, uma mente aberta, ou um espírito aberto. . .

(Aqui, a voz da Jane explodiu abruptamente, muito alta, tão alta que me assustou. Ela própria não apresentou sinal de surpresa nem de tensão. Durante algumas frases ela continuou neste tom de voz mais profunda e forte; então, como se ela tivesse estado apenas praticar, a sua voz começou a suavizar.)

. . .precisa ser suficientemente amplo para comportar espaço para o que poderá parecer uma informação inteiramente oposta. Uma vez mais, mitos e símbolos muitas vezes aproximam-se mais da realidade do que os chamados factos concretos.

É verdade. Mas os chamados factos concretos, que podem parecer opor-se a mitos e símbolos, não são necessariamente falsos, uma vez que podem representar distorções necessárias sem as quais o eu interno não conseguiria sobreviver no universo material.

(De novo num tom de voz intenso.)

Eu decidi enfrentar isso até certo ponto, aqui e agora.

O mito de Deus, conforme referido na teologia Cristã, é com toda a clareza visto pelo adolescente inteligente como tendo evoluído e sofrido mudanças desde o Antigo até ao Novo Testamento. Até mesmo o adolescente maduro no seu âmbito mental e emocional sabe que nenhuma divindade masculina, nenhum indivíduo com super poderes existe em algum céu isolado onde se ocupa pessoalmente dos assuntos mais íntimos dos homens, ratos, mosquitos e pardais.

Por um lado, o adolescente desvia-se do domínio tanto de mãe quanto de pai. Por outro, esta é uma era espacial, para vós. Situar-se-á o céu em Marte ou Vénus? Quantas estrelas irá o homem explorar antes de descobrir esse céu arcaico?

(A voz da Jane acalmou de novo, mas ainda falou animada e num ritmo acelerado.)

Para aquele que é inteligente até mesmo o simbolismo da Crucificação é repugnante. Contudo, isso significará que tal crucificação não tenha ocorrido? Pode não ter ocorrido num local e determinado momento, a alguém chamado Cristo; mas, devido a que o homem tenha criado o mito, ele criou a Crucificação com base na própria necessidade que tinha; e mesmo assim tal Crucificação, que historicamente não ocorreu tal como o mito refere ter ocorrido, possui tanta realidade – ou mais – do que se tivesse existido, caso se tivesse verificado com base no (que é chamado de) facto concreto.

Sugiro que façam um intervalo.

(A Jane tossiu durante o intervalo, mas durante o ditado não. Ao retomar o ditado apresentava a voz mais calma.)

Assim, o adulto inteligente sabe, agora – não é mesmo – que nenhum indivíduo na qualidade de ser superior existe como Deus num céu qualquer, a ameaçar os pecadores e os descrentes com o inferno. Por diversas razões, a ideia não faz sentido lógico. Tu nunca acreditaste emocionalmente nela. A Jane acreditou.

Portanto, o facto concreto pareceria ser o de que não existe nenhum Deus. Esse teria parecido ser um ponto de partida. Ou acreditam no mito ou acreditam no que parecerá ser facto concreto.

O facto concreto, para as mentes inteligentes deverá ser o de que não existe nenhum Deus. O mito insiste em que existe um Deus, e o homem inteligente depara-se com um dilema que não tem existência para o homem menos inteligente. Isso é mera coincidência.

O facto está em que o mito aproxima-se muito mais da realidade do que o facto.

O mito representa a tentativa do homem de compreender os factos que deve distorcer na existência que leva no plano material. E ele deve distorcê-los simplesmente por no plano material necessitar de um meio de focar as suas capacidades de modo que não permita que o âmbito mais amplo do enfoque (NT: Consciência) que exerce opere. Esse foco, que já tive ocasião de referir antes, foi eleito por ele para satisfazer as circunstâncias da sua existência.

Ora bem, a oração habilitou certa vez o homem inteligente a concentrar as suas capacidades psíquicas, devido a que o facto concreto, tido como dado adquirido por toda a civilização Ocidental, ter representado a crença num tal Deus. O chamado facto concreto mudou. A verdade por detrás do mito ainda subsiste. A humanidade tem estado absorta em sonhos de um Deus semelhante a si própria, à excepção de o considerar superior e de possuir as mais elevadas qualidades que o homem admira em si próprio.

(Com as duas últimas palavras da frase a voz da Jane subitamente irrompeu no tom e veemência. Durante uns momentos permaneceu assim, para a seguir começar a acalmar.)

O mito de Deus habilita-o a conceder objectividade aos seus instintos ditos superiores, e o conceito de Deus representou e ainda representa um elo com o *Eu interno*.

Bem, no que diz respeitos aos factos concretos, não existe Deus nenhum conforme a humanidade o imaginou, mas ainda assim Deus certa vez existiu conforme a humanidade o imagina agora.

(A Jane sorriu)

Aquilo que Deus é, não é o que os religiosos pensam que seja. Contudo, certa vez Ele foi somente aquilo que é agora. Porque de facto evoluiu e não estava completo, mas representava uma suprema vontade de existir desde o começo.

Ele não é humano, para o referir nos vossos termos, embora tenha atravessado estágios humanos; e nisso o mito Budista aproxima-se mais da realidade. Ele não é um indivíduo, nos vossos termos, mas uma gestalt psíquica, uma Gestalt* de energia.

**(Nota do Tradutor: No contexto psicológico, a Gestalt refere-se a uma abordagem teórica que se concentra na compreensão da percepção e do pensamento humano como um todo, em oposição à análise de partes isoladas. O conceito de Sinergia assenta mais na particularidade da interacção das partes, mas enfatiza igualmente o todo, e que é mais do que a soma das partes constituintes. Enquanto a Psicologia da Gestalt se concentra na percepção e organização mental do todo, a Sinergia destaca a eficácia resultante da interação harmoniosa entre as partes. Ambos os conceitos sugerem que a compreensão do conjunto é crucial a uma visão completa e eficaz, seja na percepção visual ou nas dinâmicas de grupo.)*

Se bem te lembras do que referi acerca da forma como o universo se expande, que nada tem que ver com espaço, então conseguirás porventura perceber, embora de forma vaga, a existência de uma pirâmide psíquica composta por consciência interrelacionada e em constante expansão, que cria em simultâneo e instantaneamente universos e indivíduos dotados do dom das perspectivas pessoais, de durabilidade, inteligência, compreensão psíquica e de eterna validade.

É isso que o conceito que fazem de Deus insinua.

Ora bem. Tal gestalt psíquica absoluta e instantânea que se acha em constante expansão, a que poderão chamar Deus caso prefiram, acha-se de tal modo segura da Sua existência agora, que se pode decompor a si mesma constantemente, e voltar a restaurar-se. A energia que possui é de tal modo inacreditável, que com efeito forma todos os universos; e por a Sua energia estar contida e existir por detrás de todos os universos, de todos os planos e de todos os campos, ela tem efectivamente consciência de todo o pardal que cai morto, por ser todo o pardal que cai morto.

Isso não nega o livre-arbítrio do homem, que se acha de facto mal-interpretado. Essa energia suprema luta efectivamente pela existência seja em que forma for em que se apresente; e a justiça – para vossa edificação – constitui apenas um termo humano quando muito míope. Fariam bem em recordar isso.

Não vou prendê-los por muito mais tempo. Nem tenho nenhuma intenção de começar uma nova religião. Estou, todavia, a tentar transmitir-lhes a verdade, e este material é porventura o mais importante de todos até agora, por a compreensão permitir que o homem inteligente se valha de energias e habilidades antes utilizadas na oração.

A oração é agora evitada. Por que orar se não há ninguém que ouça?

(Novamente com voz mais alta e profunda; mas breve.)

A oração comporta em si a sua própria resposta, e conquanto não exista nenhum Deus Pai de cabelos brancos, amável que a escute, então existe em vez disso a energia inicial em constante expansão que forma tudo quanto existe e de que todo ser humano faz parte. Essa Gestalt poderá parecer-lhes impessoal, mas dado que a Sua energia dá forma à pessoa que são, como poderá esse ser o caso? Se preferirem chamar a essa Gestalt psíquica suprema e absoluta Deus, então não deverão tentar objectivá-la em termos materiais, por ela representar o núcleo das vossas células e ser mais íntima do que a vossa respiração.

Eu sei disto e nada mais – Ele não é humano. Ele não é "ele," caso o imaginem em termos de sexo. Tão pouco é "ela." Tais distinções e designações são arbitrárias e têm cabimento somente no vosso âmbito. Ele é individual nos termos da concentração de múltiplas energias numa só; e de facto existe uma personalidade infinita, mas constitui uma Gestalt.*

**(Nota adicional do Tradutor: Gestalt refere o facto de não se poder conhecer o todo através das suas partes, mas antes as partes por meio do conjunto. Refere que a forma*

possui duas características: a subjectiva, que impregna as impressões sensíveis com que formamos as ideias e as visões do ser e do mundo, e a objectiva, que decorre das impressões dos sentidos.)

Não existe, pois, nenhum verdadeiro começo nem fim, por estarmos a falar em termos de uma expansão que nada tem que ver com o espaço ou o tempo, uma evolução em dimensões com as quais vós e o vosso género nem sequer ainda sonharam. À medida que uma ideia se expande e altera um mundo sem ocupar qualquer espaço, sem ser percebida pelos vossos instrumentos científicos, também a derradeira e absoluta Gestalt instantânea a que poderão optar por chamar Deus, existe e expande-Se.

Por conseguinte, há quem refira que tal conceito represente uma fuga da realidade. Contudo, esses seguem os seus sentidos externos de uma forma servil. Eles ignoram e receiam a realidade interior, assim como as ideias internas e sonhos que efectivamente moldaram a realidade de que tanto se orgulham.

É verdade que as fugas histéricas e indisciplinadas por tais domínios podem ser perigosas, pelo menos a curto-prazo; porém, uma busca disciplinada, equilibrada, curiosa e baseada numa atitude de abertura de espírito conduzirá à realização pessoal e constituirá a forma de libertarem a energia inata inibida, e a orientarem para fins construtivos.

Abordarei numa outra altura o mito da Crucificação e do forte elemento de verdade que encerra.

ACERCA DO CRISTO E DA SALVAÇÃO

SESSÃO APAGADA 9 DE JANEIRO DE 1978

Boa noite.

("Boa noite, Seth.")

Bom, a mensagem da entidade do Cristo foi, em termos religiosos. "Vocês são todos filhos de Deus – tanto o pecador como o santo." Deveras, de acordo com a tese inicial do Cristo, conquanto o homem pudesse pecar, ninguém era identificado como pecador. O homem não era identificado com os seus fracassos nem limitações, mas em vez disso com o seu potencial.

A entidade do Cristo conhecia a vitalidade, o poder e a força dos mitos. A vitalidade permite diferentes leituras, claro está, mas por meio do desenvolvimento em mudança do homem ele interpreta os mitos diferentemente, contudo, eles servem de recipientes para o conhecimento intuitivo.

A tese do Cristo foi inserida na tradição Judaica que lidava fortemente com a culpa, e a nova tese destinava-se a serenar essa tradição, e a estender-se além. Em vez disso,

enquanto carregava as crenças no potencial do homem, o Cristianismo sufocou a tese sob os escombros da velha culpa.

A culpa pode ser usada para manipular as pessoas, claro está, e constitui óptimo instrumento nas mãos dos governos, da religião, da ciência, ou de qualquer outra vasta organização que pretenda reter o poder que tem.

Cristo lidou com mitos, uma vez mais, potentes mitos que representavam realidades internas. O Cristo envolveu essas realidades em histórias coloridas voltadas para a compreensão das pessoas. Eu estou a fazer aqui uso do termo "Cristo" como uma pessoa a bem da conversa, por essa entidade ter tocado muitas vidas, cada uma das quais saltou para um tipo de super realidade ao representar jubilosamente a parte que lhe cabia no drama religioso.

(Quando estava justamente para perguntar…)

A mensagem era: "Não se condenem nem aos outros," por o Cristo estar bem ciente que a condenação pessoal hipócrita ou dos vizinhos servia para escurecer a porta por intermédio da qual o homem poderia ver o próprio potencial e a sua fonte grandiosa.

O conceito Cristão do céu mais as suas riquezas, de Deus e das suas recompensas, a própria fonte da natureza – tudo isso nos vossos termos constituía uma estrutura simbólica que descrevia em termos conto de fadas os atributos e as características do âmbito da Estrutura 2 (Astral, Causal e Mental)

Nos nossos termos, Tudo Quanto É existe no âmbito da Estrutura 2 como em qualquer parte, mas esse âmbito da Estrutura 2 representa a fonte da realidade material conhecida. Dele correm todos os factos conhecidos do vosso mundo. O Cristo esperava mostrar que vós sobreviveis à morte física e espiritualmente – e que "retornavam" ao Pai no céu.

Mentalidades literais, em busca de evidência comprovativa insistiriam que o próprio corpo físico se ergueria, ou ascenderia, daí as histórias relacionadas e a interpretação equivocada da informação.

"Pede e receberás." Cristo sabia bem que a afirmação representada uma verdade efectiva, mas os homens que se condenavam e que se consideravam pecadores, não saberiam o que pedir, excepto castigo e alívio da culpa. Consequentemente, ele realçou repetidamente que cada um era um filho de Deus.

Além disso realçou a importância de uma crença infantil, ciente de que a mente do adulto se encontraria apta a questionar: "Como e quando, e de que modo o meu pedido poderá ser atendido?"

A afirmação: "Que a Tua vontade seja feita," representava uma compreensão psicológica perfeita, porquanto de acordo com os ensinamentos do Cristo conforme originalmente terão sido dispensados, Deus pai representava a fonte ou a matriz do Eu, que por sua própria natureza se encontrava livre da ignorância e da falta de compreensão de qualquer altura, que mais consciente estaria do que o eu conhecido as experiências que lhe satisfariam as esperanças, sonhos e potenciais.

Dessa forma, com a pronúncia das palavras "A Tua vontade seja feita," o eu podia livrar-se dos seus equívocos, e atrair do âmbito da Estrutura 2 benefícios que de outro modo não estaria suficientemente bem informado para solicitar.

Uma porção de cada um permanece no âmbito da Estrutura 1 (Plano físico) e no âmbito da Estrutura 2 (Planos astrais, grosso modo). Entendam que o âmbito da Estrutura 2 constitui uma estrutura psíquica, espiritual ou mental. No mais profundo dos termos, claro está, não constitui local nenhum. Representa, se quisermos, uma paisagem espiritual de recursos muito mais vastos do que aquele que conhecem. Ele produz o mundo da vossa experiência nesse mundo, e assim constitui igualmente a vossa origem.

"Que a Tua vontade seja feita," significava "Deixa que siga os ditames superiores da minha natureza interior." Mesmo sem todas as distorções, essa fórmula resultou em grande medida por séculos. Contudo, o Deus, a fonte, era situado como exterior à natureza, e por fim acabou tornando-se demasiado remoto e a própria história tornou-se desgastada à medida que o homem tentava ligar verdades intuitivas ao facto objectivo.

Dá-nos um instante.

Ser um filho de Deus significava confiar na vossa própria dignidade. Podiam admitir fracassos, transgressões de um ou de outro tipo sem se identificarem, digamos, com o fracasso. O filho de Deus encontraria automaticamente a salvação, e todos eram filhos de Deus.

Quando o Cristo enunciou: "Acreditem em mim, e serão salvos," ele referia-se: "acreditem na relação que têm com Deus, e que são filhos d'Ele, tal como eu, e decerto que serão salvos." Uma vez mais, ele falava em termos religiosos, por esses serem os termos empregues na altura.

Esse conhecimento, todavia, na inata bondade de si mesmo literalmente confere ao indivíduo o suporte interior necessário para o exercício dos plenos potenciais do homem. Em termos civis e de governação, uma tal política não poderia ser tolerada nem tão pouco tinha o homem ainda aprendido como lidar com esse princípio básico.

É quase automático, por exemplo, rotular um indivíduo de assassino e identificá-lo com o crime cometido. A sociedade nunca chegou a um acordo com as vastas complicações inerentes aos ensinamentos de Cristo, e assim abandonou-os. A maior espontânea exuberância no homem jamais lhe permitiu o resultado desse vasto alcance.

Quererás descansar os dedos?

("Não.")

Ambos vocês irritaram-se contra as crenças do vosso tempo, do homem constituir um agressor natural, e se achar maculado desde o nascimento, e de se achar amaldiçoado pela sua própria natureza, condenado pelos antecedentes da sua infância, pelo pecado capital, ou pelos seus genes. Ao mesmo tempo também foram maculados por essas crenças, e pareciam ver provas delas por onde quer que olhassem em dentro de vós, ou fora no mundo dos vossos semelhantes.

Cada uma carregava o peso dessa condenação pessoal. Dificilmente se poderá considerar a Jane como excepcional pelas dificuldades físicas que passa, e no geral as vossas vidas e trabalho falam mais pelo potencial da personalidade que das carências da personalidade. Estabeleçam por vós próprios um objectivo de colocar de lado todas as crenças e distorções para vós e para os demais.

Bom; individualmente foram além as crenças da família, ao buscarem por vós próprios e ao tentarem as diversas vias. Realizaram a façanha bastante difícil, em determinados termos, de se procurarem um ao outro, de modo que cada um tivesse um companheiro que os ajudasse nas buscas – e tentaram pelo melhor que lhes era dado saber encorajar-se mutuamente. Ainda se viram atormentados pelos resquícios da auto reprovação e da auto condenação, contudo, ainda assim o eu espontâneo em cada um de vós conseguiu forçar aqui ou ali e resplandecer sempre que lhe dessem uma hipótese, com alguns excelentes resultados.

Eu sempre tenho que exprimir o meu material para vós pessoalmente sempre à frente (de forma enfática) da situação em que se encontram em determinado momento. No geral, contudo, o impulso principal do material sempre permaneceu, claro está, muito à frente da vossa posição, para falar em termos práticos, em qualquer altura.

Nos termos das vossas vidas, são capazes de utilizar determinadas porções do material em diferentes alturas. Ninguém o poderia colocar numa ordem de trabalhos a um só tempo e numa dada vida. A Jane então usou e desfrutou da espontaneidade que tinha vindo a desenvolver ao longo das linhas da compreensão que tinha. Não é, conforme poderá parecer, que ele possuísse algo de espontâneo e que o tenha perdido.

Dá-nos um instante.

A espontaneidade possui a sua própria ordem, e atinge a ordem de forma franca. Há anos atrás, antes da experiência psíquica, ela não se achava, por exemplo, psiquicamente espontânea em nenhuma medida significativa. Ela usou a escrita dela para se privar e ainda assim abranger o seu conhecimento psíquico inato. Ela reprovou a dança dela, e por vezes mesmo os seus anseios sexuais. Ora bem, essas reprovações simplesmente amontoaram-se, e resultaram em dificuldades físicas. Ao longo dos anos começaria a aprovar a espontaneidade mais uma área de espontaneidade nas aulas que deu, por exemplo, ou na poesia Sumari, ou ao aprovar por fim os próprios escritos psíquicos.

Contudo, a reprovação achava-se presente; todavia, vez por outra ao longo dos anos passaria por um período de alívio, de um súbito à-vontade e de uma melhoria física súbita – de cada vez que suspendia a auto reprovação e quando pelas tuas próprias razões começaste a suspender a tua própria.

A situação e a fé que conseguiram erguer no âmbito da Estrutura 2 vieram em vossa ajuda.

Os exercícios de entoação do "Om" e os exercícios das Runas constituem resultados demonstrativos por algum do material ter procedido das sessões, e estarem em conjunto a suspenderem os vossos exercícios de auto reprovação. Em termos religiosos, teriam percebidos terem sido salvos, ou que são filhos de Deus.

Em certo grau deixaram de se identificar com quaisquer limitações. E quando isso sucede, estão simbolicamente a dizer: "Que a Tua vontade seja feita," querendo com isso dizer: "Que a minha natureza maior, que a minha natureza espontânea corra através de mim sem impedimentos, e sem subterfúgios."

Então, os benefícios do âmbito da Estrutura 2 poderão começar a correr sem impedimentos. O corpo pode-se corrigir a ele próprio, e os métodos que usarem resultarão. Queres descansar a mão?

("Não, eu estou bem.")

("Os olhos da Jane tinham vindo em definitivo a melhorar nestes últimos dias, à medida que a tensão tinha vindo a sofrer um alívio do resto do corpo – a área do pescoço em particular, as mandíbulas e os músculos da testa. Quase todas as dificuldades oculares se acham relacionadas a outras formas de tensão no corpo.

("Eu devia ter perguntado ao Seth o que é que queria dizer com "quase".)

A Jane tem razão: a sua visão sofreu flutuações ao longo dos anos, e em períodos de alívio

mental, de compreensão e de melhorias físicas, a sua visão também melhora. Ambos ficaram bastante deprimidos, ao pensarem em termos de tempo e ao se concentrarem nos fracassos do passado, com os quais se identificaram. As notas que a jane redigiu ontem são de extrema importância, e enfatizam o meu velho "o eu espontâneo é o guarda," e acrescentou a isso "de que a vossa própria vida floresce."

Vocês poderão querer que a vossa espontaneidade se expresse a si mesma do mesmo modo que poderão querer que não o faça. Diz à Jane que se ela continuar desta maneira, e que se ambos vós conseguirdes manter a vossa paz de espírito o suficiente – por um período de dois ou três dias, por exemplo, então poderão esperar recompensas em todas as áreas. As chaves internas foram giradas uma vez mais.

("A esta altura o material de Seth surgiu com relação ao uso da vontade, creio bem, em resultado de algum material mais antigo que tinha dado a ler à Jane esta tarde. Dizia respeito aos espantosos poderes da vontade dela, e foi retirado à sessão 713, Volume do Unknown Reality. Acontece que essa é a sessão desse livro em que me encontro actualmente a trabalhar. Recomendo que fosse tida habitualmente em mente e que referida com frequência, por decerto conter muitas pistas para as capacidades do indivíduo.")

(10:45.) Bom, endereço-vos um caloroso e encorajador cumprimento de boa-noite.

("Posso fazer uma pergunta?")

Podes.

("Isto apresenta-se um tanto fora de contexto, mas o material relativo ao Cristo que dispensaste lembra-me um carta que recebemos da parte de uma jovem não há muito tempo. Ela queria saber o que realmente terá acontecido ao Cristo, e se ele terá sido crucificado.")

Dá-nos um instante…

Essa questão torna-se difícil de responder no contexto mais amplo.

(Olhos fechados:) Existiram diversos indivíduos que juntos compuseram as proezas da história do Cristo – façanhas que ocorreram apenas grosso modo no período de trinta e três anos referido (Para a vida de Cristo)

Um indivíduo foi crucificado, mas ele não era aquele que compunha a entidade do cristo. Compreenderão que as histórias que lhes chegam contêm elaborações e meias-verdades de cujas verdades as podem convencer as pessoas. Nenhum daqueles que compunha a entidade do Cristo foi crucificado. Cada um deles morreu – um deles, creio bem, na Índia.

As pessoas não entendem que os seus sonhos se tornam realidade, e que os grandiosos dramas da história e mitos frequentemente apresentam muito pouca semelhança com as ocorrências actuais, mas são mais vastos que os acontecimentos físicos. Fim da sessão.

(Com um bom-humor altissonante:) Vocês receberão pequenos fragmentos vez por outra.

("Está bem. Obrigado, Seth.")

CRUCIFICAÇÃO

Eu mencionei a Crucificação certa vez ao afirmar que tinha sido um facto e uma realidade, embora não tenha tido lugar no vosso tempo. Ocorreu onde o tempo não é conforme o conhecem... no mesmo tipo de tempo em que o sonho tem lugar. A sua realidade foi sentida por gerações e fez-se reagir. Não sendo uma realidade física, influenciou o mundo da matéria de uma forma que nenhuma realidade puramente física alguma vez poderia.

A crucificação foi uma daquelas realidades gigantescas que transformaram a e enriqueceram tanto o universo dos sonhos como o universo da matéria, e teve origem no mundo dos sonhos. Constituiu uma das contribuições principais que esse campo deu ao vosso e em termos físicos poderia ser comparado ao emergir de um novo planeta no universo físico...

A ascensão de Cristo... constitui igualmente uma contribuição do mundo dos sonhos ao vosso universo, em representação do conhecimento inerente ao sistema dos sonhos de que o homem era independente da matéria física...

Muitos conceitos, avanços e invenções práticas aguardam simplesmente no mundo dos sonhos até que alguém os aceite enquanto possibilidades na sua estrutura da realidade. A imaginação desperta a ligação que o homem tem com o mundo dos sonhos. A imaginação muitas vezes reitera dados (informação) oníricos e aplica-os a circunstâncias particulares ou problemas dentro do sistema físico. Os seus efeitos podem surgir na matéria, mas em si mesma não é física. Muitas vezes o mundo onírico possui conceitos que um dia virão a transformar por completo a história do vosso campo, mas a negação de tais conceitos enquanto realidades ou possibilidades no quadro da realidade, retém-nos e adia avanços que são imensamente necessários.

Tais desenvolvimentos significariam a libertação de uma energia adicional no vosso campo. Ideias e conceitos constituem realidades não físicas que atraem energia desordenada, a dirige e a concentra. O mundo dos sonhos existe mais perto nesse presente espaçoso de que o *eu* interno tanta consciência tem. Não se acha envolto pela camuflagem...

Poder-se-á, pois, dizer que, em muitos aspectos o universo dos sonhos depende de vós para lhe darem expressão, do mesmo modo que vocês dependem igualmente dele para encontrar expressão...

O impacto que qualquer sonho causa comporta repercussões físicas, químicas, electromagnéticas, psicológicas e psíquicas que são reais e contínuas. O tipo ou tipos de sonhos experimentados por um dado indivíduo são determinados por diferentes factores. Refiro-ma aqui à experiência do sonho enquanto ocorre e não às sobras que o ego permite que sejam recordadas.

Assim como um indivíduo cria a sua imagem física e ambiente de acordo com as capacidades e defeitos que tem, e em linha com as expectativas e necessidades internas, assim também cria os seus sonhos; e eles interagem com o ambiente exterior.

Contudo, com o ego em repouso durante o sono, muitas vezes o indivíduo habilita comunicações e traçados oníricos por intermédio ou para além da barreiro do ego. Por exemplo, caso as suas presentes expectativas se revelarem falhas, quando o ego repousar, ele poderá criar um tempo em que as expectativas possam ser elevadas. O sonho resultante romperá parcialmente o círculo de pobres expectativas mais as suas construções inferiores e iniciará tal indivíduo ao longo de um caminho construtivo. Por outras palavras, um sonho pode começar a transformar o ambiente físico pelo alçar da expectativa íntima.

(Sessão 115)

IMAGINAÇÃO E FACTO INERENTES À CRUCIFICAÇÃO E À EVOLUÇÃO

Seth, sessão 829

Bom, os animais possuem imaginação, independentemente da ideia corrente que vocês têm. Contudo, o homem é de tal modo dotado que dirige a sua experiência e forma as suas civilizações em larga escala através do uso das suas capacidades de imaginação.

Vocês não compreendem esta questão em absoluto, mas aas vossas organizações sociais, os vossos governos -- baseiam-se em princípios da imaginação. A base da vossa experiência mais íntima, o contexto existente por detrás de todas aas vossas estruturas organizativas repousa numa realidade que não é considerada válida pelas próprias instituições que são formadas sob os seus auspícios.

Estão já próximo à Páscoa e a comemoração anual do que é considerado facto histórico: a ressurreição a ascensão de Cristo aos céus. Um incontável número de milhões de pessoas comemoraram de uma forma ou de outra essa ocasião ao longo dos séculos. Vidas privadas misturaram-se com comoção pública e fervor religioso. Existiram incontáveis festivais de aldeia, ou reuniões familiares íntimas, e serviços religiosos realizados aos Domingos de Páscoa agora esquecidos. Travaram-se guerras sangrentas pela mesma razão, e fizeram-se perseguições privadas em que aqueles que não concordavam com os dogmas de uma ou de outra religião eram simplesmente eliminados "pelo bem das suas almas."

Deram-se renascimentos e regenerações espirituais – assim como matanças medonhas, em resultado do significado da Páscoa. Com respeito a isso o sangue e a carne foram come feito tocados, e vidas mudadas. Todas essas religiões e estruturas políticas que certamente reconhecem como válidas, que decorreram do "evento da ascensão de Cristo,"

existiram - e ainda existem – por causa de uma ideia. Tal ideia resultar de um acto espectacular da imaginação que então saltou para o panorama histórico, realçando todos os eventos do tempo, de modo que foram realmente iluminados com uma luz abençoada e sobrenatural.

A ideia da sobrevivência à morte não era nova. A ideia de um deus que "descesse" à terra era antiga. Porém, os velhos mitos religiosos adaptaram-se a um tipo de gente diferente e duraram tantos séculos no passado quanto o Cristianismo atingiu no futuro. A fusão miraculosa de imaginação e tempo histórico, contudo, tornou-se cada vez menos sincronizada, de forma que apenas os mitos permaneceram e os velhos deuses deixaram de captar a imaginação. O tempo estava maduro para o Cristianismo. Por o homem não ter compreendido as características do mundo da imaginação ele sempre tinha insistido até então em transformar os seus mitos em factos históricos, por considerar que só o mundo dos factos era real. Um homem literalmente de carne e osso, precisa assim provar para além de toda a dúvida que todo ser humano sobrevive à morte – morrendo, evidentemente, e depois elevando-se, de modo a ser fisicamente percebido, aos céus. Mas todo homem sobrevive à morte, assim como toda mulher, porém, só uma espécie de mentalidade literal insistiria na morte física de um homem-deus como "prova do pudim."

Uma vez mais, o Cristo não foi crucificado. O Cristo histórico conforme o concebem, foi um homem iluminado por realidades psíquicas, tocado pela compreensão infinita de que todo indivíduo era, em virtude da sua própria existência, um contacto entre Tudo Quanto Existe e o género humano. Cristo viu que em cada pessoa se reunia o divino e o humano – e que o homem sobrevivia à morte em virtude da existência que tinha no divino. Sem excepção, todos os horrores ligados ao nome do Cristianismo resultaram de terem seguido a letra em vez do espírito da lei, ou de terem insistido nas interpretações literais – enquanto os conceitos espirituais e imaginativos subjacentes foram ignorados.

De novo, o homem dirige a sua existência pelo uso da imaginação – um feito que não o distingue dos animais. Aquilo que reúne os homens ou os separa é o poder da ideia e a força da imaginação. Patriotismo, lealdade à família, afiliação política – as ideias que repousam por trás possuem as maiores aplicações práticas no vosso mundo. Vocês projectam-se no tempo qual crianças ao imaginarem livremente o seu crescimento, e tingem de imediato a experiência física e a própria natureza com os matizes dos vossos próprios processos imaginativos. A menos que pensem de forma consistente – e com profundidade – a importância da imaginação escapar-lhes-á, mas ainda assim ela forma o mundo que vocês experimentam e o mundo da massa em que vivem.

A teoria da evolução, por exemplo, constitui uma idealização imaginativa, no entanto pela sua luz agora certas gerações passaram a encarar o seu mundo. Não é somente que pensem em vós próprios de forma diferente, mas que na verdade experimentam um tipo de eu diferente. As vossas instituições alteram os seus aspectos de acordo, de modo a que a experiência se encaixe nas crenças que têm acerca dela. Vocês comportam-se de determinados modos. Encaram todo o universo de um modo que não existia antes, de modo que a imaginação e a crença lhes estruturam, de forma intangível, a experiência subjectiva e as circunstâncias objectivas.

Em todas as outras elaborações imaginativas, por exemplo, quaisquer que fossem os méritos e desvantagens que tenham tido, o homem sentia ser parte de um plano. O

planificador poderia ser Deus, ou a própria natureza, ou o homem inserido na natureza ou a natureza inserida no homem. Tanto poderiam existir múltiplos deuses como um só, mas o universo tinha um sentido. Até mesmo a ideia do destino dava ao homem algo contra o que agir, e despertava-o para a acção.

A ideia de um universo sem sentido, contudo, constitui em si mesma um acto imaginativo altamente criativo. Os animais, por exemplo, não poderiam imaginar tal idiotice, pelo que a teoria revela a incrível realização de uma mente e de um intelecto obviamente ordenados que se consegue imaginar como o resultado da ausência de ordem, ou caos – têm uma criatura que é capaz de "mapear" o seu próprio cérebro, e de imaginar que a fantástica ordem regulada do cérebro pudesse emergir de uma realidade que em si mesma não possuísse sentido. Na realidade a teoria diz que o universo ordenado emergiu coo que por magia – e os evolucionistas precisam certamente crer num Deus do Acaso algures, ou na Coincidência, porque caso contrário as suas teorias não fariam qualquer sentido.

O mundo da imaginação constitui realmente o contacto que estabelecem com a vossa própria fonte. As características que possui são as que mais se aproximam daquelas do Subliminal (Framework 2) a que presentemente podem fazer face. A experiência que fazem da história, dos dias da vossa vida, é invisivelmente formada por aquelas ideias que só têm existência na imaginação, que subsequentemente são projectadas no mundo físico. Isso aplica-se às crenças individuais que têm sobre vós próprios do mesmo modo que à maneira como se veem a vós próprios na vossa imaginação. Vocês estão a travar guerras entre Judeus, Árabes e Cristãos, uma vez mais, por darem ênfase às interpretações literais das verdades espirituais.

Em cada pessoa, o mundo imaginativo, a sua força e o seu poder, funde-se com a realidade histórica. Em cada um, o derradeiro, inatacável e inextinguível poder do Tudo Quanto Existe é individualizado e habita no tempo. A imaginação do homem pode transportá-lo a outros reinos – mas quando ele procura espremer essas verdades em enquadramentos demasiado estreitos, ele distorce e desvia as realidades interiores de modo que acabam por se tornar dogmas recortados.

O último surto fundamentalista da religião surgiu como réplica violenta contra as teorias da evolução, pelo que dispõem de um excesso de compensação, por no mundo de Darwin não existirem sentido nem leis. Não existiam padrões de bem certo nem de errado de modo que vastas porções da população se sentirem desenraizadas.

Os fundamentalistas regressaram a uma religião autoritária em que até o menor acto deve ser regulado. Eles deram liberdade, e estão a dar liberdade, às emoções, e assim estão a rebelar-se contra o intelectualismo científico. Eles voltarão a ver o mundo em termos de preto e branco, dotado de bem e de mal claramente delineados no mais simplista dos termos e assim escaparão a um universo escorregadio e temático, em que os sentimentos do homem parecem não lhe dar qualquer apoio.

Infelizmente, os fundamentalistas aceitaram as interpretações literais de realidades intuitivas de tal modo que mais Estreiteceram os canais através dos quais as suas faculdades psíquicas podiam florescer. A estrutura fundamentalista, neste período actual de tempo, não possui a riqueza, a despeito do fervor que denuncie – como, por exemplo, o Cristianismo teve no passado, com os seus inúmeros santos. Possui, ao invés, uma veia

puritana e fanática, de carácter peculiar Americano, e restritivo em vez de expansivo, por os surtos de emoção serem altamente estruturados – ou seja, as emoções acham-se limitadas na maioria das áreas da vida, e permitiram apenas uma explosão religiosa sob determinadas condições, quando não se revelam tão espontaneamente expressas quanto subitamente libertas da represa da repressão do costume.

A imaginação sempre busca a expressão. É sempre criativa, e sob as estruturas da sociedade fornece frescos incentivos e novas vias para a realização, que podem ser aproveitadas por meio da crença fanática. Quando isso sucede as vossas instituições tornam-se mais repressivas e a violência muita vez emerge em resultado. Se buscam sinais da vingança de Deus encontrá-la-ão por toda a parte. Uma avalanche ou uma inundação ou um terramoto não será visto como um acto da criatividade natural da terra, mas em vez disso como uma punição de Deus, devida ao pecado.

Na evolução a natureza do homem é amoral, e tudo vale em função da sobrevivência. Não há qualquer possibilidade de sobrevivência espiritual na medida do que diz respeito à maioria dos evolucionistas. Os fundamentalistas preferirão acreditar na natureza inata de pecado do homem, por pelo menos a sua crença lhes fornecer uma estrutura em que ele pode ser salvo. A mensagem de Cristo foi a de que cada indivíduo era inerentemente bom, e constitui uma porção individualizada do divino – no entanto uma civilização baseada nesse preceito nunca foi tentada. As vastas estruturas sociais do Cristianismo basearam-se em vez disso na natureza "pecaminosa" do homem – não nas organizações nem nas estruturas que lhe possam permitir tornar-se bom, ou obter o bem que Cristo claramente percebeu que o homem já possuía.

Parece quase um sacrilégio dizer que o homem seja bom, onde por toda a parte se deparam com contradições, por muitas vezes o homem parecer certamente que age como se os seus motivos fossem os de um assassino nato. Foi-lhes incutido que não devem acreditar no próprio tecido do vosso ser. Não podem esperar agir racionalmente ou de forma altruísta por forma consistente nenhuma se acreditarem que sejam automaticamente degradados, ou que a vossa natureza seja tão falha que tal desempenho seja pouco característico.

Vocês são parte da natureza que aprendeu a fazer escolhas, uma parte da natureza que natural e automaticamente produz sonhos e crenças em relação às quais vocês então organizam a vossa realidade. Há muitos resultados de que não gostam, mas vocês possuem um tipo de consciência único, em que cada indivíduo tem mão na formação geral de uma realidade mundial, e vocês participam a um nível da existência em que estão a aprender como transformar o domínio imaginativo das probabilidades num mais ou menos mundo específico, fisicamente experimentado.

De certo modo vocês escolhem de entre uma infinidade, um interminável número incalculável de ideias, e esculpem-nas nos fragmentos físicos que compõem a experiência normal. Vocês fazem isso de tal modo que os eventos intemporais são experimentados no tempo, de modo que se misturam e fundem a fim de se conformarem às dimensões da vossa realidade. Ao longo do caminho, há realizações que são tão preciosas quanto quaisquer criaturas de qualquer tipo poderiam produzir. Há igualmente enormes falhas – só que essas são falhas somente em comparação com o resplendor do conhecimento interior da imaginação que lhes reserva aqueles ideais contra os quais vocês julgam os vossos actos.

Tais ideais acham-se presentes em todo indivíduo. São inclinações naturais para o crescimento e a realização.

Sessão 829

A ENTIDADE E O INFINITO

(EARLY SESSIONS 8)

Há certos tópicos que não discutimos anteriormente. Vamos, ao nosso próprio jeito considerar alguns deles. O universo físico é real e não é real, conforme vocês sabem. Vocês criam a matéria física e depois percebem-na. Se não houvesse qualquer propósito na criação da matéria física, ela não existiria e vocês não a perceberiam. Quer dizer, não existiria nem mesmo enquanto ilusão. Isto comporta alguns aspectos delicados. Vamos atacar alguns. Para aqueles que lhes pareçam deuses, a matança não constitui crime, por não existir coisa alguma mesmo quanto a ilusão da morte. Num certo patamar, é pois verdade que a morte, conforme a conhecem, é uma ilusão. Vocês não se conseguem livrar por completo da ilusão enquanto estiverem em corpos físicos.

Por isso, neste contexto em que confiam tratem as coisas vivas cuidadosamente, por no vosso sistema constituírem actualidades. Princípios filosóficos no vosso nível precisam ser cuidadosamente preenchidos por emoções construtivas. Existe uma forte realização de sentido de valor a ser obtido onde vós estais. É bom saber onde estão, e conhecer a natureza da vossa realidade. Contudo, ainda precisam operar nesta moldura.

O Eu, a totalidade do Eu, a entidade, o vosso verdadeiro Eu, na verdade já existe. Vós estais na verdade em contacto com Ele agora. É verdade que num sentido vocês nunca abandonaram esse Eu. Mas também é verdade que num outro sentido vocês abandonaram. Vocês exploraram propositadamente outros sistemas conforme vocês exploram este.

A exploração também representa uma criação, e uma criação contínua. Não existe finalidade ou conclusão. Na verdade não há para onde ir, conforme o teu amigo gosta de dizer. Mas a própria palavra "É" produz uma multiplicidade de existências. Elas são bem reais, tanto psicológica quanto fisicamente. A filosofia deveria permitir-lhes lidar com elas e não evitá-las. Num caso evidentemente não há nada a evitar. Pontos do momento, conforme já os discuti, esclarecerão muitos destas questões para vós. Há todas as razões para explorarem a realidade interna, mas essa exploração deveria levá-los igualmente à compreensão da natureza da realidade física.

Talvez a vossa existência física pudesse ser comparada a um excelente livro que lhes tenha sido dado por um professor. Vocês acham-se completamente imersos nele. Por

perceberem que estão a ler tal livro e a encenar a parte do personagem principal, e estão mergulhados numa existência tridimensional, isso não quer dizer que possam dar-se ao luxo de deitar o livro fora ou recusar-se a lê-lo. Poderão evidentemente perceber a sua natureza, e isso representará um passo em frente. O professor que lhes deu o livro está a ler um outro livro, e está a encenar uma outra parte. Existem certas limitações nas filosofias Zen que iremos debater noutra altura. O sistema é basicamente óptimo mas a falha, uma em particular, é trágica. E no vosso sistema tais falhas podem levar muitos a desviar-se.

SESSÃO 304

Ora bem; os outros planos são tão reais ou irreais quanto o vosso. Eles são todos formados de vitalidade interior, que constitui a realidade básica. Muitos outros sistemas reflectem a realidade interna com uma maior clareza, e com uma menor distorção, mas as próprias distorções são criações. Todos os sistemas são, pois, formados mentalmente, inclusive o vosso próprio.

Isto não quer dizer que sejam imaginativos naqueles termos que geralmente são usados. Na verdade existe uma ligação electromagnética em cada e subjacente a cada sistema, mas isso constitui apenas o resultado de ligações mentais interiores. Em cada sistema vocês testam o conhecimento interior verificando-o contra as regras únicas e particulares desse sistema.

No vosso sistema na verdade a expectativa forma o vosso próprio ambiente físico. O que não quer dizer que os ricos, por exemplo, tenham atingido necessariamente uma posição espiritual. Contudo, o ambiente pessoal considerado no seu todo, com as relações interpessoais, é um indicador da situação interna.

Nas projecções, entendem, precisam dispensar as premissas psicológicas básicas. Precisam entender por momentos que as portas não são sólidas. A premissa não passa de uma premissa conveniente no vosso sistema físico. As portas são sólidas. Isso não constitui uma verdade básica, entendem, mas uma premissa básica conveniente. É uma das mais difíceis de dispensarem. Enquanto auxiliar conveniente, darão por vós a imaginar, por exemplo, janelas abertas por meio das quais parecerão viajar. Isso representa um auxílio apenas para o ego. Electromagneticamente todas as coisas vivas se acham ligadas, no entanto retêm a individualidade. Nesses termos não existe qualquer nirvana em que a individualidade venha a ser subjugada.

Os seres individuais reterão a individualidade. Serão capazes de participar num elevado nível da consciência com o todo de que fazem parte. Esse todo é de longo muito mais infinito do que o que poderão conceber. Num sentido básico, o todo tem consciência de todas as suas partes, e num sentido básico todas as suas partes têm consciência do todo. Mas cada parte do eu precisa percorrer a sua própria senda e desenvolver as suas próprias

capacidades e explorar as possibilidades que ela própria cria, caso contrário o todo estagnará.

O todo obtém uma experiência vívida por intermédio da vida das suas partes. O todo necessita dos seus segmentos. A vitalidade precisa criar-se constantemente em novos padrões, e cada padrão novo, é claro, produz novas possibilidades de desenvolvimento.

O infinito nada tem que ver com o espaço conforme vocês o conhecem. O infinito é um estado de vir a ser e jamais poderá ter um fim por nunca se achar completo. O infinito tem que ver com o sentido de realização de sentido valor, e o desdobramento de novas possibilidades sempre novas, a exploração do momento, a viagem por dimensões que sempre criam a ilusão do tempo. Mas como não existe tempo, que haverá que possa terminar?

A experiência da projecção dar-lhes-á um pequeno vislumbre do infinito. Finjam que numa exploração que empreendam durante uma projecção dêem por vós junto a uma árvore. Vocês entraram na árvore e permaneceram aí e acompanharam as estações com ela. Depois sentiram-se inquietos e entraram num pássaro empoleirado nos ramos e voaram vários metros de distância. Uma criança encontrava-se por perto e vocês entraram na criança. Introduziram-se na criança por forma nenhuma.

Encontraram-se dentro dela como se fossem ar. Tudo isso parecerá não levar tempo nenhum. A criança envelheceu. Viajaram até um lago perto e tornaram-se num peixe. Sucessivamente entraram em muitas coisas e por fim retornaram ao vosso corpo. Experimentaram séculos, no entanto só se passou uma hora do vosso tempo. A sensação que deveriam ter dentro dessa projecção altamente improvável dar-lhes-ia uma ideia, embora uma muito débil, da sensação do infinito.

Agora, num certo sentido, todas os eus são projecções do todo ou daquilo que é. Novos universos tais como o vosso estão constantemente a vir à existência. Sistemas e planos muito diferentes desenvolvem-se a partir de outros sistemas. O infinito só possui sentido em termos subjectivos e psíquicos. O cérebro físico não pode comportara ideia do infinito. O conceito não se enquadra nos termos tridimensionais. O Eu todo, o ser interno, move-se dentro do conceito do infinito conforme vocês se movem na realidade física por meio do espaço. O infinito contem tudo quanto alguma vez virá a ser conhecido, e, claro está, tudo quanto venha a ser conhecido é conhecido no presente espaço.

No entanto, esses mesmos termos, tudo quanto alguma vez virá a ser conhecido, é passível de distorcer, por sugerirem um fim do conhecimento e da experiência e não existe algum. Ora bem; "não existe lugar para onde ir," caso saibam o que se pretende verdadeiramente dizer com tal afirmação. Também é verdade que existem muitos sítios para onde ir se os desejarem descobrir. Vocês sempre criam os lugares e os destinos a que chegam. Não existem locais e existe uma infinidade de locais.

O eu interno forma todos os sistemas e todos os locais. Por um lado vocês podem-lhes chamar efectivamente ilusão. Por outro lado, essas ilusões são bastante reais. Elas são o revestimento da realidade básica. A realidade básica situa-se de facto nas ilusões. Olhem por baixo delas e dentro delas e senti-las-ão. Mas elas próprias são compostas dela, e vocês não as podem separar. As palavras não são adequadas para explicar o que aqui quero referir.

A realidade básica não pode conhecer-se sem criar diversidade. A diversidade são as várias formas que a realidade adopta, os diversos sistemas em que se expressa projectando-se numa experiência individualizada infinita. Bom, esta frase é importante.

Cada eu interior é uma porção de uma realidade básica interior. Porém, ela não pode conhecer-se excepto através da experiência, e precisa criar para poder experimentar. A experiência constantemente aprofunda o cumprimento do valor da própria realidade básica. Não existe alternativa entre a diversidade e o nada. Aquilo que é, está constantemente ciente do seu crescimento acentuando a existência, por meio da diversidade da experiência que cria constantemente e em simultâneo. Vocês fazem parte daquilo que é, vocês são aquilo que é. É impossível que qualquer parte daquilo que não é se individualize. Todas as partes daquilo que é, se encontram vivas, e se conhecem.

Existe o que poderão chamar Deus, mas dificilmente nos termos do que poderão conceber. Utilizando os vossos termos, vocês são de facto parte desse Deus. Vocês são efectivamente infinitos. Possuem uma ligação imediata, instantânea pessoal com esse Deus, utilizando os vossos termos. Estão directamente ligados a esse Deus. Não se podem desligar por esse Deus ser aquilo de que são feitos. Isto é posto tão simples quanto possível e altamente simplificado. O conhecimento aqui dá-lhes benefícios por formas altamente significativas; e capacita-os de facto a fazer uso de capacidades que não percebiam possuir.

Agora, isso é um Deus pessoal, nos vossos termos. É um Deus pessoal por esse Deus representar a parte daquilo que é, que sois vós próprios, entendem. Mais ninguém pode falar com essa porção particular desse Deus. Vós sois a vossa própria entidade. A parte de vós que é formada a partir do Tudo O Que É, é esse Deus; ele tem consciência de todas as vossas necessidades, por quanto a isso, Deus ser igualmente, vós próprios. Embora dificilmente o eu que vocês reconhecem ao espelho.

Agora; no vosso esquema do tempo vocês veem-se a vós próprios numa certa idade, num dado conjunto de circunstâncias. Quando percebem que são igualmente uma porção de Tudo Quanto Existe, então verão que tal conceito é erróneo e limitado. Porém, também há porções ligadas à vossa identidade noutros sistemas e essas são mais avançadas do que o vosso ser psicológico. Uma vez mais, estou a falar nos vossos termos. Eles podem ser comparados nesse contexto a deuses menores, e as vossas mitologias estão cheias deles. Eles também estão obviamente em contacto com Tudo Quanto Existe.

Alguns deles estiveram no vosso sistema, nos vossos termos de continuidade e agora encontram-se para além dele. Eles também representam a ligação pessoal que vocês têm com o Tudo O Que É. Por vezes essas personalidades ajudam os seus e dão instruções. Entendam a ligação do Deus menor de forma aligeirada por o termo ser um termo pobre, mas suscita a ideia que pretendo representar, embora um tanto distorcida. A Sua realização de sentido de valor é consideravelmente mais profundo do que o vosso: a sua experiência é mais plena e o conhecimento que têm é de um nível mais elevado. Eu evitei tais debates principalmente no passado, até achar que estavam preparados para eles. E agora estão. Essas personalidades são parte da vossa entidade particular. Entidades são obviamente subdivisões do todo, ou Tudo O Que É. Vós retendes a vossa individualidade enquanto parte de uma entidade, e a entidade retém a sua individualidade como parte de uma gestalt de energia. Uma gestalt de energia mantém a sua individualidade enquanto porção do Tudo O Que É. Não existem formas de energia impessoais. Elas são entidades psicológicas altamente individualizadas. O seu desenvolvimento psicológico, porém, é bastante diferente de qualquer que vocês conheçam.

Existem realidades psicológicas que vocês simplesmente ignoram por completo, e elas acham-se interligadas a estruturas de energia que contêm dimensões que não conseguem entender. Na verdade vocês têm acesso, entendem, e uma linha directa, por assim dizer, com toda a energia e experiência que desejam. Agora; só uma questão, antes de eu fechar. Gostaria de lhes insinuar quanto às realidades psicológicas que formam estruturas da personalidade em níveis mais elevados do que o vosso. Essas personalidades são capazes de aprofundar a realização do sentido de valor de uma forma espantosa por meio da expansão de consciência que lhes permite focar-se em muitas áreas dos sistemas e planos simultâneos.

Quer dizer, não só têm consciência do que lhes parecerá ser o passado, presente e futuro no vosso sistema, como terão consciência de vários outros sistemas e são capazes de funcionar dentro eles em simultâneo, obtendo e gerando experiência em todos esses sistemas, mesmo enquanto mantêm uma identidade generalizada. São conscientes, por exemplo, delas próprias enquanto, digamos, uma entidade, e simultaneamente têm consciência de existências separadas enquanto indivíduos em diversos sistemas. Isto é o que podemos fazer presentemente. Mas há muito mais a dizer. Eu voltarei a este tema.

SESSÃO 305

Ora bem; a consciência jamais poderá expressar-se por completo em termos físicos, como vocês sabem. Por várias reincarnações a entidade tenta expressar-se cada vez mais e de uma forma mais competente no quadro da realidade física. Numa situação como a do teu pai ou da Sra. Callahan, a consciência global não é menos, mas uma porção menor dela se expressa em termos físicos. Ela ou exerce um controlo cada vez menor sobre o organismo, por não ter resolvido os seus problemas suficientemente bem, por em larga medida já ter

decidido deixar o sistema, mas fá-lo gradualmente; ou por em certos casos existir um bloqueio psíquico, que impede a plena utilização da energia a este importante respeito.

A personalidade torna-se menos evidente no organismo físico. A própria personalidade não se desintegrou, só que o controlo que exerce sobre o organismo, por várias razões, diminuiu. Nesses casos a personalidade faz gradualmente incursões na realidade seguinte, e reúne a sua energia no sistema seguinte.

Agora, há uma situação comparável que ocorre em determinadas situações num sentido completamente diferente, e por razões completamente diferentes. Ao nascer o eu passado que reincarna pode em certos casos recusar ou ser incapaz de abandonar o controlo que exerce sobre a matéria física. Quando isso acontece há consciência disso por parte da nova personalidade da velha vida, mas mais, uma retenção tenaz, da parte do eu anterior. A consciência da personalidade não terá deixado tão cedo, ou geralmente cedo demais, como no caso do teu pai, mas persiste obstinadamente. É como se um artista visse um quadro a surgir repetidas vezes no quadro seguinte. Em tais casos gera-se uma falta de compreensão. A identidade interior não compreende que está simplesmente a adoptar um disfarce diferente, está a cumprir diferentes obrigações, ou a usar energias insatisfeitas. O ego é de tal modo forte que se agarra mesmo à nova materialização. Existem duas faces de um mesmo problema.

Conforme estou seguro que sabes, o teu pai não se sente infeliz. Tu nunca conheceste o teu pai. O homem que estava para ser teu pai partiu. O que não quer dizer que tenhas sido órfão, nem tão pouco ele te abandonou por uma questão de crueldade. Ele abandonou-te e abandonou os teus irmãos, algo que tens em grande estima. Prolongando-se no homem que chamavas teu pai sempre esteve o sentido do inacabado. Havia o sentimento do pesquisador. Havia a necessidade de que brota a criatividade. Em certa medida isso tornou-se no ímpeto que te moveu. Tu pressentiste-o intuitivamente.

Ele deixou-te coisas para fazeres ao teu jeito. Ele trabalhou com fotografia por não saber pintar. Ele não conseguia criar-se. Ele não conseguia vislumbrar-se no ambiente físico. Enquanto fotógrafo ele encontrava-se amiúde fora do retracto. Ele não te deixou de mãos vazias. Ele não conseguia materializar-se. Num certo sentido ele foi mais a tua mãe passiva do que o teu pai. Ele não conseguia comunicar. O amor que sentia pela maquinaria era a tentativa por tornar o seu ser físico. O homem a quem chamas teu pai acha-se mais feliz agora do que alguma vez esteve. A personalidade inteira tem estado há muito tempo à espera num outro sistema da realidade. Não existe nenhuma lei que diga que a personalidade deva materializar-se por inteiro num dado sistema, embora seja geralmente mais sensato fazê-lo.

O teu pai e dois dos teus irmãos eram originalmente parte da mesma entidade. Os teus dois irmãos e Ruth Butts são parte da mesma entidade. Agora ouve o que te vou dizer, por ser difícil. A energia principal do homem a quem chamas teu pai abandonou-o há muito tempo, conforme te disse. Ele reuniu as suas energias e aguarda, mas parte das suas

energias foram dadas ao filho da Ruth *(Meu primo em primeiro grau).* Esse foi um acordo voluntário. O rapaz necessita da energia adicional. Eu não creio que o rapaz venha a viver até ser velho. O pai cedeu-lhe essa vitalidade, e ajuda o rapaz, ao conhecer de antemão as dificuldades do rapaz. O rapaz é incapaz de se relacionar por completo com a realidade física.

Quando o homem chamado teu pai morrer, a sua energia regressará ao eu que aguarda. O Eu chamará de volta a energia que foi cedida ao filho da Ruth. Se por essa altura o rapaz tiver aprendido a relacionar-se ele clamará por um reforço da parte da entidade recebê-la-á poderá contrair uma doença temporária, por exemplo, enquanto ocorrem transições. Caso isso não acontece ele morrerá ou ficará amplamente incapacitado. O teu pai ajudou, pois, o rapaz. Ele também te serviu de exemplo, e tu sabes disso; por não teres querido relacionar-te em pleno. Tudo isto não é tão complicado quanto parece. Se dispuseres de tempo de sobra ajudas os outros. Se uma personalidade se encontrar entre sistemas cede a sal energia a outros. A tua mãe enfrenta realidades que não teria enfrentado no passado, e está a ver em termos materiais os resultados das suas próprias acções internas. Não havia outro jeito de ela aprender. Aquilo que a ti poderá parecer um desastre no escrutínio que fazes da vida dela, constitui uma lição bem aprendida em realidade, e uma vitória.

Houve uma altura particular em que o teu pai se despediu de ti. Estavas com dois anos. Estavas a brincar. Encontravas-te no colo da tua mãe no seu quarto, e ele disse simplesmente "adeus" a ambos. E ambos vocês sabiam que ele falava sério. Seguiu-se a uma discussão que teve com a tua mãe. Ele saiu de casa e quando regressou já não era o mesmo homem. Contudo, tu compreendeste-o subconscientemente, e nesse instante ele deixou em ti o desejo de criar.

As personalidades não são coisas estáticas. As entidades são eternas. Elas não são muito bem embaladas, uma a cada corpo, conforme os vossos psicólogos acreditam. Elas mudam constantemente. Crescem. Tomam decisões. Utilizam em pleno o corpo físico, ou partem parcialmente de acordo com as suas necessidades internas e desenvolvimento. Quando as gestalts psíquicas são criadas e formadas elas não são estáticas. Procedem a diferentes alianças até encontrarem o seu lugar em toda uma identidade que serve os seus propósitos, ou que seja forte o suficiente para se tornar indestrutível. Elas estão em constante transformação (vir-a-ser), e não são unidades fechadas.

O teu pai não era simplesmente o teu pai. A identidade que é dele amadureceu, desenvolveu-se, mudou as circunstâncias e os seus componentes físicos muitas vezes, à procura do solo psíquico que melhor seria capaz de desenvolver os seus próprios potenciais.

Isto não é simples de explicar, no entanto, eu deixar-te-ia mal se te deixasse com uma simples explicação. Os sentimentos emocionais são vitais. As identidades emocionais são indestrutíveis. Personalidades que conheceste em vidas passadas conhecer-te-ão após a transição. Isto não quer dizer que em função dos seus próprios propósitos não se tenham fundido em fusões psíquicas que presentemente não consegues entender. Conforme me

encontro junto numa fusão psíquica convosco agora, e ainda sou eu próprio, e vós sois vós próprios.

Existem pontes espirituais mas elas são formadas por personalidades individuais. O teu pai está a formar uma ponte espiritual. Ele representa um degrau da escada, contudo também é parte do grau seguinte acima dele, e do grau abaixo. Por não poderes colocar o dedo nele não quer dizer que não exista, e que ele não te tenha ajudado a realizar-te a ti próprio, e que ele não tenha ajudado a ensinar a mulher que conheces como tua mãe.

Bom; espero que me venhas a compreender intuitivamente, por aquilo que eu disse confundir o intelecto num grau considerável. Mas eu falo por meio do Ruburt, mas o Ruburt é ele próprio e eu sou eu próprio, contudo sem a ajuda que prestas ao Ruburt eu não poderia falar. Isso por forma nenhuma minimiza a minha realidade, ou a do Ruburt. Assim também, o uso que o teu pai faz das suas energias não minimiza aquilo que ele é, nem o sentido geral de direcção dele. Ele não te deixou sem ideias. Ele deixou-te aquilo que ele achou que era o melhor que tinha a dar-te, uma necessidade de criatividade que ele não podia expressar em termos físicos.

Ele deixou ao teu irmão mais novo um sentido de doçura, uma qualidade inocente, intocada que sempre o sustentará. Ele deixou ao teu irmão do meio uma persistência obstinada que o auxiliará caso ele a use correctamente. Ele deixou á tua mãe as questões de que ela necessitava – o que terá ela feito que não devesse ter feito; por essa questão ser importante ao seu desenvolvimento.

Bom; tudo isto diz respeito à nossa discussão principal, por as implicações serem evidentes. Ele, no corpo do velho homem aprecia a solidão que sempre desejou. A tua mãe foi a centelha que o levou a relacionar-se em absoluto com a realidade física, e foi por isso que ele se ressentiu dela, a razão por que a combateu, e porque ela não conseguiu respeitá-lo. Agora ele desfruta do luxo de não reagir, nos seus termos. Dar-se-á uma reunião em júbilo da sua identidade assim que o corpo morrer. Isso assemelha-se à união dos mosaicos, à tecelagem da personalidade por dentro e por fora, e nenhum efeito é insignificante nem desprovido de benefício. Nesta vida estavas destinado a criar e a ensinar.

Toda a criação é ensino. A tua entidade é mais velha do que a do teu pai. Tu e o Ruburt e eu estivemos juntos muitas vezes. No passado, a gestalt, as condições, foram benéficas para todos nós. Tu já percorreste a via que indivíduos como a tua presente mãe e pai percorreram. Tudo é, pois um processo de desenvolvimento. Bom; eu encontro-me aqui neste compartimento. Também me encontro num outro lugar e noutro tempo. O teu pai encontra-se em várias dimensões ao mesmo tempo. Tudo isso é realização de sentido de valor. É crescimento.

Sessão 339

A LENDA DE CRISTO

Sessão 213

Havia algumas observações que pretendia fazer a respeito da época Natalícia, e talvez as deva fazer agora. Se lhes parece que existe uma grande lacuna no Cristianismo entre os ideais expressos e as ações postas em prática, então deixem que lhes diga que as condições seriam de facto muito piores se esses ideais não tivessem sido expressos inicialmente, e se eles não fossem reiterados anualmente. Como vocês os dois supõem, é gerada durante a temporada de férias energia psíquica construtiva suficiente para recarregar as baterias psíquicas, por assim dizer, por algum tempo. Se não fosse por isso, toda a vossa raça estaria numa situação muito mais séria.

Uma das razões, Joseph, para a própria falta de espírito festivo que sentiste no passado foi resultado da percepção que tinhas de que aquela lacuna que existe entre o idealismo e a acção é grande. Não poderias, pois, tomar parte no que sentias ser a hipocrisia da estação. Mais ainda por não teres nenhuma convicção particular, mais do que a jane, sobre a existência histórica de um Cristo. Até certo ponto, tenho explorado um pouco isso, mas far-te-á bem juntares-te de todo o coração ao espírito muito necessário da época por ser construtivo e muito benéfico. E se fizeres isso ajudarás a ti próprio e aos demais.
Bom. Não houve nenhum Nascimento Virgem histórico, nenhuma crucificação histórica. Isso não significa que não representem realidades simbólicas...

Bem, vou fazer uma sessão abreviada, dado que vocês têm uma que se está a aproximar, e têm sido bem fiéis. Eu queria fazer um teste, e o que eu disse sobre os testes na última sessão ainda se mantém.

Este sentimento de que o Natal representava a hipocrisia tem sido um dos principais motivos do desânimo que sentiste durante a época, pois representava uma desilusão bastante profunda com a cultura em que foste criado.

A lenda de Cristo é de grande importância psíquica, entretanto, e é <u>intrinsecamente</u> verdadeira. Isso não significa que se baseie em factos históricos. Em muitos aspectos, é mais verdadeira do que um facto histórico, pois o próprio homem criou aquilo que não foi fornecido. A criação, entretanto, aconteceu em termos bastante reais e faz parte do reconhecimento interno da humanidade das gestalts em pirâmide de que falei.

Isso foi o mais próximo que um homem podia chegar na sua imaginação daquilo que é, e não tem problema. A ideia básica existente por trás do Natal é definitivamente importante, quer o intelecto seja ou não capaz de lhe perceber o significado. Bom. Por si só, psicologicamente, é benéfico, pois age contra os sentimentos de desespero que podem surgir durante o inverno. E ao recordar aos homens um nascimento e uma ressurreição, sugere as habilidades intrínsecas da raça de transcender o tempo e o espaço físicos.

O abandono de si próprio que envolve constitui uma excelente terapia, e uma terapia que faz bem aos outros, assim como àquele envolvido. Há muito mais aqui, entretanto. Culturalmente falando, há uma forte conexão com intuições pagãs, profundas e significativas, que encontraram expressões mais novas e mais amplas. O carácter de Cristo, tal como é retratado, é excelente, pois enfatiza as qualidades humanas em vez de especificar as masculinas. Ou deverei dizer que realçou as qualidades humanas, em vez daquelas infelizmente consideradas como masculinas.

Ele enfatizou as melhores qualidades da raça no seu todo. A personalidade de Cristo é uma idealização e uma pista para a Entidade da qual cada personalidade individual é composta. E no que diz respeito à oração, embora eu saiba que nenhum de vocês ora nesses termos, há alguém que, com efeito, escuta. O eu que ora escuta e faz os ajustes e melhorias necessários. Pois o indivíduo é parte de Tudo O Que Existe e, portanto, toma parte das habilidades das gestalts psíquicas de que falamos tão pela rama.

Session 213 Early Sessions

The legend of Christ is of great psychic import however, and is intrinsically true. This does not mean it is based in historical fact. In many ways it is more true than historic fact, for man himself created that which had not been provided. The creation nevertheless happened in quite real terms, and is part of mankind's inner recognition of the pyramid gestalts of which I have spoken. This was as close as man could come in his imagination to that which is, and this is all right. The basic idea behind Christmas is definitely important, whether or not the intellect is able to see its significance.

A lenda de Cristo é de grande importância psíquica, no entanto, e é intrinsecamente verdadeira. Isso não significa que seja baseado em fatos históricos. Em muitos aspectos, é mais verdadeiro que o fato histórico, pois o próprio homem criou aquilo que não havia sido fornecido. A criação, no entanto, aconteceu em termos reais, e faz parte do reconhecimento interno da humanidade dos gestalt da pirâmide de que falei. Isto era o mais próximo que um homem poderia chegar em sua imaginação daquilo que é, e está tudo bem. A ideia básica por trás dos Christmas é definitivamente importante, quer o intelecto seja ou não capaz de ver seu significado.

Now. Psychologically alone this is beneficial, for it acts against those feelings of despair that can creep up during the winter season. And by reminding men of a birth and a resurrection it hints at the innate abilities of the race to transcend physical time and space.

Agora. Psicologicamente sozinho, isso é benéfico, pois atua contra os sentimentos de desespero que podem surgir durante o inverno. E lembrando os homens de um nascimento e uma ressurreição, sugere as habilidades inatas da raça para transcender o tempo e o espaço físico.

A saída de si mesmo que está envolvida é excelente terapia e terapia que faz bem aos outros, assim como o eu envolvido. Há muito mais aqui, no entanto. Culturalmente falando, há uma forte ligação com intuições pagãs, profundas e significativas, que encontraram expressões mais novas e mais amplas.

O caráter de Cristo como é retratado é excelente, pois enfatizava as qualidades humanas e não especificamente masculinas. Ou devo dizer que enfatizava as qualidades humanas em vez daquelas que, infelizmente, consideravam qualidades masculinas. Sublinhou as melhores qualidades da raça como um todo.

A personalidade de Cristo é uma idealização e uma pista para a entidade da qual cada personalidade individual é composta. E no que diz respeito a oração, embora eu perceba que nenhum de vocês ora nesses termos, alguém faz de fato escute. O eu que ora ouve e faz os ajustes e melhorias necessários. Pois o indivíduo é parte de Tudo Que É e, portanto, participa das habilidades dos gestos psíquicos de que falamos tão superficialmente.

Early Sessions Book 5
Session 213

Houve observações a few que eu destinados a fazer sobre a época de Natal, e talvez eu vou fazê-los agora. Se parece que existe uma grande lacuna existente no cristianismo, entre ideais expressos e ações, então deixe-me dizer- lhes que as condições seriam de fato muito piores se esses ideais não tivessem sido expressos inicialmente e se não fossem reafirmados anualmente.

Como vocês dois supõem, bastante energia psíquica construtiva é gerada durante a temporada de férias para recarregar as batidas psíquicas, por assim dizer, por algum tempo. Se não fosse por isso, toda a sua corrida estaria em uma situação muito mais séria.

Uma das razões, Joseph, para o seu próprio espírito festivo no passado, foi o resultado da sua percepção de que essa lacuna entre idealismo e ação é grande. Você não podia, portanto, entrar no que sentia ser a hipocrisia da estação. Ainda mais que você não tem uma convicção particular, mais do que Ruburt tem, relativo à existência histórica de um Cristo.

Até certo ponto, explorei um pouco disso, mas será bom que você se junte de todo coração ao espírito necessário da época, pois é construtivo e muito benéfico. E ao fazê-lo, você ajuda a si mesmo e aos outros. Agora. Não houve nascimento virginal histórico e nenhuma Crucificação histórica. Isso não significa que eles não representem realidades simbólicas.

Early Sessions Book 5
Session 203

(Pedi a Bill que elaborasse sua declaração anterior. A resposta de Bill incluía a ideia de que ele acreditava que um deus teria que se aproximar da raça humana na forma humanóide para que pudéssemos entendê-la.)

...A ideia de deus humanóide? Eu pareço a você como a Jane, mas eu não sou primariamente a Jane...

(O Bill observou que, em termos de nossa existência, nosso Cristo era um produto sobrenatural.)

O vosso Cristo tinha habilidades que eu ainda não tenho... e ele apareceu na sua forma, mas não era da sua forma ... O seu povo viu um pequeno fragmento que eles puderam entender... um fragmento que faz parte de uma realidade maior que eles não conseguiam entender...

Nós discutimos isso em algum grau em nossas sessões... Eu falo de gestalts psíquicos. Você vê apenas partes dessas pirâmides de inteligências... o que podemos ver a qualquer momento.

Haverá uma mudança dentro de 100 anos... quando vocês poderão ver mais... Verão através de um crescimento de habilidade e consciência... uma ampliação... que tem aumentado há 500 anos... a mudança começou na Idade Média, existiu brevemente, feneceu e então recomeçou...

Envolverá uma expansão da consciência, não o conhecimento físico...
Você vai diretamente e simplesmente perceber mais... Eu não posso fazer a Jane encontrar todas as palavras. O vosso Deus é parte de uma realidade maior. Vemos o que podemos ver... Essa realidade maior também faz parte dos nossos sonhos: é mais importante e vital do que a respiração, pois todos vocês fazem parte disso individualmente. Há um dar e receber entre você e as estrelas numa base física, assim como há também uma conexão entre eus e o que vocês chamam deus. Não há divisão real entre vós e Deus e eu... apenas uma unidade que ainda não conseguem entender.

(O Bill perguntou a Seth o que ele achava da direção em que os escritos de
O padre Teilhard de Chardin liderou, e Seth concordou entusiasticamente que os escritos são válidos. A *Jane, de olhos abertos, olhou para a Peggy sentada calmamente no sofá.*

A nossa amante de gatod está tão silenciosa.

([Peg:] "Eu não entendo o suficiente sobre isso.")

O teu dedo é uma parte do seu organismo físico... Ele não sabe o que teu cérebro está a fazer. A oração é muito importante... A tua unha também é parte de ti...
Da mesma forma, estamos relacionados com Deus. És parte de Deus por seres parte da consciência que é, mas não estás separado de um deus que olha para ti e fala... Existe de facto, como tu concebes, não é inferno nem céu. Essas ideias foram distorcidas através das eras... Poderias chamar o inferno de separação do fluxo principal de consciência chamado Deus, mas isso é impossível na verdade...

(A Peggy perguntou ao Seth que religião, na sua opinião, se aproximava mais de Deus conforme definido por Seth.)
Eu não quero perfurar balões idealistas. Os budistas talvez estejam mais próximos, mas nenhuma religião chega realmente perto... O homem ou a mulher sentindo identidade a cada dia passa aproxima-se.

(Nas passagens seguintes Seth bateu a alta point, na medida do sentimento e ênfase sentidos. Às vezes, sua entrega tornou-se apaixonada. Eu não entendi tudo, Bine falou de sua posição no chão, com os olhos fechados, a voz forte, mas sem gritar.

O sentimento é prático. A ideia de nascimento e morte a cada dia aproxima-se. Aqueles que choram quando machucam uma pulga estão próximos... Aqueles que apreciam a consciência em cada rocha, árvore, pássaro... chegam perto. Tolos e idiotas são muitas vezes mais sábios do que o homem sagaz. O ódio é a morte. Todas as coisas são sagradas, e todo pensamento é uma realidade e tem seu próprio potencial para criação e destruição.

Vivenciando cada momento vem a perder. Eu mesmo não sou conhecido pela humildade. No entanto, minha existência depende de muitas coisas das quais não sei. Eu aprendo através de muitas existências, mas eu não me coloco como muitos de vocês mesmos e eu não determino o que deve ser destruído ou quem ou o que deve permanecer... Tais ações... são baseadas na covardia... Qualquer ideia de um Deus, não importa o quão distorcida, triunfará, se Ele existir em tudo que vocês conhecerem. E quando vocês matam tanto quanto uma formiga, vocês também matam parte d'Ele na maioria termos práticos. Quando matam em pensamento, vocês matam de facto.

ES2 - pág 79

Também mencionei que os químicos, por si sós, em qualquer forma e com quaisquer misturas, não te darão consciência. O facto é que esta afirmação que acabei de fazer é tanto verdadeira como falsa, no sentido em que os químicos, por si sós, te darão consciência, simplesmente porque agora sabemos que cada molécula que

existe no teu plano está presente como materialização física de energia consciente.

Quando digo que os químicos, por si sós, não te darão consciência, refiro-me à teoria que sustenta que a matéria física, os químicos e os átomos, sendo inertes e sem vida, de repente, através de alguma metamorfose, atingiram um estado consciente através de um desenvolvimento evolutivo.

A consciência existe sempre antes da materialização física. O conceito de Deus, obviamente, teve origem no conhecimento inato da humanidade de que a consciência precede a construção física.

Quando for finalmente descoberta a origem física do teu universo, os teus cientistas não estarão em melhor posição do que estão agora. Deparar-se-ão imediatamente com o problema que, acima de todos os outros, têm evitado durante tanto tempo: o da origem por detrás da origem. Um facto simples precisa de ser reiterado: o universo físico, e tudo o que nele existe, é o resultado da consciência. Ele não evoluiu até atingir a consciência. Pelo contrário, a consciência não só criou o universo físico, como continua a fazê-lo.

Vamos evitar aqui uma discussão aprofundada sobre o conceito de Deus. A partir do material que já tens, compreendes, espero eu, que esta criação constante do universo físico é levada a cabo por cada indivíduo nele, a um nível subconsciente, através da utilização de mecanismos que já expliquei, pelo menos parcialmente.
A cooperação é sempre uma lei vibrante e necessária, e podes acrescentá-la à nossa lista de leis que regem o universo interior.

Ora, esta criação constante do universo físico não é mantida através de um subconsciente localizado algures entre duas orelhas, por detrás da testa. O subconsciente individual, como expliquei, é o resultado de um agrupamento psíquico de recursos e capacidades. É um "gestalt", mantido e formado pela consciência generalizada e cooperativa de cada átomo e molécula de que o corpo físico é composto.

Cada átomo individual, dentro da sua consciência generalizada, tem a capacidade, em certa medida, de construir a sua porção de energia em construção física. É extremamente importante que compreendas este facto e percebas que as células individuais, por exemplo, não perdem individualidade neste processo e ganham

imensamente, sendo toda a estrutura física do corpo o resultado desta cooperação entre células que são, por sua vez, o resultado da cooperação entre átomos e moléculas…

A tua vida, acredita ou não, é, na sua essência, um acontecimento simultâneo. Tu apenas a percebes em câmara lenta.

O verdadeiro significado e o verdadeiro desenrolar da tua vida ocorrem ao nível do cumprimento de valores, em termos de compreensões, experiências psicológicas e realizações que não ocupam espaço e que são independentes do tempo tal como o conheces.

Não podes perceber nem a consciência nem a compreensão, condensadas e latentes, no esperma, e depois no feto, antes da construção completa do corpo humano; tal como não podes ver ou perceber a compreensão ou a consciência que ainda estão presentes quando ocorre a chamada morte.

Isto não significa que um ser humano não contenha consciência antes do momento, ou ponto arbitrário, do nascimento. Apenas dizes que a vida começa aqui. No entanto, dizer isso não invalida o facto de que a consciência começou muito antes.
A tua decisão arbitrária de que a consciência termina com a alteração das propriedades físicas no ponto arbitrário que chamas de morte não invalida o facto de que a consciência não termina aqui. Há uma metamorfose que ocorre com a transição do feto para um ser humano completo e em miniatura no nascimento. Esta mudança não é muito estudada, porque ocorre para além do alcance dos teus sentidos exteriores. No entanto, esta metamorfose envolve, em aparência, uma mudança tão grande que parece impossível.

No outro extremo, por assim dizer, há também uma mudança que não percebes, e não a percebes porque, tal como a consciência constrói o feto a partir do plano interior, também agora a consciência está a começar a entrar noutro plano, onde está igualmente para além da tua perceção…

ES3 - pág 65

Não existe uma única realidade. Existem muitas, de facto, infinitas realidades. Não há princípio nem fim. Quando se fala em princípios e fins, está sempre

implícita a ideia de que deve existir apenas uma realidade, e que essa realidade deve ter um início no tempo e um fim no tempo.

Tenho tentado explicar as distorções que fazem com que tais questões pareçam intrinsecamente válidas, mas é apenas a partir da vossa própria perspetiva que pensam em termos de princípio e fim, e apenas por causa das limitações autoimpostas é que continuam a seguir essa linha de pensamento.

As realidades fundem-se umas nas outras. As personalidades, ou qualquer tipo de energia individualizada, podem atravessar várias realidades. A aparência da energia numa determinada forma poderia ser considerada como tendo terminado nessa forma, se não existisse o presente espaçoso, no qual todas as realidades são simultâneas.

Poderia, portanto, com alguma justificação, deixar-vos continuar a acreditar em começos e fins, e omitir as explicações mais complexas, mas esse não é o meu modo de agir. E, a menos que seja forçado a isso, não gosto de diluir a informação para a tornar mais fácil de digerir.

É verdade que os "gestalts" piramidais de que falei podem ser considerados como fundindo-se numa entidade unitária e até sublime, mas isto é uma simplificação grosseira.

Teremos uma sessão dedicada quase inteiramente à natureza dos "gestalts" de energia, e verás que, embora esses "gestalts" de energia piramidais, por um lado, alcancem um carácter unitário e uma inteligência sublime, por outro lado formam apenas uma aproximação do conceito que o homem faz de Deus. Esse "gestalt" unitário, que podemos chamar — e prefiro-o ao termo "Deus" — o "gestalt primário de energia", pode ser concebido como abrangendo todas as realidades, ou existindo nas infinitas realidades de que falámos.

No entanto, dentro deste "gestalt" primordial e unitário, existe novamente uma diversidade infinita e literalmente inúmeras personalidades. E estas personalidades que compõem o "gestalt" psíquico primordial não são dependentes nem submissas a nenhuma personalidade dominante dentro do próprio "gestalt".

Este material exigirá algum estudo. Reconhecerás talvez uma certa semelhança entre este conceito e o conceito cristão da Trindade, exceto que o conceito de Trindade, embora insinue uma diversidade dentro da unidade primordial, foi, no

entanto, distorcido pelo próprio sentido dualista que o homem adotou — uma ilusão infelizmente aceite.

O conceito de Trindade, nos vossos termos, é um conceito masculino, projetando no conceito de um Deus único a dualidade que toda a humanidade sente, mas, como a teoria teve origem no masculino, a dualidade é expressa segundo o ponto de vista do homem.

Tendes, na Trindade, o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Aqui o homem tenta exteriorizar uma divisão que sente dentro de si, individualmente. Ele é filho, e depois pai, e sempre dentro de si sente essa parte ou eu interior que não pode ser visto por outro, que não é nem pai nem filho, mas que está presente enquanto ele é pai, e enquanto é filho.

Isto é, naturalmente, o Espírito Santo, ou aquilo que ele concebeu nesses termos. Quando tentou formular mais profundamente o seu conceito de Deus, projetou então sobre ele esses mistérios do eu…

ES3

Como breve nota aqui, mencionei certa vez a Crucificação, dizendo que foi uma realidade e uma atualidade, embora não tenha ocorrido no vosso tempo. Aconteceu onde o tempo não é como o conhecem. Aconteceu no mesmo tipo de tempo em que um sonho ocorre, e a sua realidade foi sentida de forma inegável por gerações, que a ela reagiram. Não sendo uma realidade física, influenciou o mundo da matéria física de uma forma que nenhuma realidade puramente física jamais poderia fazê-lo.

(Ver a 81.ª sessão para as declarações de Seth sobre a Crucificação. Esta sessão e a 96.ª, entre outras, abordaram largamente o conceito de Deus, os "gestalts" psíquicos, os mitos, etc.)

A Crucificação foi uma das realidades gigantescas que transformaram e enriqueceram tanto o universo dos sonhos quanto o universo da matéria, e teve origem no universo dos sonhos. Foi uma das principais contribuições desse campo para o vosso, e poderia ser comparada, fisicamente, à emergência de um novo planeta dentro do universo físico.

A realidade — a realidade física — do fogo foi uma tal contribuição feita pelo universo físico ao universo dos sonhos. O homem físico, ao observar o fogo, sonhou com ele, enriquecendo assim de forma incomensurável o universo dos sonhos. A sua

descoberta, no universo físico, da domesticação do fogo foi outra contribuição desse tipo para o universo onírico.

A ascensão de Cristo não ocorreu no tempo como o conheceis. É uma contribuição do universo dos sonhos para o vosso próprio universo, representando um conhecimento, dentro do universo onírico, de que o homem é, em última instância, independente da matéria física.